

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

UMA CARTOGRAFIA DO “FICAR” ENTRE OS ADOLESCENTES

VANDELÚCIA DE FÁTIMA FERREIRA DE SOUSA

JOÃO PESSOA

2010

VANDELÚCIA DE FÁTIMA FERREIRA DE SOUSA

UMA CARTOGRAFIA DO “FICAR” ENTRE OS ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado (MINTER IFPB Campus Cajazeiras - PB) do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Área de concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Processos de Ensino e Aprendizagem

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes.

JOÃO PESSOA

2010

S725c Sousa, Vandelúcia de Fátima Ferreira de.
Uma cartografia do "Ficar" entre os adolescentes / Vandelúcia de Fátima Ferreira de Sousa. -- João Pessoa: [s.n.], 2010.
172f. il.
Orientadora: Maria Lúcia da Silva Nunes.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE.

1. Educação. 2. Adolescentes-Relações Sociais. 3. Adolescentes - Sexualidade. 4. Ficar - Adolescência.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

VANDELÚCIA DE FÁTIMA FERREIRA DE SOUSA

UMA CARTOGRAFIA DO “FICAR” ENTRE OS ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado (MINTER IFPB Campus Cajazeiras - PB) do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Área de concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Processos de Ensino e Aprendizagem

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes.

Aprovado em 17 / 12 / 2010

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
(Orientadora) – PPGE

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto
(Examinador Interno) – PPCR

Profa. Dra. Idalina Maria F. Lima Santiago
(Examinadora Externa) - UEPB

Dedico este trabalho aos meus pais, Helena e José (*in memoriam*), pessoas simples e de valores sólidos, que, embora tendo uma educação formal rudimentar, mostraram-se sensíveis ao estudo e o valorizaram ao tempo em que deixaram aos filhos a escolha do caminho a seguir.

AGRADECIMENTOS

À profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes pelo acolhimento e compreensão a este trabalho e por suas orientações ao mesmo tempo realizadas com serenidade e sensibilidade, com calma e ponderação.

À profa. Dra. Sônia de Almeida Pimenta pela palavra amiga de incentivo e disponibilidade.

À profa. Dra. Marileide Melo pela colaboração a este estudo.

Ao prof. Dr. Luiz Pereira de Lima Júnior pelas sugestões iniciais que conduziram a novas buscas, a novos questionamentos.

À profa. Dra. Idalina Maria F. Lima Santiago por sua disponibilidade e pelas sugestões pertinentes e valiosas.

Ao prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto um agradecimento especial por sua generosidade e pela valiosa colaboração a este estudo a partir do Exame de Qualificação.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na pessoa do prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, pela presteza e atenção.

À direção do IFPB Campus Sousa na pessoa do diretor Francisco Cicupira de Andrade Filho, pela paciência, apoio e compreensão durante o percurso deste trabalho.

Aos colegas de Mestrado e em especial às companheiras Dorinha, Heloíza, Leuziedna e Dourivan, as quais, juntas, compartilhamos alegrias, preocupações, expectativas, sonhos.

Aos adolescentes participantes desta pesquisa, pela aquiescência em compartilharem conosco as suas ansiedades, inquietações, desejos, enfim , as suas experiências, um agradecimento especial.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

O desejo diz: 'Eu não queria ter de entrar nessa ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz'. E a instituição responde: 'Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém'.

M. Foucault (2008)

RESUMO

O presente trabalho discorre a respeito do “ficar” entre adolescentes na faixa etária entre 15 a 17 anos. O objetivo geral é realizar uma cartografia do “ficar” entre os adolescentes, partindo da apreensão dos relatos dos alunos de uma instituição da rede pública de ensino. Para tanto, busca-se compreender a sexualidade e as suas manifestações na adolescência; descrever a adolescência a partir das dimensões afetivas, sexuais e sociais; e, analisar as representações sobre o “ficar” através dos discursos dos sujeitos da pesquisa. Ao final do século XX, na década de 80, surge uma nova forma de relacionamento afetivo, o “ficar”, com a finalidade da busca do prazer. Caracteriza-se por ser informal, breve, fugaz, e implica em ausência de compromisso. O estudo parte do pressuposto de que, “o ficar” entre os adolescentes é influenciado pelas relações sociais e os vínculos, na forma como são constituídos na sociedade contemporânea. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva, de um estudo de caso específico. Utiliza como técnicas a observação simples, o questionário e os grupos de discussão. O desenvolvimento da pesquisa apontou para as seguintes conclusões: o “ficar” constitui-se como um código de relacionamento da atualidade a significar o novo, em sintonia com uma maior abertura para as questões que envolvem sexualidade, em consonância com o modo de vida da sociedade atual; porém, convive com a contradição expressa através de antigos valores que ainda fundamentam a visão da sexualidade entre os gêneros. É o mais breve dos relacionamentos, fundamenta-se na sua ligação com o erótico; nada exige a não ser o prazer e a satisfação do desejo. É valorizado pelos adolescentes que o vêem como a experiência necessária num momento em que ainda não desejam estabelecer vínculos.

Palavras-chave: Cartografia. O “ficar”. Adolescentes. Sexualidade.

ABSTRACT

The present work discourses about "being together" among adolescents aged 15 to 17 years. The general objective is to accomplish a cartography of "being together" among the adolescents, starting from the apprehension of the students' report of a public institution of teaching. For so much, it is looked for to understand the sexuality and its manifestations in the adolescence; to describe the adolescence starting from the affective, sexual and social dimensions; and, to analyze the representations on "being together" through the speeches of the research subjects. At the end of the twentieth century, in the 80's, a new form of affective relationship appears, the 'being together', with the purpose of seeking pleasure. It is characterized by being informal, brief, fleeting, and implicates no commitment. The study starts from the presupposition that, "being together" among the adolescents is influenced by the social relationships and the bonds, in the form as they are constituted in the contemporary society. The research is characterized as qualitative, descriptive, of a specific case study. It uses like techniques the simple observation, the questionnaire and the discussion groups. The development of the research pointed to the following conclusions: "being together" is constituted as a relationship code of the present time to mean the new, in syntony with a larger opening for the subjects that involve sexuality, in consonance with the way of life of the current society; however, it lives together with the expressed contradiction through old values that still base the vision of the sexuality between the gender. It is the briefest of the relationships, it is based in its connection with the erotic; nothing demands to not to be the pleasure and the satisfaction of the desire. It is valued by the adolescents that see it as the necessary experience in a moment in that they still don't want to establish bonds.

Word-key: Cartography. "Being together". Adolescents. Sexuality.

SUMÁRIO

1 O VIVIDO COMO APRENDIZADO	10
2 ALGUNS DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE	17
2.1 O discurso do cristianismo católico sobre sexualidade	26
2.2 O discurso dos especialistas: a ciência sexual.....	34
2.3 A sexualidade na contemporaneidade	43
2.4 A construção social da adolescência	55
2.5 O adolescente e a influência da cultura	66
2.6 As dimensões sociais, sexuais e afetivas da adolescência: o “ficar”	74
3 AS TRILHAS PERCORRIDAS	92
3.1 O território do “ficar”	92
3.2 O acolhimento das informações	94
4 O SENTIDO DO “FICAR” PARA OS ADOLESCENTES	100
4.1 Um olhar sobre a rotina dos adolescentes	100
4.2 Espaços do “ficar”	106
4.3 Sobre relacionamentos amorosos.....	114
4.4 As ocasiões em que o “ficar” acontece	125
4.5 O namoro a partir do “ficar”	127
4.6 A beleza física como pré-requisito	129
4.7 “Ficar” com um conhecido ou com um desconhecido	135
4.8 Restrições de algumas garotas em relação ao “ficar”	139
4.9 A relação sexual no “ficar”	141
4.10 A importância do amigo ou do grupo de amigos	142
4.11 Os métodos contraceptivos e a prevenção	146
4.12 A iniciativa no “ficar”	149
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	160
APÊNDICES.....	165
ANEXOS	170

1 O VIVIDO COMO APRENDIZADO

Trabalhar com adolescentes, inicialmente como psicoterapeuta e, posteriormente, também na área de educação, em uma instituição de ensino particular na função de coordenadora pedagógica, e, a seguir, como psicóloga de uma escola da rede pública de ensino, possibilitou-me acompanhar e compreender as inseguranças, os receios, as inquietações, o distanciamento necessário do meio familiar ao tempo em que ocorre a adoção dos companheiros de grupo como parceiros fundamentais na travessia rumo à fase adulta.

A conquista de uma nova identidade que os leva à tentativa de imprimir uma nova forma de comportar-se e distinguir-se, de maneira que fique caracterizada a diferenciação entre o seu mundo e o mundo adulto, característica facilmente observável no meio escolar, por vezes, constitui-se em fonte de atritos e divergências entre adultos e adolescentes. Esta forma de ser adolescente manifesta-se, inclusive, em relação ao modo como vivenciam a sua sexualidade. A maneira como se aproximam, abraçam-se, beijam-se, através do “ficar”, por vezes é vista com expressões de compreensão ou condescendência, ou de censura e recriminação pelo adulto que, em grande parte, parece não ser favorável a esta forma de relacionamento afetivo.

O “ficar” é considerado pelos estudiosos como um código de relacionamento amoroso em que o afetivo e/ ou sexual estão voltados para as sensações de prazer, num forte vínculo com o corporal.

Os motivos que me mobilizaram no sentido da realização de uma pesquisa sobre o “ficar” entre adolescentes têm como base o desejo de conhecer em maior profundidade esta forma de relacionamento adotada por eles, saber o que buscam através desta e qual o benefício que lhes proporciona, enfim, qual o seu significado para este grupo etário.

O que representa o “ficar” para os adolescentes: as suas expectativas, os seus anseios e dificuldades no que se refere a esta forma de relacionamento, e tem como finalidade a realização de um trabalho em educação que esteja em sintonia com as suas expectativas, dúvidas e questionamentos sobre sexualidade, no intuito de tornar possível a compreensão do seu comportamento amoroso, e, ao mesmo tempo, constatar, que deve haver diferenças entre o modo de pensar a sexualidade da sua geração, na forma como é concebida atualmente, e o modo de pensar

daquele adolescente de uma outra geração anterior à sua. O “ficar” continua manifestando-se da mesma forma e com as mesmas características do seu surgimento nos anos 80? Quem sabe, podem ter ocorrido mudanças sutis nessa forma de relacionamento no que se refere a este grupo etário. Acredito que sobretudo o adolescente poderá beneficiar-se deste estudo a partir da reflexão sobre a sua prática afetiva e sexual por meio deste código de relacionamento amoroso.

O sexo sempre despertou fascínio no ser humano. Misterioso e envolvente, essencial na existência humana, a sua vinculação com a cultura tornou possível o controle do seu exercício por meio da repressão sexual que, através do tempo, se manifestou por meio das interdições, normas, regras, permissões, com vista a disfarçar ou dissimular os conteúdos sexuais que são vistos como perigosos pela sociedade. Ao longo dos séculos, abordado em sua prática enquanto pecado pelo cristianismo e, posteriormente, enquanto assunto de ciência, seria representado pela fala dos especialistas e permeado por discursos até os nossos dias.

Nos últimos anos, porém, o que se tem verificado é que a sexualidade tem sido vista com mais naturalidade. Está havendo um discurso liberal com relação ao seu exercício, o qual se faz acompanhar por uma supervalorização da atividade sexual, aliada a uma superexposição do corpo. O significado manifesto dos discursos atualmente, seria o de que, vive-se um momento de maior liberdade em relação ao sexo, ou talvez, estes discursos propiciem uma ilusão de maior liberdade.

O adolescente busca, por meio do “ficar”, exercer a diferença, imprimir em seu estilo de vida uma nova forma de relacionamento, em que não seja difícil para ambos os gêneros a aproximação física ou amorosa, ao tempo em que ocorra a experiência em relação à sexualidade.

O “ficar” relaciona-se a um novo modo de ser. Surgiu no final do século XX, especificamente nos anos 80 e, apesar de designar um tipo de relacionamento exercido também por outras faixas etárias, tornou-se conhecido como uma forma de relacionamento afetivo efêmero, passageiro, adotada preferencialmente por adolescentes, pois, dentre outras, é a que mais expressa a sua cultura nos dias atuais.

No dia a dia de uma escola, em meio à convivência com adolescentes, tem-se a oportunidade de acompanhá-los em sua forma de relacionar-se com os seus pares e costuma-se observá-los em meio à manifestação da sua sexualidade, expressa

através do “ficar”. Durante os intervalos, ou até mesmo no horário das aulas, sempre há aqueles que estão mais envolvidos e ficam a trocar carinhos.

Sabendo que este tipo de relacionamento é costume entre eles, e, procurando compreendê-los quanto à forma de se expressarem em seu comportamento amoroso, busca-se o entendimento desta forma de relacionamento, por meio do “ficar” entre adolescentes de 15 a 17 anos e realizar este estudo com alunos e alunas de uma instituição da rede pública de ensino, que estejam na faixa etária acima referida.

Compreende-se que o “ficar” constitui-se num aprendizado, pois situa-se entre as primeiras experiências corporais do adolescente num período em que o amadurecimento sexual torna-o capaz para a relação sexual, assim, faz com que haja a busca do outro para a experiência do prazer e da afetividade. Por seu intermédio, ocorrem geralmente os contatos iniciais com alguém do sexo oposto. Contudo, indaga-se: diante de um momento em que o jovem traz em si questionamentos além de conhecimentos sobre o assunto, como se conduzirá este na vivência da sua sexualidade e nas questões a ela relacionadas?

Indaga-se ainda: que significação teria o “ficar” para esse adolescente? O “ficar” pode representar o desejo de estar com o outro e por meio deste outro, buscar o prazer, mas pode também significar o anseio pela autoafirmação, ou seja, o jovem tentaria atingir o *status* de adulto, utilizando para isto, o “ficar”. Talvez esta forma de relacionamento amoroso entre adolescentes seja influenciada pelas relações sociais e os vínculos, na forma como são constituídos na atualidade, os quais parecem ser um reflexo das transformações sociais nas sociedades pós-modernas e se caracterizam pela superficialidade das relações interpessoais, pois há todo um estímulo aos contatos passageiros e ao cultivo do individualismo. Outrossim, poderia ser um reflexo da atitude da sociedade frente à sexualidade neste momento histórico. Hoje, observa-se uma atitude no sentido de valorizar o desempenho, a performance, fato que ocorre inclusive em relação à vida sexual do indivíduo.

Segundo Cardoso (2000, p. 31-32), autores como Foucault, Deleuze, Guattari, mesmo atribuindo ao “discurso um papel central, optaram pelo desenvolvimento da relação entre o poder e o conhecimento”. Aquele autor atribui a esta vertente do pós-modernismo a retomada da noção de representação coletiva ou social nas ciências humanas.

Afirma Guattari (1999, p. 232) que, para ele e Deleuze, o desejo no campo social vincula-se à idéia de uma “economia coletiva, de agenciamentos coletivos de desejo e de subjetividade que, em algumas circunstâncias, alguns contextos sociais, podem se individualizar.”

Deleuze e Guattari conceituam e enfatizam a multiplicidade como elemento de fundamental importância para a compreensão dos fenômenos sociais e situa-se em contraposição aos pares binários como consciência - inconsciência, corpo – alma, por exemplo. Estes autores utilizam o rizoma, conceito originário da botânica, e numa analogia entre este e a forma como se processam e se disseminam os fenômenos, o contrapõem ao que denominam de pensamento arborescente. O primeiro está associado à multiplicidade, a movimento, à conectividade e heterogeneidade, dando possibilidade à realização de cartografias, através deste é possível se ter uma idéia acerca da complexidade dos fenômenos contemporâneos, e o segundo, associa-se à fixação, a um ordenamento.

Assim, compreende-se que o desejo e a subjetividade devem ser coletivizados e entendidos em suas múltiplas significações, ou seja, no que se refere ao “ficar”, na proposta deste trabalho, este deve ser abordado especialmente como característico da manifestação da sexualidade de um grupo, em sua complexidade, em seus processos de singularização, apresentando-se como uma forma de relacionamento pós-moderno, identificado com as transformações sociais deste tempo.

Tendo em vista as indagações a que se fez referência anteriormente, pretende-se, por meio deste estudo, compreender o adolescente em meio à manifestação da sua sexualidade, em sua forma de agir e de sentir, por meio desse código de relacionamento, através das suas práticas, dos usos, atos ou ações e sedução que porventura estejam a ele interligados.

O objetivo consistiu em realizar uma cartografia do “ficar” entre estes adolescentes, partindo da apreensão dos seus relatos. Tem como objetivos específicos: compreender a sexualidade e as suas manifestações na adolescência; descrever a adolescência a partir das dimensões afetivas, sexuais e sociais; e, por último, analisar as representações sobre o “ficar” através dos discursos dos adolescentes.

Cartografia é um vocábulo tradicionalmente ligado à geografia. Refere-se à composição de cartas geográficas e a estudo sobre mapas. Ao definir cartografia

Rolnik (2007, p. 23), faz referência às “paisagens psicossociais”, que segundo ela, também são “cartografáveis”. Diferentemente do mapa que é estático, significa movimento, busca o estudo das mudanças, das transformações. Ao cartógrafo, cabe acompanhar esses processos à medida que ocorrem.

Ainda sobre cartografia, diz Rolnik (2007), “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Assim, tem por objeto a atividade humana. De acordo com Guattari (1999, p. 134), “é através da cartografia das formações subjetivas que podemos esperar nos distinguir dos investimentos libidinais dominantes”. Interligada à micropolítica ela se contrapõe ao que está estabelecido, interessa acompanhar o que está ainda em processo.

Para Kastrup (2007), a cartografia consiste em um método proposto por Deleuze e Guattari e que vem sendo utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade. Não se procura um caminho linear para atingir um fim. Entretanto, em cada caso que se busque construir, é possível estabelecer algumas pistas na intenção de discutir, descrever, e, principalmente, coletivizar a experiência do cartógrafo.

As referências teóricas pouco importam, pois “teoria é sempre cartografia”. Dessa forma, o cartógrafo faz uso das mais variadas fontes, não apenas escritas e nem somente teóricas: um filme, um debate sobre determinado assunto, tudo é matéria de expressão para ele. Quanto aos métodos, ou modo de proceder, para a realização de uma pesquisa cartográfica, estes, devem ser concebidos em função daquilo que o contexto exige, ou seja, não há regras estabelecidas nesse sentido. Porém, a coerência dos conceitos, a intensidade da argumentação, entre outros, são cuidados que devem ser observados. Dessa forma, para Guattari (1999) o cartografar é, antes de tudo, um estudo de resgate da subjetividade nos dias de hoje, voltado no sentido de criar e produzir conhecimento.

A utilização do cartografar no “ficar” condiz com o caráter subjetivo da sexualidade, da emoção, ou até mesmo do afeto que possam estar presentes ou subjacentes numa dinâmica simbólica a envolver esse código de relacionamento amoroso, visto enquanto processo na produção dos seus diversos significados.

O acolher dos fragmentos das experiências dos adolescentes, à medida em que ocorrem, mesmo aparentemente destituídas de sentido imediato, conduz o

cartógrafo a uma atenção que busca, explora, rastreia o que está ainda em processo. Localizar as pistas, os signos, é fundamental para o cartógrafo em sua atitude investigativa.

Buscou-se a compreensão sobre a forma de se conduzirem durante o exercício da sua sexualidade, levando em consideração os fatores que estiveram relacionados e presentes em seus discursos. Fundamental nesta empreitada é que haja sensibilidade e uma atenção que se caracterize pela falta de foco, que esteja atenta a todos os detalhes para captar o que, por vezes, não é expresso verbalmente, mas se constitui em algo valioso na análise de uma determinada situação.

Para fundamentar o trabalho, buscou-se apoio em autores como Michel Foucault, (1998, 2007, 2008a, 2008b); Gilles Deleuze, Félix Guattari (1972); Philippe Ariès, (2006); Marilena Chauí, (1991, 2007); Guacira Lopes Louro (2002; 2007, 2008); Maria Rita de Assis César, (1998); Georges Bataille, (1988); Jurandir Freire Costa, (1998); Thales de Azevedo, (1986); Jaqueline Chaves, (2001); Suely Rolnik, (2007); Zygmunt Bauman (1998); Lucia Castello Branco, (2004); Daniel Becker, (1986); José Sterza Justo (2005), entre outros, suporte teórico necessário para argumentação e desvendamento de possíveis questionamentos.

Este trabalho se propõe a abordar a sexualidade tendo como objetivo realizar uma cartografia do “ficar” entre adolescentes, no intuito de seguir as linhas que conduzem a essa forma de relacionamento característica da sociedade contemporânea. Para alcançar tal intento, aborda a sexualidade buscando situá-la ao longo do tempo, a partir do discurso do cristianismo católico medieval, como um contraponto ou suporte à questão central.

Está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo é este em tela e apresenta os motivos que me levaram à realização da pesquisa. O vivido como aprendizado refere-se também ao “ficar” enquanto relacionamento vivido pelo jovem na proposta deste trabalho. Também nesta parte buscou-se demonstrar a forma como foi desenvolvido, o fio condutor que conduziu à sua realização.

No segundo capítulo, procurou-se discorrer sobre a sexualidade humana por meio de um breve relato em que foi enfatizado o papel desempenhado pela igreja católica e também pela ciência, através dos discursos dos especialistas, e sobre a sexualidade na sociedade contemporânea. Ainda neste capítulo, procurou-se também apresentar a adolescência, a construção social desta categoria, a cultura

em sua influência atuando por meio da mídia ou indústria cultural, no sentido de modelar e forjar identidades adolescentes. Também foi visto como importante para a concretização da finalidade deste estudo a abordagem das dimensões sociais, sexuais e afetivas da adolescência em sua interrelação com este código de relacionamento conhecido como o “ficar”.

No terceiro capítulo, considerando que o objeto de pesquisa diz respeito ao “ficar” entre adolescentes, são apresentados os aspectos metodológicos e os meios necessários à realização desta investigação, além do desenvolvimento da pesquisa. O campo e a população são descritos, bem como os adolescentes participantes deste estudo.

No quarto capítulo, através da apresentação dos resultados, buscou-se discorrer a respeito das representações do “ficar” nos discursos dos adolescentes, sujeitos desta pesquisa, por meio da apreensão do sentido deste código de relacionamento afetivo para eles e elas, através da abordagem das atitudes, das emoções e sentimentos, das expectativas e apreensões que possam estar presentes em seus relatos.

Considerações Finais é a parte do trabalho na qual são mencionadas as contribuições dessa investigação para a temática delimitada.

2 ALGUNS DISCURSOS SOBRE SEXUALIDADE

A sexualidade manifesta-se em todas as fases da vida humana, do nascer ao morrer. Concebida nos dias atuais por muitos como algo natural e inerente ao ser humano, ela excede em muito o mero componente biológico, deixando de ser um simples instinto associado à reprodução.

Associada naturalmente ao biológico, ela entretanto o ultrapassa e até mesmo o sobrepuja. Exercida não somente com a finalidade de procriar, tampouco com a finalidade exclusiva da obtenção do prazer, pois tem na relação sexual apenas um dos seus aspectos, a sexualidade deve ser abordada de forma mais ampla, um fenômeno que envolve a vida humana, a existência como um todo porque está presente em todas as atividades do ser humano, mesmo naquelas que aparentemente não estejam associadas ao sexo.

De acordo com Louro (2007, p. 11), a sexualidade compreende uma “dimensão social e política [...] envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções [...] Processos profundamente culturais e plurais”.

A cultura e o momento histórico de uma sociedade exercem influência significativa na forma como os indivíduos se conduzem com relação à sua sexualidade. Na passagem entre o biológico e o cultural, ocorre o que Chauí (1991) define como deslocamento do que apenas era concebido como natural para o cultural, momento em que a sexualidade passa a receber não somente a influência, mas a estar sob o signo da repressão.

A sexualidade humana é influenciada intensamente pela cultura. Chauí em sua obra, “Repressão sexual essa nossa (des)conhecida” (1991), faz uma análise da sexualidade através do tempo e, nessa trajetória, detém-se na repressão sexual característica a cada época na sociedade ocidental. Definindo e situando a repressão ao sexo, afirma Chauí (1991, p. 9):

a repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras, estabelecidos historicamente e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades como uma torrente impetuosa e cheia de perigos.

A repressão parece agir no sentido de orientar e disciplinar a vida sexual dos indivíduos, para que estes tenham um comportamento aceitável em relação ao sexo no meio em que vivem. A restrição à liberdade sexual é algo que desde sempre

acompanhou o ser humano. A interdição em relação à sexualidade o acompanha e faz parte do seu viver.

Por sua vinculação com a cultura, a sexualidade humana é cerceada por mitos, tabus, leis e dogmas. A proibição do incesto, de acordo com diversos autores, entre eles, Freud, (1972); Bataille (1988); Chauí(1991), representa o primeiro dos interditos.

Segundo Bataille (1988), as relações sexuais entre parentes consanguíneos, pai e filha, mãe e filho, irmãos, causam horror ao ser humano e constitui-se numa violência, daí a necessidade de regras para reprimir tal violência e manter a ordem social. A interdição, neste caso, tão remota, justifica-se devido vir ao encontro do desejo de sobrevivência do grupo social, e a sua eficácia significa a interiorização inconsciente da proibição, a sua internalização.

De acordo com o dicionário Aurélio (1986, p.1638), o vocábulo tabu origina-se do polinésio tabu e significa sagrado, invulnerável. Furlani (2003, p. 87), parafraseando Goldenson e Anderson, afirma que “os tabus sexuais podem ser atos, palavras ou símbolos sexuais proibidos numa dada sociedade por motivos religiosos ou sociais.”

As proibições, os tabus, a censura são conteúdos negativos ligados à repressão. Proibições, como a do incesto, acompanham a sexualidade desde os seus primórdios, durante a formação dos grupos sociais primitivos. A sua existência decorreu da necessidade de normas e regras para a manutenção do grupo social. A antropologia social interessa-se em estudá-las no intuito de entender formas de comportamento cristalizadas em função de proibições ocorridas num tempo tão remoto da vida humana.

Entretanto, por mais paradoxal que possa parecer, a proibição caminha ladeada pela transgressão. Assim, de acordo com Bataille (1988, p. 55-56), “[...] não há proibição que não possa ser transgredida [...] A proibição existe para ser violada”. Para este autor, a proibição envolve o irracional, o ilógico, o emocional. Um tipo de emoção evidentemente oposta àquela que fez o indivíduo obedecer, pode levá-lo à violação do proibido. Afirma ele ainda que “Só o horror e o terror insensatos podem subsistir junto aos desmedidos excessos. E essa é a natureza do tabu” (BATAILLE, 1988, p. 55).

A tragédia escrita por Sófocles a partir de um antigo mito grego, intitulada Édipo-Rei, traz à baila a questão do incesto e da sua transgressão. Mito considerado

exemplar e central, no que se refere à abordagem da sexualidade humana e da sua repressão, tem como triângulo as figuras do pai, mãe e filho. Amor, rivalidade, ciúme e culpa são os sentimentos que movem os seus personagens. Fundamentando-se em Édipo-Rei, Freud (1972, p. 233) elaborou o conceito do complexo de Édipo o qual é tido como nuclear e considerado como uma das pedras angulares da psicanálise. A partir da análise dos seus pacientes e da sua autoanálise, foi levado a reconhecer que o ser humano, à semelhança do mito edípico, vivia os mesmos sentimentos em relação aos pais. Para ele, este complexo “representa o ápice da sexualidade infantil que, através de seus efeitos ulteriores, exerce decisiva influência na sexualidade dos adultos”. Da resolução deste complexo dependerá uma vida saudável.

Segundo Laplanche e Pontalis (1983), no cerne deste conceito encontra-se a ameaça de castração a qual constitui-se em fator decisivo no sentido da renúncia ao incesto. A proibição liga-se à fantasia, ao inconsciente. Neste caso, a forma como ocorre este processo, de acordo com os autores, vai além do recalçamento, pois torna-se necessário suprimir ou destruir tal complexo que, sob a forma de recalque, ficaria retido no id¹ podendo manifestar futuramente a sua ação doentia.

Laplanche e Pontalis em seu Vocabulário da Psicanálise, assim referem-se ao Complexo de Édipo:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. Sob a sua chamada forma *positiva*, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual da personagem do sexo oposto. Sob a sua forma *negativa*, apresenta-se inversamente: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, estas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.

Segundo Freud, o complexo de Édipo é vivido no seu período máximo entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. Conhece na puberdade uma revivescência e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto.

O complexo de Édipo desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano.

¹ Id: Instância psíquica que constitui o polo pulsional da personalidade; os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, em parte hereditários e inatos e em parte recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é para Freud o reservatório primitivo da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são diferenciações dele. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983).

Os psicanalistas fazem dele o eixo de referência principal da psicopatologia, procurando para cada tipo patológico determinar os modos da sua posição e da sua resolução[...] (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p.116)

Na teoria psicanalítica, a sexualidade se encontra presente na infância desde o seu início e manifesta-se, através do desenvolvimento da criança, por meio de fases ou estágios do desenvolvimento libidinal. Parte-se do princípio de que ao amadurecimento do corpo, ocorre paralelamente a maturação das pulsões². Caracteriza-se nesse período da vida, pelo autoerotismo, ou seja, a atividade sexual não é direcionada a um objeto sexual, já que, por ser autoerótica a satisfação se dá através do próprio corpo da criança.

O período de latência mencionado anteriormente por estes autores é vivido a partir dos seis anos de idade até a puberdade. A esse respeito dizem ainda Laplanche e Pontalis (1983, p. 341):

[...] segundo a teoria psicanalítica, o período de latência tem a sua origem no declínio do complexo de Édipo; corresponde a uma intensificação do recalçamento – que tem como efeito uma amnésia que cobre os primeiros anos – a uma transformação dos investimentos de objetos em identificações com os pais e a um desenvolvimento das sublimações.

Desta forma, compreende-se que ao viver o período de latência, a criança terá evoluído quanto ao complexo de Édipo e à sua resolução. Neste momento, a censura, representada pelo “superego, herdeiro do complexo de Édipo” (Clapier-Valladon, 1988), as relações sociais que serão constituídas e as pulsões, que diminuem em intensidade, contribuem para o fortalecimento desse período.

Discorreu-se sobre a proibição no propósito de ilustrar um dos elementos mais fortes que constitui a repressão à sexualidade. Nesse caso, nada mais representativo que o tabu de caráter universal como o que se refere ao incesto.

De acordo com Chauí (1991), o fenômeno repressivo tanto quanto o da sexualidade, sempre existiu, o que é relativamente recente é a sua conceituação, a qual surgiu no século XIX.

² Pulsão: É o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética), fator de motricidade que faz tender o organismo para um alvo. Apresenta uma fonte: excitação corporal e um alvo que busca a supressão do estado de tensão da fonte pulsional. Por meio do objeto a pulsão pode atingir o seu alvo. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983).

No texto “A ordem do discurso”, Foucault (2008) refere-se aos procedimentos de exclusão que costumam ocorrer com certa frequência na sociedade ocidental e, segundo este autor, o que mais se conhece e faz parte da rotina de cada um é a interdição. A respeito da interdição, afirma Foucault (2008a, p. 9):

[...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes.

Com efeito, a sexualidade e a política parecem ser o lugar das interdições por excelência. Ressalta-se o cerceamento ao discurso sobre sexualidade, citando as interdições que se fazem presentes em meio a este discurso onde desejo e poder encontram-se associados, e, sobretudo, a vinculação do discurso com o desejo, visto que se encontra a serviço do poder, sendo representado através da fala de alguns que se acham no direito privilegiado de exercê-lo.

Ainda sobre o discurso, diz Foucault (2008a, p. 10):

[...] as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

A articulação entre desejo e poder torna possível a manipulação do discurso em seu conteúdo. O desejo é aquele que permanece latente manifestando-se apenas quando autorizado em nome da verdade; porém, onde se encontra a verdade sobre o sexo? Neste discurso interdito, o que é possível entrever como verdadeiro, se as palavras são ilusórias e não refletem o real?

Em seus escritos, Foucault (1998, 2007, 2008a, 2008b) procura demonstrar que as sociedades modernas, embora tenham sido submetidas a regras, interdições,

enfim, à repressão, no entendimento de Foucault (1998, p. 230), percebe-se que: “[...] as proibições existem ao lado de incitações, manifestações e valorizações. São sempre interditos que são enfatizados”.

No que se refere aos discursos, estes parecem ter sido redimensionados, contidos e, em seu lugar, oportunizado o surgimento de um outro tipo de discurso, aquele discurso que representa o poder e é emitido por quem de direito está autorizado a exercê-lo. Assim, paradoxalmente, falava-se muito sobre sexo, buscava-se a verdade sobre ele, enquanto a própria sexualidade era contida, sufocada.

A partir da análise que se fundamenta na significação e no papel desempenhado pela linguagem, Foucault, em contraposição ao modelo biológico de sexualidade, detém-se nos acontecimentos histórico-culturais. Em um tratamento não linear no que se refere a épocas e sociedades, o autor investiga a verdade sobre o sexo, a forma como esta se produz, prolifera e infiltra-se em diversos segmentos sociais; também procura averiguar sobre a vontade de saber e a maneira como o poder a esta entrelaçou-se.

O poder, para Foucault, nem sempre deve ser associado à repressão. Este também deve ser considerado em seus aspectos positivos. Na Analítica do poder de Foucault, é referido por Maia (1995, p. 85-86) como primeiro traço a ser enfatizado, “o abandono de uma visão tradicional do poder onde sua atuação se basearia fundamentalmente em seus aspectos negativos: proibindo, censurando, interditando, reprimindo, coagindo, etc”.

Na visão de Foucault, o poder produz, cria, poder e prazer não se encontram em lados opostos. Para o entendimento do poder nessa perspectiva, é necessário que haja uma mudança da concepção em que este era visto unicamente como constituído por aspectos negativos.

A respeito desta visão sobre o poder, argumenta Foucault (1998, p. 8):

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Na obra “História da sexualidade: a vontade de saber” (2007), de acordo com Foucault, desde a época clássica até o início do século XVII, o sexo era tratado com

certa espontaneidade e franqueza. Entretanto, ainda o século XVII tornou-se reconhecido como o início do período da repressão característica da sociedade burguesa; neste momento, fez-se necessário o disfarce, o silêncio e a redução do sexo ao nível da linguagem em que o discurso era censurado para que se exercesse sobre ele um controle mais eficaz. No decorrer dos três últimos séculos, a sociedade, à medida em que vive transformações em relação ao sexo, passa por um deslocamento no que se refere às estratégias do poder, o qual se reflete na significação do sexo colocado em discurso e na proliferação desse discurso.

Ainda sobre a obra “História da sexualidade: a vontade de saber”, sobre o que denomina de “Hipótese repressiva” em que analisa a repressão à sexualidade no século XIX, o autor procura demonstrar o papel e a significação dos discursos sobre sexualidade marcados pela incitação e pelos deslocamentos das estratégias de poder. Em suas palavras, diz Foucault (2007, p. 56): “Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação”. O autor posiciona-se a favor do abandono dessa hipótese repressiva, pois nesse momento, poder e prazer encontram-se articulados, interligados por meio de práticas, das instituições que regulamentam essas práticas, juntamente com as interdições deste período, segundo Foucault (2007, p. 51), exercidas por meio dos “discursos, das observações, dos exames, das confissões e confidências”.

Apesar de não discordar da interdição do sexo ao longo da Idade Moderna, afirma, entretanto, Foucault (2007, p. 18-19):

[...] ser ilusão fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso.

Neste caso, a incitação aos discursos sobre sexualidade são enfatizados, enquanto, por outro lado, a repressão desse período foi considerada pelo autor como uma hipótese ilusória, insuficiente, que se constituiria apenas em peças de uma engrenagem em todo esse complexo mecanismo do poder e do saber. A repressão, por si só, constitui-se em um elemento que por si mesmo não explicaria

toda a dinâmica desses dispositivos de poder, de saber, de verdade e de prazeres; pois ao fazê-lo, estaria incorrendo num reducionismo, deixando de abordar aspectos importantes a serem considerados sobre sexualidade a partir da era vitoriana. Foucault, neste momento, não parece dar tanta ênfase à repressão do sexual em si, mas sim, à incitação permanente a que se fale do sexual, seja por meio do dito ou do não dito. Assim, o seu pensamento sobre a sexualidade desse período diverge de autores, como Chauí, que aborda a sexualidade dessa época tão somente sob o prisma da repressão.

Chauí (1991) parece estar mais próxima da forma de pensar da psicanálise. Diz acreditar no inconsciente e no desejo, ou seja, no simbólico. Para Laplanche e Pontalis (1983, p. 619), a psicanálise atribui à sexualidade um papel fundamental no que refere ao “desenvolvimento e a vida psíquica do ser humano”, busca analisar o discurso sobre sexualidade, valorizando assim, o desejo, o simbólico, através do conteúdo recalcado no inconsciente.

Sobre o pensamento foucaultiano, afirma Chauí (1991, p.182):

[...] a liberação sexual para este autor, se for possível, não passa pela crítica da repressão sexual, mas pelo abandono da perspectiva do desejo, isto é, do simbólico [...] e também pelo abandono do discurso da sexualidade e do objeto sexo e pela descoberta de uma nova relação com o corpo e com o prazer.

Assim, o que é referido por Chauí como a “idéia central” (1991) do pensamento foucaultiano manifesta-se em oposição à concepção da teoria psicanalítica sobre sexualidade e à visão da própria autora sobre o tema. Para este autor (2007), o sexo encontra-se associado ao poder, circunscrito e delimitado historicamente pelo dispositivo da sexualidade; entretanto, a liberação em relação a este dispositivo dar-se-á pelos corpos e prazeres, ao invés do sexo-desejo.

Foucault busca o entendimento da sexualidade por meio do estudo das formações discursivas, do seu conteúdo, através de uma análise onde detecta e avalia as relações de poder da sociedade. A sua intenção, ao empreender tal tarefa, explica-a (1998, p. 229): “Não quero fazer a crônica dos comportamentos sexuais através das épocas e das civilizações. Quero seguir um fio muito mais tênue: o fio que em nossas sociedades durante tantos séculos ligou o sexo e a procura da verdade”.

A partir de um tratamento não linear no que se refere a épocas e sociedades, o histórico-cultural é abordado pelo autor na procura da verdade sobre o sexo, aliada à vontade de saber, em que o poder sobre o sexo se entrelaçou e produziu-se.

Em “Microfísica do poder”, Foucault (1998, p. 244) revela um conceito fundamental para a compreensão da sexualidade, trata-se do dispositivo da sexualidade. Em suas palavras, entende como dispositivo, “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante”. Assevera sobre dispositivo, como sendo:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Inserido num jogo de poder, ligado a formas de saber que dele se originam e também o condicionam, tal conjunto referido pelo autor, significa estratégias de relações de força, assim sendo, pode-se avaliar a rede que se constitui entre estes elementos de dispositivos a significar a força, o poder. Por meio do dito ou do não dito, consegue-se dissimular ou ocultar uma situação ou uma realidade. O silêncio poderá ser representado como recurso ou estratégia, utilizado para uma determinada finalidade, até mesmo para a produção de discursos. Poder e saber estão interligados nesta rede por meio de estratégias de relações de força. Estas relações de forças, estes dispositivos não são os mesmos em todas as épocas e nem em todas as culturas.

É sabido que autores considerados pós-estruturalistas, a exemplo de Foucault, Deleuze e Guattari, opõem-se à concepção de ciência da modernidade, que se propõe a estudar o ser humano de forma idêntica ao estudo dos fenômenos naturais, a fim de conferir maior credibilidade a suas pesquisas, e assim, adota procedimentos que se atêm na ordenação, na objetividade, na neutralidade científica. Tal concepção de ciência exerceu influência sobre a psicanálise que ilustra bem essa busca pela cientificidade desde o princípio, através do uso de uma aparente neutralidade no trato com o humano e de um discurso vinculado ao modelo médico.

Integrada ao estruturalismo, faz uso de uma visão de mundo que coisifica o humano e o social, sob uma ótica generalista da realidade, as suas definições apresentam-se como verdades absolutas. O estruturalismo, de acordo com Schilling (2002), reduz a importância do que é singular, subjetivo, e o indivíduo passa a ser concebido como subordinado por forças impessoais, no que se refere à psicanálise, apesar da existência do ego, o indivíduo é regido por impulsos do inconsciente. Assim, ele é compreendido como consequência de sistemas impessoais. Os fenômenos são observados sob uma perspectiva a-histórica. Importa o estudo dos elementos ou das estruturas tidas como relevantes para a análise de determinados fenômenos abordados através de suas metateorias.

O pós-estruturalismo, enquanto vertente filosófica representada pelos autores acima referidos, considera como fundamental a ultrapassagem desse cientificismo. Constitui-se como relevante em seus estudos considerar a história, o meio cultural, a sua relação intrínseca com o momento histórico; importa a singularidade, a subjetividade, a multiplicidade. Assim, a micropolítica contrapõe-se à macropolítica, à neutralidade, à generalização, ao reducionismo, ao transcendentalismo.

Este estudo tem por finalidade desenvolver uma cartografia sobre o “ficar”, código de relacionamento amoroso entre adolescentes. Para cumprir tal intento propôs-se seguir um trajeto no qual a sexualidade é abordada, sob uma perspectiva histórica e cultural, em períodos considerados fundamentais para a sua compreensão hoje, na pós-modernidade. Considerando e enfatizando o discurso sobre sexualidade e as estratégias em meio às relações de poder que o integram ao longo dessa trajetória. Para cumprir tal intento buscou-se a sua fundamentação em autores como Foucault e Deleuze.

Para efeito deste trabalho, na próxima seção aborda-se a sexualidade sob a influência do cristianismo católico.

2.1 O DISCURSO DO CRISTIANISMO CATÓLICO SOBRE SEXUALIDADE

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre a visão do cristianismo a respeito da sexualidade. Busca-se o entendimento do sexo como pecado e o seu significado para esta religião. Entre as diversas tendências cristãs por abordar, fez-se a opção pelo cristianismo católico por haver representado durante períodos históricos, entre eles, o Medieval e a Idade Moderna, a religião da maioria da

população da sociedade ocidental. Apesar de não exercer mais a sua hegemonia nos dias atuais devido à difusão de outras religiões, especialmente a evangélica, a religião católica ainda exerce influência considerável no que se refere à moralidade da sociedade ocidental, essencialmente no que concerne à relação com o corpo e com a sexualidade.

O tema, aparentemente, parece estar dissociado da sexualidade da sociedade contemporânea, entretanto, o cristianismo, em sua visão sobre sexualidade, especialmente desde os seus primórdios, através do pensamento dos primeiros padres, influenciou e ainda parece influenciar o indivíduo através da sua moral cristã em relação ao corporal e ao espiritual, bem como, suscitando a culpa em relação ao sexo. Ademais, às vezes, o que parece estar aparentemente desvinculado tem alguma associação com o assunto em pauta e o sexo enquanto pecado, trata da transgressão de um interdito.

Houve uma época em que a sexualidade era reconhecida como uma influência nefasta sobre o comportamento humano. Vista como o mal, o pecado que poderia levar a humanidade à destruição, ela foi condenada, escamoteada e sofreu interditos. Com base em textos bíblicos do livro Gênese, os monges da Idade Média clamavam contra o sexo e culpabilizavam os seres humanos por terem sucumbido à tentação e cometido o pecado original.

Porém, de acordo com Castello Branco (2004), culturas como as orientais não “esvaziaram o erotismo de seu conteúdo sagrado e afastaram de maneira tão radical os desejos do corpo dos desejos do espírito”, embora, também convivam com a repressão. Na civilização ocidental, entretanto, erotismo e religiosidade encontram-se separados, desarticulados. Numa cisão entre corpo e espírito, o cristianismo elege o espírito e despreza o corpo. Nesta perspectiva, diz a autora (2004, p. 46): “o corpo, na ideologia cristã é reduzido ao estado de corpus (cadáver, em latim), em seu eterno repouso e absoluta inércia”.

As culturas orientais buscam há séculos a harmonia entre corpo e espírito, interligando-os, buscando a totalidade do ser. No que se refere ao ocidente, esta dissociação entre corpo e espírito ou alma, agravada pela condenação ao sexo, parece ter agido no sentido de impregnar a cultura no decorrer do tempo, chegando a atingir até mesmo as sociedades contemporâneas.

Representante maior do cristianismo patrístico³, Santo Agostinho ilustra a mudança da concepção da sexualidade entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média. Havia a necessidade de um corpo de doutrina para essa nova religião, então as suas concepções filosóficas estruturaram-se no pensamento de filósofos gregos, como Platão, que concebia a dualidade corpo-alma. Assim, a partir da herança da tradição filosófica grega, Agostinho desenvolve a sua teologia, porém as suas posições de ordem moral levam-no à divergência e ao distanciamento do pensamento daquele filósofo.

Sobre Agostinho, diz Catonné (2001, p. 53-54): “Tendo vivido nos séculos IV – V entre outras coisas, afirmava que o pecado era transmitido de geração a geração por meio do ato sexual”. Filósofo, sua teologia e suas posições, ele as justifica a partir da interpretação do pecado original e das suas próprias vivências. Pregava o arrependimento, a culpa e a obediência; o discurso religioso centrava-se no pecado original e as posições defendidas por este monge, sobrecarregadas por um discurso de conteúdo moral, enquanto representativo, traçava desde esta época um esboço do posicionamento da igreja em relação ao sexo.

De acordo com Costa (1998), para Agostinho, a ascese cristã somente seria conseguida após uma longa e árdua caminhada contra a concupiscência. Nesse exercício prático espiritual que leva à virtude ou à plenitude da vida moral, para conseguí-lo, a alma, que parecia estar doente, impregnada pelo pecado original, à semelhança do corpo, necessitava purificar-se. Este trajeto, na busca da virtude, não dependia tanto da autonomia humana, mas sim, principalmente da intercessão divina.

Agostinho esboçava assim, diretrizes a serem seguidas pelos cristãos nesses novos tempos. A partir da interpretação do pecado original, na ótica deste monge, os cristãos deveriam, antes de tudo, reprimir os seus desejos, serem humildes, dependentes e conviver com a culpa decorrente da queda de sua condição junto a Deus. Enquanto ser dependente, o indivíduo não poderia ter autonomia sobre si, sobre os seus atos.

Segundo Costa (1998, p. 85), “É nesse contexto que o sexo emergiu como um argumento contra as idéias de livre arbítrio, liberdade, autogoverno ou autonomia da

³ Patrístico adj. referente à patrística. (FERREIRA, 1986). Representa o pensamento dos padres da igreja primitiva. Refere-se à filosofia cristã desenvolvida nos sete primeiros séculos após a época do Novo Testamento. Tem como seu representante de maior destaque, Agostinho.

vontade na teologia agostiniana”. Para se cumprir tal concepção, tornar-se-ia necessário a existência de proibições, interdições, exclusões, regras, normas, todo um arsenal repressivo do qual a igreja lançaria mão para conseguir o seu objetivo. As práticas de penitências, punições, autoflagelações constituem-se, de acordo com diversos autores, dentre eles, Costa (1998); Chauí (1991); Catonné (2001), sobretudo em formas de expiar a culpa pela concupiscência.

De acordo com Costa (1998), a carne, além de representar o corpo ou o sexo, significava sobretudo o pecado, a culpa ou o signo da falta que levou Adão a colocar em primeiro plano a sua vontade em detrimento da vontade de Deus, incorrendo na transgressão da lei divina. Entre os desejos da carne, o sexo era o que inspirava mais temor por ser aquele que se rebela, que se insurge e se obstina. O impulso sexual forte e persistente, neste caso, provocou o pecado da desobediência vindo a causar o sofrimento de toda a humanidade.

No modo de pensar de Agostinho, a alma ou o espírito devem exercer a supremacia sobre o corpo e a matéria. A alma, criação divina, deverá direcionar o corpo, que é transitório, para a prática do bem. Entretanto, o ser humano, naturalmente inclinado para o pecado, ao fazer mau uso do livre arbítrio, inverteu essa relação, tornando-a submissa ao corpo, e o espírito, que é divino, subordinado à matéria, que é mundana.

Observa-se que as interpretações de Agostinho são de cunho moral. A culpa é uma constante em seu discurso. Culpa a humanidade e a si próprio por seus desejos e por ser um pecador e assim, recorre à penitência como uma forma de aplacar este sentimento, como forma de se redimir. A título de ilustração, Agostinho citava passagens da sua própria vida. Para Costa (1998, p. 86), nas “Confissões”, esse monge relata a sua luta contra a concupiscência, dá um testemunho da intensidade e do poder da libido diante da sua vontade.

Num texto intitulado “Sexo e amor em santo Agostinho”, afirma Costa (1998, p. 80-81):

A definição ideal de si como alguém que pode dominar o impulso erótico na relação com o outro transformou-se na figura de um sujeito às voltas com suspeitas e temores quanto aos ardis da libido. O controle dos atos eróticos pela vontade soberana se converteu em vigilância dos pensamentos, imagens, sensações e sentimentos íntimos [...] De agora em diante o que importava era o controle sem tréguas de pensamentos.

Agostinho parecia um ser atormentado, tentando, por meio de um esforço constante, reprimir os desejos, os impulsos eróticos, os quais representavam, para ele, uma abominação. As suas teorias, transformam-se em obsessões que se voltam contra si próprio.

Segundo Costa (1998, p. 82), nesse momento, com a “conversão de Constantino em 312-313, o cristianismo havia sido aceito como a religião oficial romana”. Agostinho expressa um discurso condizente com a nova situação do cristianismo. Torna-se, então, o porta-voz de um discurso que não admite interferências, com o poder de afastar aquele que não partilhar dos seus argumentos, da sua teologia.

Para Chauí (1991, p. 86), o pecado original representa a “[...] transgressão de um interdito concernente ao conhecimento do bem e do mal. Seu primeiro efeito: a descoberta da nudez e o sentimento da vergonha, de um lado, e o medo do castigo, de outro. Seu segundo efeito: a perda do paraíso”.

O pecado original traz ao ser humano o discernimento acerca do bem e do mal e a consciência da sua fragilidade. A perda do paraíso significa a aceitação de si enquanto ser mortal, separado de Deus e, nesta condição, passível de dor e sofrimento. Diz-se que este pecado representa uma queda, porque assinala a finitude humana. O ser humano é corpóreo, a sua existência é breve, efêmera e reproduzirá a sua finitude. A morte é a única certeza da sua breve existência. De acordo com diversos autores entre os quais, Bataille (1988); Chauí (1991); Castello Branco (2004), sexo e morte se interrelacionam. O sexo é encarado como o mal porque perpetua essa finitude.

Ao falar sobre a associação entre sexo e morte, afirma Chauí (1991, p. 87):

A vinculação do sexo com a morte e, consequentemente, do sexo com a procriação, faz com que na religião cristã a sexualidade se restrinja à função reprodutora. Embora o sexo esteja essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas ainda mais pecaminosas, colocadas sob a categoria da concupiscência e da luxúria e como pecados mortais. Além disso, como o sexo é função vital de um ser decaído, quanto menor a necessidade sexual sentida, tanto menos decaído alguém se torna, purificando-se cada vez mais.

O sexo é então dissociado do prazer. Na visão da igreja católica, deve ser reprimido em sua manifestação e apenas praticado para a finalidade da procriação,

pois, representando o mal, a intensidade da sua prática atestará o quanto o indivíduo está em pecado.

Ao referir-se à religião em termos do legado que deixou para o ocidente, afirma Castello Branco (2004, p. 44):

O cristianismo, ao estigmatizar nossa sexualidade como pecadora, termina por expulsar o erotismo das esferas do sagrado e por destituí-lo de seu caráter abrangente, totalizador [...] somos condenados a viver um erotismo profano, dessacralizado.

De acordo com a visão cristã, apenas seria admissível a prática do sexo com a finalidade da procriação. Ultrapassado este limite, o sexo passaria a ser visto como pecado, e os impulsos que o orientam seriam considerados como perigosos.

Mudanças na moral sexual do catolicismo cristão, ocorridas de forma lenta e gradual, vieram a se consubstanciar no século XIII. Inicialmente condenado, a transformação lenta da concepção do matrimônio que é associado ao pecado carnal, em seu início, se dá através de São Paulo e Santo Agostinho que o descrevem como remédio contra os pecados da carne; no decorrer do tempo, diz Chauí (1991, p. 91), o matrimônio passará então a ser considerado como um escudo protetor contra a “[...] fornicação, adultério, masturbação e homossexualismo”. Dessa forma, será considerado pela igreja um sacramento, e, portanto, enquanto sacramento, indissolúvel e universal.

Em épocas anteriores, o casamento não era universal nem tampouco indissolúvel. Chauí (1991, p. 93-94) faz menção à forma como as pessoas lidavam com a questão. O casamento nesse período parecia ser determinado por motivos de ordem prática; “[...] nem todas as pessoas precisavam ou deviam casar-se, como é o caso das prostitutas”. Um dos motivos inclusive para evitar-se o matrimônio seria a possibilidade da existência de muitos herdeiros para dividir o patrimônio e, além disso, a alta taxa de mortalidade fazia com que houvesse a necessidade de que alguns jovens se mantivessem solteiros, caso houvesse a necessidade de substituir algum cônjuge.

A igreja, enquanto lutava pela hegemonia, ia fazendo concessões, até o momento em que se viu detentora do poder. Nesse momento, ao final do século XIII, impôs a esses grupos o casamento na forma como era concebido por ela, ou seja, enquanto sacramento, portanto indissolúvel, a ser realizado por um padre numa cerimônia pública. Afirma Chauí (1991, p. 95) que “o controle eclesiástico do

matrimônio favorece à nobreza e à realeza, facilitando sua implantação”. À igreja interessava o controle da aristocracia por meio do matrimônio e à aristocracia importava a manutenção do patrimônio familiar, a garantia da preservação dos seus bens. Dessa forma, o controle através do matrimônio veio ao encontro de ambos os poderes: eclesiástico e aristocrata.

Contudo, havia a necessidade de exercer o controle em relação à mulher. Fonte de todo mal, de acordo com o pecado original, a responsável pela queda e, nesse caso, pela desventura humana. E assim, de acordo com Chauí (1991, p. 99), a repressão sexual é exercida sobre a mulher por meio do “controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino”.

A criança também é olhada com discriminação. Ao fazer referência a essa forma de tratamento, é ilustrativo uma passagem a que se reporta essa autora. Para Chauí (1991, p. 97) sobre ela, já à sua época, referia-se Agostinho: “A debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças”. Dessa forma, prepara-se, desde já, para a vigilância às crianças a qual será intensificada a partir do momento em que a infância se caracterizar como um período distinto de vida. A mensagem subjacente era de que não poderia haver inocência naquele que nasce de uma mulher.

Uma das formas mais eficientes de repressão realizadas pelo cristianismo tem sido a confissão. Desde os primórdios até os dias atuais, esta prática continua a fazer parte do dia a dia dos indivíduos, atendendo às necessidades de cada época através de sucessivos deslocamentos.

Inicialmente, buscava-se averiguar a ação com o intuito de julgá-la pecaminosa. Em seguida, buscava-se investigar a intencionalidade dos atos. Enfim, o pecado podia estar presente não apenas no indivíduo, através do seu corpo, mas no ambiente em que vivia. Cabia ao confessor identificar o menor indício do pecado. A confissão, no decorrer do tempo, além de buscar averiguar sobre a intimidade através da investigação minuciosa a respeito da prática do sexo pelo casal, tinha a função de investigar com o intuito de julgar e punir, especialmente durante a época da inquisição. A confissão consistia também em atos espontâneos ou não, nos quais o indivíduo diante de um outro, supostamente investido de poder, relataria a sua verdade sobre o seu comportamento sexual.

Sobre as confissões, afirma Foucault:

Desde a Idade Média, pelo menos as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão que vem em seguida; o recuo, na justiça criminal, dos processos acusatórios; o desaparecimento das provações de culpa (juramentos, duelos, julgamentos de Deus); e o desenvolvimento dos métodos de interrogatório e de inquérito; a importância cada vez maior ganha pela administração real na inculpação das infrações – e isso às expensas dos processos de transação privada – a instauração dos tribunais de inquisição, tudo isso contribui para dar à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos (FOUCAULT, 2007, p. 66).

A igreja católica exerceu influência sobre os indivíduos, modelando-lhes o comportamento. Aos poucos, no decorrer do tempo, passou a exercer a função de inquisidora, encarregando-se de vigiar e punir formas de comportamento consideradas por ela como rebeldes ou heréticas ao cristianismo. A Idade Média, sobretudo, e o início da Modernidade constituíram-se em períodos históricos quando a igreja, detentora do poder, reprimia e punia aqueles que fossem suspeitos de não lhes seguir os preceitos fielmente.

A confissão, procedimento pelo qual se pode observar, acompanhar e vigiar mais de perto o comportamento do indivíduo na sua intimidade, acompanha o homem ou a mulher desde a época medieval e, com o passar do tempo, foi sofisticando os seus métodos, buscando o exercício do controle e do poder sobre os indivíduos, fazendo-os falarem sobre si, examinarem as suas consciências. Por meio dela, as formações discursivas manifestam-se como instrumento de controle do indivíduo.

Com o passar do tempo, as confissões, com técnicas cada vez mais arrojadas, ultrapassaram os limites dos confessionários ou dos interrogatórios e inquéritos da Inquisição e passaram a se manifestar enquanto formações discursivas em busca de revelar a verdade sobre o sexo.

De acordo com Foucault (2007), a partir do século XVIII os discursos sobre o sexo se multiplicam, e não mais se atém às questões religiosas como núcleo central. Aquele discurso obediente, lamurioso, aos poucos vai se transformando em um discurso racional, que se caracteriza por dizer a verdade sobre o sexo. Entre os séculos XVIII e XIX, surgem discursos cuja característica é a racionalidade e a cientificidade: os discursos dos especialistas sobre sexualidade.

2.2 O DISCURSO DOS ESPECIALISTAS: A CIÊNCIA SEXUAL

Os séculos XVIII e XIX constituem-se cenário de um deslocamento do discurso sobre sexo. Antes, centralizado na temática religiosa, tinha como foco o pecado original e, em consequência desse pecado, a queda do ser humano. Nesse momento histórico, os especialistas, por meio de um discurso racional, representam o poder através do saber sobre sexo. Por meio do cientificismo, buscar-se-á exercer o controle sobre os indivíduos, disciplinando-os. Assim, a tecnologia da carne cede espaço à tecnologia do corpo ou do sexo.

Surgida ao final do século XVIII e desenvolvida no decorrer do século XIX e início do século XX, essa forma de controle é exercida sobretudo pela ciência através de um discurso que se caracteriza pela busca da verdade sobre o sexo. Tanto quanto o discurso religioso, este é exercido pela opressão, ainda em defesa da prática sexual apenas com a finalidade de procriação e pela discriminação da criança, da mulher e do homossexual. Destacam-se, por sua atuação intensa nesse sentido, a medicina, o direito, a economia, a pedagogia, a demografia, entre outras.

Conforme Castello Branco (2004, p. 49), “Com o advento da teoria evolucionista de Darwin e das idéias positivistas de Augusto Comte, no século XIX, todos os fenômenos passaram a serem compreendidos como resultantes de leis naturais invariáveis”. A sexualidade não poderia escapar a este cientificismo, ao contrário, representou essencialmente a área de estudo e preocupação desses homens da ciência, os quais buscam exercer o poder através do saber sobre o sexo. Há uma curiosidade no sentido de verificar o que é verdade ou falsidade sobre o tema.

Foucault (2007, p. 65-66) faz referência a dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo; um deles é a *ars erotica* (arte erótica) desenvolvida no Oriente e o outro é o da *scientia sexualis* (ciência sexual), no Ocidente.

Sobre a arte erótica, diz Foucault (2007, p. 65-66):

a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por interferência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual,

para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de uma infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia a sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado.

A arte erótica integra corpo e espírito e conduz à harmonia do indivíduo. Nela, a verdade é a resultante do próprio prazer, o qual, não se encontra vinculado a interferências nem a um sentido utilitário. Diferentemente da concepção oriental de sexualidade, a civilização ocidental parece ter herdado do catolicismo cristão a concepção que implica na separação entre sagrado e profano, associados ao que é puro e impuro, respectivamente; corpo e espiritualidade são separados também pela mesma razão, pois o espiritual liga-se ao divino, enquanto o corpo, de acordo com a herança religiosa do catolicismo cristão, se prende às questões mundanas que não enobrecem o ser humano e, por fim, o ocidente distingue-se da civilização oriental no que se refere à sexualidade, por uma visão utilitária do sexo.

Em referência à ciência sexual, afirma Foucault (2007, p. 66):

[...] desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão.

Os procedimentos da confissão fazem parte da história e do modo de vida do homem na sociedade ocidental; o discurso sobre si mesmo, espontâneo ou não, passou a ser referendado como uma confissão da verdade. Na ciência sexual, fala-se de sexo, há um estímulo aos discursos sobre o tema. Ao indivíduo é solicitado neste momento, não mais um discurso lamurioso sobre os seus atos, mas, um relato, uma descrição do que ocorre com o seu corpo, com o seu modo de viver, sobre a sua prática sexual: com quem pratica, onde, quando e a forma como o faz.

Tais procedimentos, de acordo com Foucault (2007, p. 74-76), transmutam os rituais da confissão sobre o sexo em formas científicas, através da codificação das técnicas do “fazer falar”. Neste caso, a confissão encontra-se articulada a um conjunto de sinais e sintomas a serem decodificados, através de técnicas tais como a hipnose e a associação livre. Um segundo procedimento de confissão refere-se à “postulação de uma causalidade difusa e geral”, em que nada se deve ocultar sobre o sexo, pois ele é considerado a fonte de tudo o que ocorre, está associado à causa de tudo; um outro procedimento, refere-se à “latência intrínseca à sexualidade”, em

que, busca tratar não apenas do que o indivíduo gostaria de ocultar, mas, essencialmente, do que se esconde ao próprio indivíduo, pois o que aparentemente não é sexual pode muito bem apresentar tal significação. O “método da interpretação” é um procedimento através do qual o discurso deverá ser decodificado ou traduzido num discurso de verdade; finalmente, a “medicalização” resultante da confissão leva à classificação da sexualidade em normal ou patológica e aos tipos de anomalias e disfunções relacionadas à conduta sexual. Nesse contexto, a confissão desempenha um papel crucial enquanto terapêutica que por meio do relato sobre o sexo subsidiará o diagnóstico, e também enquanto forma de tratamento.

Dessa forma, o sexo passa a ser regulado pela ciência; saber e poder articulam-se na busca da verdade sobre o sexo. Considerando a proliferação dos discursos, o sexo é submetido a uma existência discursiva e subordina-se às instituições científicas. Segundo Foucault (2007, p. 30), “por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. [...] sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais”. O que seria considerado a partir desse momento em nível de discurso, não mais seria unicamente o aspecto moral, mas, a racionalidade como algo novo e necessário.

Para Foucault (2007, p. 31), as técnicas de poder se encarregarão de regulamentar a população e não mais indivíduos ou povo, enquanto problema econômico ou político relativo à riqueza, mão de obra, capacidade de trabalho e crescimento populacional; com suas próprias especificidades e variáveis tais como “natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de habitat”, as quais constituem-se em pontos de interligação entre o indivíduo e as instituições. Trata-se da regulamentação ligada ao biopoder que a partir desse momento encarrega-se do coletivo em suas diversas manifestações em referência à vida em suas condições de existência.

O dispositivo de sexualidade, diz Foucault (2007, p. 31-32), encontra-se no cerne das questões econômicas e políticas. A “taxa de natalidade, a idade do casamento, a frequência das relações sexuais ou das práticas contraceptivas” são aspectos que passam a ser analisados pelos demógrafos. De acordo com Maia (1995), a partir desse novo objeto, população, toda uma nova tecnologia do poder

passa a se estruturar: o poder disciplinar e o biopoder atuarão de forma integrada no sentido de um controle permanente e eficaz dos corpos.

Um dos recursos mais utilizados neste período é o discurso, um outro é o da observação. De acordo com a visão da época, o futuro e o desenvolvimento econômico da sociedade estão diretamente relacionados ao modo como o sexo é praticado. Com base nessa concepção, a população passa a ser objeto de análise e de intervenção em sua vida sexual. A técnica da observação será utilizada na intenção de vigiar os atos dos indivíduos em relação ao sexo. Segundo Foucault (2007, p. 32), as condutas sexuais serão analisadas “nos limites entre o biológico e o econômico”.

Dá-se início a campanhas sistemáticas onde o comportamento dos casais em sua vida sexual é utilizado, pois o Estado necessita saber sobre a prática do sexo dos cidadãos para melhor exercer o controle sobre eles.

A este respeito, afirma Foucault (2007, p. 33):

[...] Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.

O fortalecimento do poder político torna possível uma invasão e um controle cada vez mais agressivo e intenso por parte do Estado. De acordo com o autor, os racismos dos séculos XIX e XX encontraram nessa forma de ação destas instituições, principalmente entre aquelas exercidas pelo poder político e econômico, alguns dos seus pontos de fixação.

Nessa perspectiva, o sexo é investido por um discurso que expressa saber e poder; em nome do saber, manipulam-se os indivíduos, o direito à privacidade é ignorado e o saber exercido pelos especialistas impõe-se às famílias e dita as normas; entre outras, como se deve praticar o sexo. A disciplina atua como forma de controle e exercício de poder sobre os corpos, que podem ser utilizados, transformados e aperfeiçoados e à semelhança de uma máquina, docilmente se submetem à manipulação de forma a se tornarem úteis. A vigilância também é um mecanismo fundamental da sociedade moderna, ela é utilizada nas escolas, nas fábricas, nas prisões e inclusive entre as famílias de modo a se exercer o controle sobre a sexualidade dos seus membros. Para melhor observar e vigiar os

indivíduos, utiliza-se o modelo do panóptico. Através desse recurso arquitetônico, poucos vigiam muitos e a sensação daqueles que são submetidos a esse procedimento é a de que são diuturnamente mantidos sobre vigilância.

O sexo das crianças durante muito tempo permaneceu oculto. De acordo com Ariès (2006, p.11), no século XVI ainda não existia infância enquanto período diferenciado de vida; associava-se infância à dependência, saía-se dela quando se saía da dependência. A criança era vista como um adulto em miniatura, dessexualizada. A partir dos “Três Ensaios sobre sexualidade”, em 1905 e com o pequeno Hans, Freud afirmou a existência da sexualidade na infância, a qual manifestava-se através das fases do desenvolvimento libidinal. As suas declarações, apesar de muito contestadas, lançaram luz sobre algo até então desconhecido, oculto e ignorado por todos: a sexualidade infantil.

De acordo com Foucault (2007, p. 61), antes de Freud ter se pronunciado sobre sexualidade, o discurso sobre esse tema por parte de cientistas e teóricos, era um discurso constrangido ou permeado por preconceitos, que agia no sentido de “ocultar o que dele se falava”.

Entretanto, no entendimento de Foucault, apesar dessa contribuição, a psicanálise também assimilou o rito da confissão e buscou a produção da verdade por meio de um discurso aparentemente neutro sobre sexo, inserindo-se assim entre as técnicas de poder a serviço da ciência sexual. Nessa ótica, a psicanálise não teria libertado a sexualidade da repressão desse período. E é patente como a modernidade por meio da ciência sexual regulamentou e geriu o trinômio poder – saber – prazer.

A ciência sexual consolida-se no século XIX e, segundo Foucault (2007), inscreve-se em dois registros: o da biologia da reprodução, a qual se desenvolvia de acordo com as normas da ciência e o da medicina voltada para as questões do sexo, a saber: a higiene sexual e a terapia de doenças sexuais ou venéreas, a impotência masculina e a frigidez feminina. De acordo com o autor, a primeira expressava a vontade de saber através do discurso científico e a segunda obstinava-se aparentemente em não-saber. Mascarar a verdade sobre o sexo é algo que se encontra subjacente a essa postura.

Sobre os discursos científicos à época, afirma Foucault (2007, p. 61):

[...] era uma ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, referia-se sobretudo, às suas

aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas. Era também uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas.

Aparentemente neutra, caracterizava-se pelo interesse desses homens de ciência em detectar o que é saudável ou perverso e em decorrência do exposto determinar as formas lícitas ou ilícitas de prazer. Os fenômenos marginais deveriam ser analisados para que uma vez detectados, fossem mantidos à margem, e os indivíduos “normais”, a salvo, para conservarem a sua saúde e integridade.

A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passa a se constituir em um problema a ser resolvido mediante a intermediação da pedagogia, a qual, através de um discurso que privilegia o tema sexualidade, encarrega-se de codificar conteúdos e qualificar aqueles indivíduos considerados aptos a falarem sobre o tema. Seriam os porta-vozes do discurso sobre o sexo das crianças e dos adolescentes os educadores, os médicos, os pais. Todos eles se encarregariam também de falar sobre sexo com a criança no intuito de obter, por parte dela, confissão sobre sua sexualidade.

A sociedade disciplinar, por meio da vigilância e da supervisão, exercia a tendência do poder panóptico, semeando o pânico em relação à questão da masturbação infantil. A sexualidade da criança coloca a todos em alerta permanente; projetos são desenvolvidos e as construções de colégios, as normas disciplinares, entre outras providências, são realizadas, de forma a se observar, vigiar e através destes dispositivos e das estratégias discursivas, proceder, também, a uma educação sexual na tentativa de evitar preventivamente a prática da sexualidade dessa clientela, especialmente, o onanismo⁴.

Segundo Foucault (2007, p. 36), a pedagogia incumbiu-se da educação das crianças, a medicina tomou sob sua responsabilidade as mulheres e sua histerização bem como aqueles indivíduos “doentes dos nervos”; a psiquiatria incumbiu-se das doenças mentais e suas causas, da sua relação com o onanismo, os exageros e “as fraudes contra a procriação” e das perversões sexuais como pertencentes ao seu campo de estudo. Houve uma mobilização no sentido de se realizar uma descrição metódica acerca do sexual na intenção de procurar descobrir

⁴ Onanismo refere-se à prática da automasturbação. (FERREIRA, 1986).

o doentio quando nem se tinha noção sobre o seu “normal”. Tais instituições criaram a eugenia e a medicina das perversões.

A sexualidade também foi manejada durante um longo tempo pela justiça penal, sobretudo no século XIX através de controles que filtravam a sexualidade dos casais, dos filhos, dos pais e fazia uso de várias estratégias, mas, sobretudo, da propagação dos discursos em que tornava mais intensa a consciência de um perigo constante.

A histerização do corpo feminino, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso são descritos por Foucault (2007, p. 114-116) como os “[...] quatro grandes conjuntos estratégicos” passíveis de distinção “a partir do século XVIII, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo” e que aos poucos foram se consolidando.

Na histerização, o corpo da mulher é extremamente sexualizado e a ela é reservado apenas o papel da mãe e da histérica ou doente dos nervos; com relação às crianças, a sua pedagogização explica-se devido à sua sexualidade difusa ou polimorfa, e por desconhecimento de uma sexualidade saudável, pressupõe-se que pode ocorrer o comprometimento da sua sanidade física e mental devido aos riscos associados sobretudo ao onanismo; assim, faz-se necessário uma vigilância constante. A socialização das condutas de procriação faz parte de um outro grupo estratégico e diz respeito ao controle demográfico. Através dele incita-se ou reprime-se a conduta dos casais com relação à procriação com o intuito de regular ou controlar a incidência dos nascimentos. Por último, a psiquiatrização do prazer perverso, antes abordado como pecado, nesse momento passa a significar a doença. O sexo concebido como instinto biológico circunscreve-se a funções fisiológicas; como instinto, também se submete a desvios e funções, pois, em seu desenvolvimento pode ser perturbado por causas endógenas ou exógenas, produzindo as perversões.

Assim, a homossexualidade é abordada enquanto doença ou perversão. A título de ilustração registra-se a experiência vivida por Oscar Wilde, escritor, que em final do século XIX, é preso durante dois anos pela prática de homossexualismo. Abandonado, esquecido enquanto escritor, Wilde antes de morrer em 1900, escreve um texto denominado *De Profundis* e nele, menciona Chauí (1991), empreende uma reflexão sobre a condição em que se encontra e a punição a que foi submetido;

conclui que a sociedade, ao punir o indivíduo, age no sentido de aliviar aquilo que envergonha a si própria.

Para Foucault (2007, p. 54-55), a sociedade burguesa dos dois últimos séculos caracteriza-se fundamentalmente pela perversão e fragmentação. Explica-o:

Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. Não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas. Não a exclui, mas inclui no corpo `a guisa de modo de especificação dos indivíduos. Não procura esquivá-la, atrai suas variedades com espirais onde poder e prazer se reforçam. [...] produz e fixa o despropósito sexual.

Essa perversão, a que o autor denomina de explosiva e que caracterizou a sociedade moderna, é claramente assumida em sua condição perversa por meio dos discursos e das instituições. O que a qualificou dessa forma foi a maneira como o poder foi levado a efeito e se manifestou em relação ao corpo e à sexualidade, apesar do moralismo e da hipocrisia da época. A perversão é o resultado da interposição de um determinado poder sobre os corpos e os prazeres.

Através do entrelaçamento entre prazer e poder, observa-se a partir do século XIX, segundo Foucault (2007, p. 56), “[...] os inumeráveis lucros econômicos por meio da medicina, da psiquiatria, da prostituição e da pornografia, que se vincularam ao mesmo tempo a essa concentração analítica do prazer e a essa majoração do poder que o controla”.

O dispositivo da aliança, que se encarregava de regular a vida sexual dos casais e preocupava-se com a lei na determinação do lícito e do ilícito, ocupava-se em regular os matrimônios e a preservação do patrimônio dos cônjuges. A partir do século XVIII, não atendia mais aos processos econômicos e às estruturas políticas daquele momento histórico. Sem que aquele fosse anulado, o dispositivo de sexualidade aos poucos se sobrepôs a ele. O dispositivo de sexualidade, tal como o dispositivo da aliança, liga-se às relações sexuais, mas de uma outra maneira, de uma forma oposta: o dispositivo de sexualidade não se atém a vínculos nem a status entre cônjuges, não se ocupa das sexualidades singulares como ocorre com o dispositivo da aliança; interessa a esse dispositivo o corpo e as suas sensações,

prazeres e impressões. Liga-se à economia por meio de variadas articulações e no centro delas, o corpo.

O corpo, nessa perspectiva, é encarado como veículo de produção e consumo. As preocupações com a reprodução foram deixadas para trás, com o dispositivo da aliança. Para Foucault (2007, p.118), “[...] O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. Com o dispositivo da sexualidade em ação, o que importa é a proliferação das diversas formas de sexualidade. É a diversidade sexual que recebe maior atenção e não a singularidade.

Na sociedade moderna, o positivismo exerceu a sua influência por meio dos cientistas da época através das diversas disciplinas. A burguesia em ascensão submete-se a esses controles antes mesmo das classes populares que vieram a sentir os seus efeitos por último. Enquanto a criança, o adolescente, a mulher, o homossexual das classes ascendentes eram orientados, tratados e contidos em sua sexualidade, o proletariado era utilizado como força de produção. Seus corpos eram utilizados a serviço da revolução industrial do século XIX, por exemplo. Assim, as tecnologias da sexualidade parecem ter compactuado num acordo tácito a serviço da burguesia em ascensão.

Nas sociedades disciplinares dos séculos XVIII e XIX, são enfatizadas a eugenia e a degenerescência de raças que, aliadas a uma política estatal invasora em relação ao direito à liberdade e à privacidade do indivíduo, contribuem, nesse momento e mais adiante, no século XX, para o estabelecimento de racismos.

Ao final do século XIX surge a sexologia, a qual, na concepção de Weeks (2007), fundamentando-se na “psicologia, na biologia e na antropologia, além da história e da sociologia”, busca explicar a sexualidade como um instinto natural, como uma força e energia de enorme intensidade a exigir satisfação. Dessa forma, supõe-se que a biologia esteja na origem de tudo e a tudo explique, principalmente a sexualidade.

Em nome da ciência, procura-se analisar os mais variados acontecimentos sob a perspectiva biológica ou ligada a causas naturais. Nesse período, destaca-se, de acordo com Foucault (2007), a produção da sexualidade e não o seu contrário, a repressão ao sexo. Os discursos sobre sexualidade são abundantes e o século XX também presencia a proliferação desses discursos dos especialistas: médicos,

psiquiatras, psicólogos, sexologistas ou pedagogos sexuais, que buscam examinar e diagnosticar o indivíduo. A confissão continua presente e em posição relevante, e o relacionamento entre aquele que confessa e o outro, representado pelo especialista, continua eivado de sedução e de prazer. A ênfase continua a ser o corpo.

2.3 A SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

O início do século XX é marcado pela grande influência das sociedades disciplinares, o sexual continua a ser biologizado, o saber sobre o tema é detido pelos especialistas, há uma incitação a se falar muito sobre o sexo por meio destas instituições, e a eugenia, juntamente com a degenerescência das raças, encontra-se no centro das questões estratégicas do saber – poder a pretexto de melhoria ou purificação das raças.

Período reconhecido pelos historiadores, entre outros, Hobsbawm (2008), como um dos mais violentos da história da humanidade, marcado por graves crises políticas e econômicas, duas Grandes Guerras e profundas transformações, geradas também por movimentos socioculturais, o século XX também presenciou o progresso científico e a emergência da mulher após séculos na obscuridade.

Dentre os movimentos socioculturais relacionados à sexualidade, estão o movimento feminista e os de gays, lésbicas e bissexuais, e o da contracultura, os quais lutam por representatividade. Também o negro, discriminado, marginalizado encontra atmosfera propícia para reivindicar direitos até então não reconhecidos. A esse respeito serão tecidos alguns breves comentários, por entender que o capital, em meio a uma profunda crise em busca de renovação, ensejou a movimentos sociais, dentre eles, o feminista. Em sua luta por liberação de uma condição desigual, o feminismo influenciou significativamente as instituições sociais, dentre elas, o casamento, a família, além dos valores estabelecidos, contribuindo e dando início a um processo de individualização e a formas de relacionamento características da sociedade capitalista da atualidade.

No início do século XX, algumas reações favoráveis ao feminismo foram esboçadas. Simone de Beauvoir, em 1949, lança o seu livro de maior repercussão, “O segundo sexo”. Esta obra exerceu enorme influência à época, no sentido da reflexão sobre a condição feminina. A autora problematiza logo nas primeiras páginas, ao perguntar: “o que é uma mulher?” Mais adiante, afirma (1980, p. 7-10):

“[...] a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto: ela é o Outro”. Observa-se o empenho da autora no sentido de empreender a desconstrução do feminino enquanto algo “natural”, significando apenas o “Outro” do homem. Tal posicionamento, de acordo com Swain (2001, p. 140), é resultante de toda uma reflexão teórica voltada para os movimentos feministas e busca constituir o sujeito “mulher”. Através da articulação desse movimento, a mulher objetiva ser vista sem discriminação, como um ser diferenciado do homem, com qualidades e capacidades. Trata-se do despertar da consciência feminina.

Sobre o feminismo, afirma Swain (2001, p. 141):

O feminismo, enquanto um movimento político transformador, insere-se em um campo de poder/saber na medida em que interroga e desconstrói a naturalização dos corpos em papéis e práticas sociais, e ao mesmo tempo produz e critica seus próprios discursos em desdobramentos que contemplam as variáveis etnia, classe, raça, e o próprio sexo biológico na constituição do sujeito “mulher”. O sujeito dos feminismos é assim múltiplo e se desloca de um grupo definido e do indivíduo singular, pois produz-se em um movimento complexo e dinâmico, na análise das engrenagens de constituição do corpo/ sujeito/ sexo, na experiência das práticas sociais generizadas – enquanto mulher – e na crítica ao quadro epistemológico no qual se insere seu próprio discurso.

A desconstrução da naturalização dos corpos em papéis e práticas sociais, para Swain (2001, p. 142), é realizada através da busca do “desvelar os discursos de verdade sobre o humano e seus recortes sexuais/ sexualizados”. Para esta autora, o pensamento foucaultiano vem ao encontro da análise feminista, neste aspecto. De fato, para Foucault (1998, p. 268), “o que existe de importante nos movimentos de liberação da mulher é o fato de terem partido do próprio discurso que era formulado no interior dos dispositivos de sexualidade”.

Assim como as mulheres através do discurso buscaram visibilidade e voz para si, numa luta histórica iniciada em finais do século XIX, os homossexuais iniciaram movimentos, também, a partir do discurso e da busca da sua verdade.

De acordo com o pensamento foucaultiano, a sexualidade pode ser expressa de diversas formas, os desejos e os prazeres do corpo podem ser vividos de muitas maneiras. Ao final da década de sessenta, com a liberação dos costumes, movimentos homossexuais também buscaram expressão para aqueles que através

dos tempos, nas sociedades ocidentais, foram condenados, desprezados, vistos como portadores de uma perversão, de uma anomalia, de uma doença e, portanto, estigmatizados.

Segundo Werebe (1998), os diferentes discursos manifestados ao longo do tempo, o moral, do catolicismo cristão, o jurídico e o médico-psiquiátrico da modernidade, ainda exercem a sua influência e surgem camuflados em nova roupagem no sentido da manutenção da discriminação, do estigma. A homossexualidade ainda vive sob o signo do preconceito, apesar de todas as conquistas empreendidas pelos seus representantes quanto à forma como é vista essa orientação sexual atualmente.

A homossexualidade não é mais considerada como doença, perversão ou desvio de conduta. Em final do século XX, passou a ser reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como uma forma de orientação sexual, porém, apesar do reconhecimento da ciência, ser homossexual ainda significa conviver com a discriminação.

De acordo com Foucault (1988), houve um período em que diferentemente das mulheres que, através da sexualidade podiam continuar ligadas aos sistemas de aliança aceitos socialmente, e em seu universo, buscavam conquistar um espaço em diversas áreas, os homossexuais masculinos e femininos incorriam num reducionismo ao delimitarem como meta, exclusivamente, o que se referia ao sexual. Além disso, a forma como vivenciavam a sua sexualidade deixava-os em situação de vulnerabilidade; a sua rejeição ou escolha contrária aos sistemas de aliança deixava-os à margem, aliados em relação a tais sistemas, e, portanto, em uma posição social desvantajosa. Outrossim, a própria prática sexual em si, no que se referia a eles e a elas, provocava reações desfavoráveis por parte da sociedade. Porém, com o transcorrer do tempo, os homossexuais, à semelhança das mulheres, também conquistaram espaços em diversas áreas através da realização de inúmeras mobilizações e no momento atual este grupo apresenta também uma diversidade de interesses, o que contribuiu para uma maior aceitação dessa categoria pelo meio social.

A mulher, enquanto ser no mundo, aos poucos irá conquistando espaços num universo masculino. Na década de 1960, estimulada pela descoberta de novos métodos anticoncepcionais, especialmente a pílula, empreende uma reação no sentido da liberação em relação à sexualidade. A pílula anticoncepcional traz para

ela, a possibilidade concreta da dissolução da angústia de uma gravidez indesejada e a possibilidade de realização do planejamento familiar. O direito ao prazer também é uma conquista a ser concretizada como consequência desse novo perfil que está a se delinear. Segundo Catonné (2001, p. 84), a pílula anticoncepcional coloca homem e mulher em condições de igualdade em seu “projeto existencial”, porém, em aspectos como o econômico, a mulher se vê em franca desvantagem, a independência econômica, tão fundamental, só aos poucos irá se tornar uma realidade. Mesmo assim, até os dias atuais, a mulher ainda reivindica a paridade de salários com os homens no mercado de trabalho.

Os anos 60 representam um marco em relação aos movimentos sociais. A partir desse momento, os mecanismos de controle do poder são exercidos de forma menos rígida, mais suave sobre o corpo, tornando propício assim, o reflorescimento ou, melhor dizendo, a segunda onda do feminismo iniciado nos Estados Unidos da América (EUA), através de movimento integrado por mulheres de classe média com acesso à educação, ou intelectuais. As mulheres pobres, já há algum tempo, trabalhavam nas fábricas para ajudar nas despesas domésticas; as da classe média mais tarde também trabalharão, não mais pela emancipação apenas, mas no sentido de equilibrar o orçamento doméstico. De acordo com Hobsbawm (2008, p. 306), “[...] é provável que na década de 1970, e sobretudo na de 1980, uma forma política e ideologicamente menos específica de consciência feminina se espalhasse entre as massas do sexo [...]”.

Nesse momento, as mulheres, enquanto grupo, constituem-se em força política respeitável. A consciência em relação aos papéis a desempenhar conduzem-nas rumo à emancipação e à igualdade de direitos. Entre as suas lutas, destacam-se as reivindicações em favor do divórcio e em relação a leis mais flexíveis sobre o aborto. Subjacente à questão do aborto, encontra-se a reivindicação do controle sobre o seu próprio corpo. Os movimentos sociais envolvendo temas sexuais possibilitaram uma maior flexibilidade ou liberalidade sexual, seja por meio da proliferação de estudos, ou de discursos sobre diversos temas nesta área. Tais movimentos trarão como resultante a possibilidade de um novo olhar para as questões que envolvem sexualidade e gênero.

De acordo com Louro (2008, p. 24), ao final dos anos 80, o termo gênero passa a fazer parte do discurso das feministas e deve ser entendido como

“constituente da identidade dos sujeitos [...] transcende o mero desempenho de papéis”, ou seja, integra o indivíduo e o constitui.

À medida que se intensificava a luta pela liberação feminina, gerava-se uma profunda revolução moral e cultural, tendo como causas, as mudanças na família tradicional e nas atividades domésticas. A partir do acesso à educação superior e do seu ingresso no mercado de trabalho, as mulheres desempenharam um papel relevante nessa revolução cultural responsável pelas transformações dos comportamentos social e pessoal. Na década de 80, observa Hobsbawm (2008), os divórcios assumem proporções assustadoras, os casamentos diminuem e o desejo de ter filhos já não é o mesmo; por outro lado, observa-se também que o aumento do número de pessoas que escolhem viver só aumenta consideravelmente a cada dia. Donde conclui-se que o casamento está em crise e conseqüentemente a família nuclear composta por casal casado e filhos também está em crise. Enquanto isso, vive-se uma época de grande liberação para os heterossexuais, especialmente para as mulheres em processo de liberação e os homossexuais.

A sexualidade, conforme Foucault (2007), é constituída pelos múltiplos discursos sobre sexo, os quais se encarregam de regular, normatizar e formar saberes que produzem “verdades”. No entanto, o dispositivo da sexualidade favorece as diferentes formas de manifestação da sexualidade. Interessa liberar, permitir e não coibir as manifestações sexuais. Nesse sentido, de acordo com Cardoso (2005, p. 421-423), “travestismo, *drag queens* e transexualismo são categorias que refletem as percepções modernas de fenômenos típicos e recorrentes da diversidade sexual humana comum em muitas culturas”, o que os caracteriza é a forma de vivenciarem a identidade do papel de gênero geralmente invertida ou “ambígua”[...] numa transposição que poderá ser momentânea ou duradoura.

A respeito do *queer*, afirma Louro (2002, p. 238):

[...] é indispensável ter em mente que *queer* é mais do que uma fórmula sintética usada para indicar gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, travestis, etc. O termo assumido e reivindicado por uma vertente dos movimentos homossexuais, caracteriza, fundamentalmente, uma perspectiva de oposição e de contestação. *Queer* significa colocar-se contra a normalização, venha ela de onde vier. Nesse sentido, a teoria e o movimento *queer* não apenas se contrapõem à heteronormatividade compulsória de nossa sociedade, mas também se contrapõem à estabilidade e à normalidade da identidade homossexual.

Para Louro, *queer* tornou-se conhecido e passou a ser entendido como a significação do que ainda é mais transgressivo, a colocar em evidência a diferença que os constitui.

A partir desses movimentos sociais, nesse momento, essas minorias fortalecidas encontram um ambiente propício para expressarem-se e assim, também, enfrentar preconceitos expressos através da homofobia. Termo que segundo Louro (2007), faz referência ao temor e desprezo ao homossexual, resultando em uma atitude de afastamento das pessoas em relação aos indivíduos cuja orientação sexual é voltada para um outro do mesmo sexo. Essa atitude manifesta-se como se aqueles pudessem disseminar algum contágio através da forma como exercem a sua sexualidade.

Ao final do século XX, ainda nos anos 80, o vírus HIV, e, conseqüentemente, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) alimenta preconceitos. Considerada uma epidemia no Brasil, essa síndrome está entre as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e exerceu uma influência significativa sobre o comportamento sexual das pessoas. A partir daquele momento, representa uma ameaça à sociedade e traz à tona novos questionamentos no que se refere à sexualidade, pois a presença insinuante da morte interfere no prazer e propicia o retorno de tabus há muito esquecidos.

Ressurgem os preconceitos, a AIDS, segundo muitos, seria a doença dos homossexuais, uma forma de punição devido ao seu comportamento em relação ao sexo. A sexualidade passa a se fundamentar no risco da contaminação e no medo. Como consequência, busca-se reduzir o número de parceiros. A doença do sexo, como parecia caracterizar-se, coloca novamente a sexualidade na berlinda, impõe ao indivíduo um controle interno e traz em si a culpa e a repressão. As informações fragmentadas ou distorcidas contribuem para o sentimento de insegurança generalizado.

Por sua vez, diz Catonné (2001), a ciência ainda em sua função reguladora da sexualidade, estimulou a realização de pesquisas no sentido de se conhecer o comportamento sexual atual das pessoas. Os múltiplos parceiros e a elevada bissexualidade é algo que se evidencia nas pesquisas realizadas.

Porém, após o impacto do surgimento da AIDS, a mídia encarregou-se da divulgação das formas de prevenção. Jamais se falou tão abertamente sobre

sexualidade. Na imprensa escrita, falada e por meio da TV, nas mais diversas situações ou ambientes, devido à necessidade de se falar sobre AIDS, a sexualidade seria o tema mais presente. Antes, a camisinha era tida como algo a ser adquirido praticamente de forma secreta ou clandestina; agora, como principal meio de contracepção, passou a ser anunciada e divulgada nos veículos de comunicação entre outros, sem moralismos, francamente, sem pudores. Após algum tempo foi comprovado que a AIDS não escolhe gênero nem forma de vivenciar a sexualidade, em sua trajetória, encontra nos adolescentes⁵ um dos grupos mais vulneráveis devido às peculiaridades da sua vida afetiva e sexual, que envolvem formas de comportamento que os deixam em situação de risco.

Houve o reconhecimento de que os jovens também mantêm relações sexuais e comprovou-se através de inúmeras pesquisas, entre elas, as realizadas por Rieth (2002) e Viegas-Pereira (2000), que a iniciação sexual entre este grupo etário ocorre cada vez mais precocemente. Grande parte dos garotos se iniciam mais cedo, dizem estas autoras, enquanto que as garotas, em relação a eles, embora demorem mais a se iniciarem sexualmente, nesse momento, também estão iniciando a sua vida sexual mais precocemente. Contribui para a experiência em relação ao sexo a busca do prazer, aliada a diversas outras motivações entre elas, a busca de autoafirmação por meio da sexualidade, através da sua prática. Também, para Rieth (2002), em conformidade com o estudo de Salem (1980), pode ser indicativo de uma busca de autonomia, de uma maior independência em relação à família ou do desejo de esquivar-se ao controle social.

Porém, a iniciação sexual para as garotas implica na necessidade de mudança comportamental, pois é sabido que em relação à prática sexual, tal grupo etário apresenta-se como um grupo vulnerável à contaminação, especialmente as garotas, no que refere à adoção do uso de preservativos como a camisinha. O uso deste preservativo para eles, está associado a relações ocasionais em que a parceira poderá representar o desconhecido passível de riscos. Segundo Viegas-Pereira (2000) em seu estudo sobre AIDS entre adolescentes, a utilização da camisinha é motivada mais pelo receio de uma possível gravidez do que propriamente pelo receio da AIDS. No caso das garotas, os parceiros para o sexo

⁵ As expressões “adolescente” e “jovem” serão mencionadas indistintamente neste trabalho por entender que não há uma diferenciação nítida entre as suas representações. Portanto, qualquer uma dessas expressões poderão surgir no corpo do trabalho ao se fazer referência ao indivíduo objeto deste estudo.

são os seus namorados e para eles e elas a relação sexual sem camisinha constitui-se em uma prova de fidelidade. Esta atitude parece ser proveniente de uma romantização do sexo; principalmente entre elas, o nível de confiança nos namorados é tão elevado que em nível de prevenção é algo que preocupa os estudiosos sobre o tema.

No que se refere a outras vias de transmissão entre este grupo etário, de acordo com Viegas-Pereira (2000), apesar das drogas injetáveis serem uma das vias predominantes de contaminação entre adolescentes, prevalece a partir dos anos 90, a transmissão por meio de relações entre heterossexuais, e as garotas são as que mais contraem esta síndrome.

Apesar da AIDS ainda provocar receios, fala-se livremente sobre sexo. Segundo Chauí (1991, p. 172), os especialistas, representados nesse momento pelos sexólogos, através das suas “clínicas de orgasmoterapia”, analisam o comportamento em relação à sexualidade, fundamentando-se na questão do orgasmo. Os relatórios Kinsey, afirma Catonné (2001), exerceram a sua influência nesse sentido, ao investigarem entre 1948 a 1953, a sexualidade, através do comportamento em relação ao sexual, tendo o orgasmo ocupado um lugar central nas investigações de Kinsey. A partir de então, o prazer sexual passa a ser considerado e enfatizado, e a sexualidade voltada para a reprodução deixou de ser primazia.

Sobre sexologia, afirma Chauí (1991, p. 171):

combina medicina e psicologia comportamental, parte de um estudo das doenças sexuais físicas e de comportamento, propõe um tratamento rápido [...], promete o orgasmo perfeito, tolera o homossexualismo, recomenda a masturbação e defende a democracia sexual.

Além de tratar as disfunções sexuais, os sexólogos também se preocupam com medidas de higiene e profilaxia. A forma de tratamento consiste em orientações por meio de exercícios diversos visando à obtenção do prazer orgástico, ensina o controle dos impulsos, o emprego de técnicas e de toda uma programação em relação ao orgasmo que contribui para transformar o ato sexual em uma atividade que se caracteriza pela busca do desempenho ou “competência”, como afirma Chauí (1991, p. 172), não havendo portanto condições de ocorrer um envolvimento total por parte do indivíduo, pois ele cumpre simultaneamente o papel de participante e “espectador”.

Para Catonné (2001, p. 90), o direito ao prazer, através da sexologia, transforma-se num dever. A ênfase na “performance sexual” e a busca da excelência no desempenho sexual tendem a se tornar obsessivas e a refletir-se de forma mais ampla na atividade sexual das pessoas.

Assim, na sociedade contemporânea, observa-se a mulher que até algum tempo fora tão reprimida na manifestação da sua sexualidade, vivenciá-la num outro extremo: numa situação em que se vê diante da obrigatoriedade do orgasmo durante uma relação sexual, e, se estes forem múltiplos, melhor ainda, para que se sinta capaz, para que se considere ou seja considerada sexualmente funcionante. O mesmo ocorre com o homem, que, pelo temor do desempenho, transforma o ato sexual em algo mecânico em que, ao final, necessita ouvir da parceira algo positivo sobre o seu desempenho para assegurar-se de sua competência. O corpo parece ser comparável a uma máquina e, nessa condição espera-se dele um funcionamento pleno, perfeito, tendo em vista que pode ser programado para esta finalidade.

Além do tratamento dado às questões sexuais pelos especialistas do sexo, o avanço da biotecnologia permitiu a contracepção através da descoberta da pílula e a mulher, a partir de então, pôde fazer sexo sem procriar. Mais adiante, a ciência também tornou possível a “procriação sem sexo”, a partir da inseminação com doador e da fecundação in vitro. Surgem os clones, assim a ciência consegue demonstrar que detém o controle da vida através de um código. Para Chauí (1991, p. 170), a vida pode surgir como consequência de “reações físico-químicas microscópicas [...] a partir de uma enzima ou um elemento microscópico qualquer retirado de um outro corpo vivo”, já não precisa de uma outra vida para existir; quanto ao corpo, já não é imprescindível a existência de um outro corpo para propiciar-lhe a vida. Louro (2008, p. 19) corrobora com a opinião de Chauí, ao afirmar: “em poucos anos, tornaram-se possíveis novas tecnologias reprodutivas, a transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero, além de instigantes articulações corpo-máquina”. Estes avanços científicos corroboram para discussões e questionamentos sobre a bioética e refletem o poder da ciência no que se refere a regular a sexualidade humana.

Na opinião de Louro (2008, p. 19):

Transformações são inerentes à história e à cultura, mas nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter se acelerado. Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamentos

e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que parecia não existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.

O final desse século assinala as transformações sociais que vinham se processando desde o pós-Guerra. A partir desse momento, as sociedades disciplinares passam a ser substituídas por uma nova modalidade de poder o qual será representado pelas sociedades de controle, pois as instituições ligadas ao confinamento, próprio às sociedades disciplinares, estão em crise: assim, família, escola, fábrica, hospital, prisão, passam por transformações. As sociedades de controle vieram para substituir aquela forma de controle que se tornou obsoleta, incapaz de gerir de forma eficaz essas instituições diante dessa nova realidade. Nelas, toda a vida social contemporânea passará por mudanças: da vida pessoal ou privada às instituições sociais.

As formas de controle não se restringem mais a espaços fechados como ocorria com as disciplinas, mas ao ar livre e são exercidas velozmente. De acordo com Deleuze (1992), esta forma de poder seria reconhecida por Foucault como constituinte de um futuro próximo.

Nas sociedades de controle, o capitalismo em sua forma renovada não se volta mais como antes para a produção e, sim, para o produto; a meta é a venda de serviços e a compra de ações. Dessa maneira, reconhece Deleuze (1992, p. 225), a empresa é a substituta da fábrica, e o marketing é a ferramenta de controle social dessa nova fase por meio de um controle rápido, “contínuo e ilimitado. [...] O homem não é mais o homem confinado, mas, o homem endividado”. Neste novo regime de saber-poder, essas são as novas práticas que surgem e tomam forma. A ênfase desse sistema que se forma não mais recai sobre a necessidade de produzir, mas, sobre a importância do consumir.

Num mundo em que tudo se processa velozmente e em meio a uma forma de controle que se faz exercer por meio da persuasão, da propaganda, ou seja, de uma forma ainda mais sutil que a disciplinar, mudanças ocorrem e instituições básicas da sociedade sofrem profundas transformações; assim, a forma de organização ou constituição da família, as relações afetivas entre seus membros bem como os relacionamentos afetivos de uma maneira geral, também se modificam em decorrência das transformações sociais ocorridas.

O mundo globalizado é aquele em que todos vivem desde o final do século XX, mais especificamente, a partir da década de 90. A mobilidade do investidor caracteriza-o, as distâncias nada significam. O avanço tecnológico torna possível tamanha mudança. O computador é a máquina símbolo desse novo tempo. Autores diversos tais como Hobsbawn, Bauman, Deleuze, além de outros, independentemente da sua área de estudo e da posição teórica de cada um deles, são unânimes quanto à abordagem desse momento histórico.

Segundo Bauman (1999, p. 20), “Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica”.

A fragmentação e a dispersão espaço-temporal fazem com que atualmente o volátil e o fugaz se constituam na experiência do indivíduo, tendo em vista que não conhece um senso de continuidade e, dessa forma, não se prende ao passado e nem ao futuro. Bauman (1998, p. 112) associa “a experiência de viver em tal mundo, à experiência de um jogador”. O tempo encontra-se desarticulado pelas experiências do jogar. Homem e mulher em seus relacionamentos vivem regras mutáveis por um jogo que se caracteriza pela brevidade de sua duração.

A respeito das transformações desse tempo em relação aos gêneros e à sexualidade, apesar das normas instituídas a longo tempo continuarem vigentes em relação a “várias instâncias”, observa Louro (2008, p. 19-20):

[...] Desestabilizaram-se antigas e sólidas certezas, subverteram-se as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. Informações e pessoas até então inatingíveis tornaram-se acessíveis por um simples toque de computador. Relações afetivas e amorosas passaram a ser vividas virtualmente; relações que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça; relações nas quais o anonimato e a troca de identidade são parte do jogo. Impossível desprezar os efeitos de todas essas transformações: elas constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, num primeiro momento, não as experimentam de modo direto.

Dessa forma, o indivíduo vive um momento em que, por um lado, ainda se submete a normas há muito estabelecidas e, ao mesmo tempo, como resultado também da cultura do seu tempo, é levado a cultivar outras práticas e outros valores em relação à sexualidade.

O que outrora fora sólido: família, relações de trabalho, relações afetivas e sexuais, entre outras, de forma cada vez mais veloz, por meio das transformações nos vínculos vai cedendo espaço a relações maleáveis, flexíveis, fluidas. Reflexo do modo de vida da sociedade contemporânea em que as transformações sociais velozes propiciam a mudanças nos laços afetivos e sociais e conduzem a uma nova forma de viver.

A mídia veicula um discurso liberal, estimula o culto ao corpo. As pessoas hoje estão ligadas mais pela sedução, pela propaganda, assim, pode-se constatar que este está sendo investido de poder e que a ênfase do discurso da sexualidade se prende ao corpo e suas sensações. Sob esta forma de controle sutil, se deixam conduzir no sentido de serem modeladas em seu estilo de vida, nas relações com os demais indivíduos e em seus relacionamentos afetivos e amorosos. Pois a forma como são estabelecidos tais relacionamentos já não é a mesma. Com a fragmentação no tempo e no espaço transformações ocorreram também no modo de se relacionar com o outro. O avanço tecnológico e a velocidade impressa ao modo de vida propiciam novas formas de comunicar-se afetiva ou amorosamente com alguém, é o caso do mundo virtual que nos dias de hoje assume uma importância ímpar na vida de muitos num momento em que indivíduos invariavelmente se buscam de forma virtual.

Segundo Foucault (2007), o dispositivo de sexualidade não se prende às sexualidades singulares, interessa-lhe disseminar as diversas formas de sexualidade, investir nos corpos e exercer o controle cada vez mais amplo da população. Este dispositivo, para Foucault (2007, p. 164), “[...] deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhes são contemporâneas”. Neste momento, hegemônico, ele submete-se e é submetido ao poder ao qual se encontra associado. Na realidade atual, vive-se a manipulação e a modelagem dos comportamentos em relação à sexualidade no sentido da liberação e da proliferação. Diferentemente dos séculos XVIII e XIX, o discurso sobre sexualidade nos dias de hoje é também exercido no sentido de estimular, incentivar as suas mais diversas manifestações. Nesta sociedade de consumo, tal dispositivo por não se ater a vínculos, investe maciçamente nos corpos e em suas sensações, prazeres e impressões.

Um código de relacionamento característico deste tempo é o “ficar”. Surgido na década de 80, expressa-se pela transitoriedade das relações. Breve e fugaz, a falta de compromisso com o outro é uma das suas principais marcas. Esta forma de

relacionamento afetiva é praticada por adultos e adolescentes, homossexuais e heterossexuais. Viver o presente, experienciar o momento é a sua tônica.

Porém, apesar dos adultos cultivarem o hábito do “ficar”, de acordo com vários autores entre eles Justo (2005), é entre adolescentes que tal código de relacionamento tornou-se representativo, identificando-se com este grupo etário. Assim, tenciona-se discorrer sobre a adolescência, indagando sobre esta que é considerada uma fase do desenvolvimento humano. Seria a adolescência uma fase natural do desenvolvimento e, portanto, imprescindível, ou ao contrário, a adolescência seria uma fase construída artificialmente, sobredeterminada culturalmente?

2.4 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência nem sempre foi percebida como uma fase distinta do desenvolvimento. Ao longo da história das civilizações ocidentais nem sempre esteve presente e distinguiu-se enquanto fase de desenvolvimento. Diferentemente da puberdade, que corresponde ao seu componente orgânico, a adolescência enquanto fase de transição parece ser uma fase construída culturalmente. Neste sentido questiona-se sobre a adolescência enquanto fase necessária, devido à evidência de que o que sempre existiu foi o adolescente e não a adolescência.

Ariès (2006), na obra “História social da criança e da família”, em sua pesquisa histórica sobre os hábitos, costumes e valores da civilização ocidental, tomando como ponto de partida as sociedades medievais através do exame de pinturas, gravuras, inscrições e documentos, analisa a forma como se estrutura e se constitui a família, bem como a visão sobre a criança e o adolescente através do tempo.

Na Idade Média, as crianças ainda muito pequenas, logo que conseguiam realizar alguma atividade, eram incorporadas ao mundo do adulto e eram vistas enquanto homem ou mulher jovem, sem que houvesse passado pelas etapas de desenvolvimento consideradas fundamentais pelas sociedades atuais. A sociedade da época não discernia nem dispunha de meios que a auxiliasse na distinção entre criança, adolescente e adulto jovem. Até os dias de hoje ainda é confusa esta distinção, alguns autores preferem até mesmo usar o vocábulo jovem, ao fazer referência ao adolescente ou ao jovem adulto.

De acordo com Ariès (2006, p.14), até o século XVII, a idéia de dependência era que fazia com que o indivíduo fosse visto como criança, persistindo a “ambiguidade entre a infância e a adolescência de um lado, e aquela categoria a que se dava o nome de juventude, do outro”.

No século XVIII, ainda se confundia adolescência com infância, porém, é naquele período que já se pode entrever algo do que é concebido na sociedade contemporânea como adolescência, embora não houvesse uma concepção mesmo remota do que seria aquela a que se denominaria fase do desenvolvimento, tal como passaria a ser concebida a partir do século XX.

Entre o final do século XIX e início do século XX, eis que esta surge enquanto ‘fase’ do desenvolvimento. Muito prestigiada, representa, nesse momento, a juventude com seus inúmeros atributos. A esse respeito, afirma Ariès (2006, p. 14):

O primeiro adolescente moderno típico foi o *Siegfried* de Wagner: a música de *Siegfried* pela primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói do nosso século XX, o século da adolescência.

Através da música de Wagner, a adolescência é representada como a faixa etária em que o vigor e a beleza aliam-se ao desejo de mudanças e de progresso, além da alegria e espontaneidade descritos por Ariès, peculiares a um período de vida cobiçado por características inexistentes na infância e na adultez. Porém, questiona-se: este “adolescente moderno típico”, retratado musicalmente, corresponderia de fato ao adolescente real?

O autor relata o fenômeno em que se constituiu a descoberta da adolescência nos anos 1900, logo se tornando tema de interesse literário, além de objeto de pesquisas diversas: buscava-se conhecer a forma de pensar dos jovens, e, assim, este período de vida é concebido como fonte de novos valores através dos quais a sociedade poderia se renovar. Dessa forma, a adolescência vai se ampliando e inclusive se prolongando. Para Ariès (2006, p. 15), ela “se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente”. Assim, observa-se a passagem de uma época marcada pela inexistência dessa fase a uma outra, em que esta é a “idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo”.

Porém desde o final do século XIX, esse período do desenvolvimento humano passou a se constituir em “objeto” de interesse da ciência, tornando-se relevante

nessa época o estudo dos aspectos biológicos da adolescência, ou seja, a puberdade. Já no início do século XX, médicos, psicólogos, educadores, interessam-se por esta ‘fase’ do desenvolvimento humano, fazendo desta, uma ‘fase’ especial, digna de estudo, sobrepondo-a a qualquer outro período de vida. Sob a influência do positivismo científico, a adolescência constituiu-se em mais uma área de produção do saber – poder, através dos discursos científicos sobre este período do desenvolvimento humano, os quais se caracterizam pelas suas relações com as estratégias de poder.

Em sua dissertação sobre “A invenção da Adolescência no discurso psicopedagógico”, César (1998) faz referência ao “discurso herdado do positivismo científico do século XIX”. Tal discurso parece ter sido absorvido pela psicologia, a qual aborda a adolescência como fase natural do desenvolvimento, contribuindo assim para uma visão homogênea, na qual todos os adolescentes são considerados suscetíveis de apresentarem características semelhantes nas formas de ser e de agir. De acordo com César (1998, p. 5), “[...] trata a adolescência como se ela fosse um universal a-histórico, como se a figura específica do adolescente, que surgiu a partir das malhas do discurso científico, estivesse sempre presente na história”.

É sabido que a adolescência nem sempre fez parte da história. Estudiosos, dentre os quais Palácios (2004), Becker (1986), Bock (1999), referem-se a este período de vida como uma fase artificial a qual foi constituída por uma rede de discursos exercidos sob a influência do positivismo durante o final do século XIX e especialmente do início do século XX. O conceito da adolescência ganhou destaque ao passar a fazer parte do discurso dos médicos e dos psicopedagogos, tornando-se hegemônico. Desde então, apresenta-se como uma fase crítica do desenvolvimento.

Embora pareça sempre ter existido, a adolescência parece ter sido instituída através dos discursos e práticas adotados em relação a esse período do desenvolvimento humano, tendo surgido recentemente como discurso instituído. Segundo César (1998, p. 4), “[...] o discurso psicopedagógico que inventou a adolescência como objeto de investigação científica caracteriza-se pela sua “fragilidade epistemológica constitutiva”. Esta autora refere-se à forma como foi constituído esse objeto de estudo, às idéias conflitantes que conduziram ao desenvolvimento de pesquisas, tendo como motivação forjar uma coerência e um caráter científico a essas pesquisas.

De acordo com Palácios (2004), a Psicologia da Adolescência surgiu em 1904, nos Estados Unidos (EUA), constituindo uma área nova de estudo. O psicólogo americano Stanley Hall, através da publicação da obra *Adolescence*, expõe o seu pensamento acerca do tema, apoiando-se nas teorias de Darwin sobre a evolução das espécies, e do naturalista Haeckel, sobre filogenética, descrevendo a adolescência como um período conturbado, contribuindo para a naturalização desse momento de vida.

De acordo com Dias (2001, p. 66):

A Psicologia da Adolescência visando ao seu objeto, direcionou suas concepções ao comportamento manifesto, observável, conduzindo à comunicação de teorias que implicaram numa desconfiança redobrada da sociedade sobre os adolescentes, criando, assim, um meio propício para a discriminação e o estigma, marginalizando essa característica da cientificidade moderna e do saber como poder.

A utilização de métodos objetivos em pesquisas que tinham como propósito mensurar, avaliar e julgar o adolescente em seu comportamento, aliados aos estudos raciais e sobre a eugenia, conduziram os estudos sobre a adolescência a preocupar-se em estabelecer os padrões normais de desenvolvimento. Porém, apesar das consequências de tais teorias para a psicologia da adolescência, Hall é reconhecido pelos estudiosos como o primeiro a tratar a adolescência como um campo distinto do conhecimento.

De acordo com César (1998, p. 35), a psicologia da adolescência em seus primórdios, tomando como modelo o discurso médico, confere grande relevância às modificações fisiológicas e psíquicas desse período e contribui no sentido de instituir e cultivar uma imagem do adolescente que levaria a uma visão preconceituosa e deturpada das suas atitudes, através do controle da sociedade sobre a sua forma de agir, tendo em vista tratar-se de uma fase de “inquietações”, marcada por “tempestades e tormentas”.

Segundo Palácios (2004, p. 311), “também os autores de orientação psicanalítica contribuíram para difundir essa imagem conflituosa da adolescência”. O discurso da psicanálise em relação a esse período encontraria representatividade em Anna Freud, Aberastury, entre outros.

Nessa perspectiva, o processo do adolescer encontra-se circunscrito a uma linha muito tênue entre o “normal” (grifo meu) e o patológico e torna justificável as

medidas pedagógicas e educativas no sentido de controlar a manifestação do comportamento do adolescente. Dessa forma, com vista à manutenção da ordem social estabelecida nesse momento, a ciência e a educação contribuem para a marginalização, desqualificação, exclusão, ou seja, para a estigmatização do adolescente.

De acordo com Dias (2001, p. 52):

A psicologia ganha nova conformação e os aspectos afetivos e emocionais da adolescência recebem atenção e divulgação privilegiadas, ficando associado a um período específico de conflitos, crises emocionais, dificuldades com as figuras parentais, busca incessante pela identidade e distanciamento do mundo adulto em geral.

Observa-se a tendência em homogeneizar o comportamento deste grupo etário a partir de um modelo voltado para a naturalização do indivíduo, criando e difundindo uma imagem negativa do adolescente ao mesmo tempo em que se busca universalizar este conceito. Nesse caso, interessa investigar o psiquismo, enfatizando os fenômenos psíquicos que buscam a tudo explicar, assim, subestima-se a importância dos aspectos sócio culturais na vida do adolescente.

Com o passar do tempo, o adolescente foi tendo a sua imagem associada à rebeldia, à irresponsabilidade e à violência, além de tantas outras características negativas, que, juntamente com um discurso conservador a serviço da manutenção desta imagem, contribuíram para tornar homogêneo o seu perfil. As instituições parecem ter favorecido para cristalizar esse discurso, dando a idéia de atemporalidade e de universalidade do conceito.

A busca da universalidade traduziu-se na pseudo-universalidade. À medida que se ignoraram as diferenças individuais, o adolescente passou a ser visto enquanto objeto de um discurso científico conservador, que o descreve utilizando como recurso a “patologia, a anormalidade e a normatividade” (DIAS, 2001, p.181). Porém, o adolescente com a sua vontade de mudança e o seu idealismo, não deve ser contido no seu percurso rumo à maturidade.

Autores que empreendem uma análise sociológica da adolescência encontram semelhanças em relação à caracterização desse período de vida como conflituoso também, porém, para eles, as causas das dificuldades estão relacionadas ao ambiente, ou seja, em ocorrências exteriores ao indivíduo.

Se as diversas teorias sobre a adolescência apontam-na como um período do desenvolvimento marcado por conflitos, nos finais da década de 20, a antropologia cultural através de Margaret Mead, citada por diversos autores, Palácios (2004); César (1998); Becker (1986), entre outros, realizou um estudo sobre a adolescência em Samoa, na Oceania e o resultado, é que, nessa cultura, faz-se a passagem da infância para a fase adulta sem que haja conflitos ou dificuldades. Essa transição seria realizada de forma não problemática, o que contribui para a compreensão sobre o adollescere numa cultura primitiva em contraposição a uma cultura complexa, a demonstrar também a importância da influência cultural exercida sobre o indivíduo.

Sobre o adolescente, diz Becker (1986, p. 57):

Para tentar compreender o adolescente, tanto no seu desenvolvimento pessoal quanto na sua relação com o mundo, é preciso olhar para ele desde uma perspectiva a mais ampla possível, que inclua não só as transformações biológicas e psicológicas, de importância fundamental, mas também o contexto sócio-econômico, cultural e histórico no qual ele está inserido.

O adolescente é um ser do seu tempo, o contexto sócio-econômico-cultural situa-se num momento histórico e exerce influência sobre o indivíduo, as transformações a nível físico e mental são reconhecidamente importantes, porém, ambas devem necessariamente estar em intercâmbio com a historicidade do indivíduo.

O conceito de adolescência apresenta-se sob múltiplos e variados enfoques, caracterizando-se fundamentalmente como um conceito biopsicossocial. Dessa forma, o adolescente não deve ser visto, neste período de tempo do seu processo evolutivo, de forma isolada, descontextualizado com relação ao período histórico e ao meio social em que vive. Entretanto, mesmo inserido num contexto, cabe lembrar que a adolescência é uma experiência pessoal e única e, assim, a forma como cada pessoa vivencia este período será peculiar a cada um, visto que existem as diferenças individuais.

A origem do vocábulo adolescência vem do latim. De acordo com Dias (2001, p. 176-177), “Adolescere significa crescer até a maturidade, insinuando irresponsabilidade e imaturidade. E Adollescere, indica adoecer, enfermar, sugerindo uma conexão que ficou fortemente enraizada entre saúde e doença”. Dias acrescenta ainda, que, “o significado do vocábulo adolescência parece ter contribuído para a prevalência de sua imagem e representação”.

A adolescência é conceituada a partir do biológico, trazendo em si a idéia de crise, luto, sofrimento e caracterizando-se por ser a-temporal, e, portanto, descontextualizada em relação a um período histórico. Descrita como um período de transição entre a infância e a idade adulta, inicia-se, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), aos 10 anos e termina por volta dos 20 anos; para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), este período de vida ocorre em torno dos 12 a 18 anos de idade. Entretanto, o final desse período não é algo que possa ser considerado com rigor, mas como um período de duração indefinida, afirmam diversos autores, entre eles, Bock (1999), Palácios (2004), entre outros, tendo em vista que na sociedade ocidental, na atualidade, observa-se às vezes um adolescente de 15 anos com um comportamento de adulto e um jovem adulto de 25 anos comportar-se como um típico adolescente.

De acordo com Becker (1986), Palácios (2004) e demais autores, o que faz com que este período seja assim analisado é o fato de que não existe apenas uma adolescência e sim, várias adolescências, considerando que este período não tem um caráter universal e, diferentemente da puberdade, é compreendido como uma fase artificial, construída culturalmente. Em uma determinada sociedade, ela é realizada gradativamente e o adolescente chega à fase adulta sem ter experiência da “crise da adolescência” tão propalada nas sociedades ocidentais.

A adolescência nas sociedades ocidentais é um fenômeno complexo. Segundo Becker (1986, p. 12), muitos passam por ela sem experimentar nenhum “tipo de crise”, porém a realidade social por vezes se impõe ao adolescente que experimenta as contradições do seu tempo: por um lado, sofre pressões e lhe são cobradas atitudes em relação à carreira profissional, por exemplo; por outro, simultaneamente, “lhe são negados direitos e liberdades que ele quer, pode e precisa exercer”. Nesta sociedade de contradições, a adolescência pode manifestar-se de várias formas. A título de ilustração, ao considerar a criança pobre e aquela de nível sócio-econômico elevado, vê-se que a primeira será levada a assumir responsabilidades precocemente a fim de contribuir para as despesas domésticas e, dessa forma, logo se depara com a vida adulta; já aquele adolescente abastado pode prolongar a sua adolescência indefinidamente.

Por assumir diversas formas, a adolescência poderia até mesmo ser considerada, como sugere César (1998, p. 123), “[...] não mais como uma fase da vida, dotada de características essenciais, mas em termos de múltiplas

possibilidades de subjetivação[...]”. A partir desse pressuposto, será possível, então, apresentar o adolescente em um meio cultural, como um ser singular, detentor de sua própria história e não como alguém cujas reações e formas de comportamento já sejam previsíveis, descrito como um objeto, analisado a partir de um receituário, homogeneizado.

Em referência à articulação entre o saber e o poder, afirma Foucault (1998, p.141-142):

[...] existe uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza. [...] O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder.

A partir dessa assertiva, pode-se dizer que, na abordagem desse período de desenvolvimento, o saber investiu-se de poder a partir do momento em que, por meio do discurso e das instituições, encontrou representatividade para buscar exercer o controle sobre o jovem, na forma de manifestar-se e de exercer a sua sexualidade.

Para César (1998), esse controle remonta ao século XIX, período em que a sexualidade do adolescente era vista como perversão pela ciência. Com o passar do tempo, no século XX, já instituída a adolescência, o controle sobre a sexualidade do jovem se faz exercer e se consolida através de um discurso psicopedagógico que aborda a sexualidade adolescente como transgressão e a sua manifestação se constituiria em um problema peculiar à sua natureza.

A curiosidade sobre a sexualidade do adolescente, por parte dos especialistas, é uma constante, o interesse em conhecer os hábitos e as práticas sexuais deste grupo etário, fez com que o sexo ocupasse um lugar de destaque em relação aos seus estudos. Segundo César (1998, p.108), obter um saber sobre o “sexo” dos adolescentes sempre foi uma questão crucial para a psicologia do desenvolvimento. A descoberta da “verdade” sobre esse grupo conduziu os especialistas a esses discursos que buscavam conhecer os “adolescentes” e sua “sexualidade”.

Diante desse controle que mantém associados delinquência e sexualidade no que se refere ao jovem, evidencia-se a preocupação em estabelecer com relação ao

sexual, o que seria o normal e o patológico, o lícito e o ilícito no sentido de buscar a “cura” para estes problemas. Ao mesmo tempo, segundo Costa (2004), instituições como escola e família se encarregariam de instruí-los através de uma higiene física, moral e sexual. Dessa forma, na concepção de César (1998), busca-se exercer o controle sobre a sexualidade do adolescente, apontado através de um discurso que o descreve como aquele indivíduo cuja sexualidade manifesta-se através da “explosão do desejo” e do “sexo transgressor” que, por outro lado, lhe traz culpa e vergonha. Assim, tenciona-se disciplinar o autocontrole do indivíduo, através da sua forma de reagir. Colaboram com a família e a escola instituições como a igreja católica através do padre, além de autoridades da lei, no sentido de exercer a vigilância do adolescente em relação à sua sexualidade.

A visão da sociedade moderna sobre a sexualidade do adolescente revela que a ele é vetado vivenciá-la, pois o preconceito e o estigma assinalam que assim como não pertence ao mundo adulto e também não é mais criança, esse direito não lhe é reconhecido. As suas práticas sexuais ou amorosas serão objeto de estudo, de análise e novamente serão normatizadas. A sexualidade adulta constitui-se no modelo a ser seguido pelo adolescente, o qual apresenta-se alicerçado através do tempo, diz Silva (2001, p. 48), em “dogmas religiosos, científicos, morais e de convivência social”.

Segundo César (1998, p. 10):

A adolescência enquanto objeto do discurso científico, nasceu dentro de um contexto teórico e de uma época histórica específicos, e somente poderia ter nascido então. Ela foi um resultado tardio, tanto da consolidação da biologia e da medicina como saberes verdadeiros sobre todas as naturezas, principalmente sobre a ‘natureza humana’, quanto da implantação das políticas de higiene, que lhes são precedentes, sendo ainda um resultado simultâneo da ampliação da educação secundária. Esta adolescência dá sinais de sua própria morte, a partir do instante em que as instituições que a produziram e reproduziram, a escola e a família, entram em fase de profunda agonia e desestabilização, nos anos setenta [...]

A modernidade com o seu cientificismo manteve esse discurso hegemônico por um longo período e, por meio dele, cristalizou e consolidou uma imagem da adolescência e, por conseguinte, do adolescente que, apesar das crises e posteriores transformações vividas pelas instituições representativas da sociedade, tais como a escola e a família, ainda se encontra presente nos dias atuais.

A este respeito é ilustrativo o que diz Outeiral:

Na adolescência, o indivíduo se vê obrigado a assistir e a sofrer passivamente uma série de transformações que se operam em seu corpo, e, por conseguinte, em sua personalidade. Cria-se um sentimento de impotência frente a esta realidade que poderá ser vivida de uma forma persecutória (com o corpo e/ou seus órgãos, transformando-se em um depositário de intensas ansiedades paranóides e confusionais), maníaca (com a negação onipotente de toda a dor psíquica que inevitavelmente acompanha o processo) ou fóbica (com uma evitação que coloca as transformações corporais tão distantes que nem o próprio adolescente ou seus familiares devem mencioná-las) (OUTEIRAL, 2008, p. 9).

Observa-se ainda hoje a influência do discurso hegemônico da Idade Moderna, na abordagem da adolescência: o adolescente é transbordado pelas transformações da puberdade e as mudanças físicas o conduzem ao sofrimento psíquico. Tal discurso compreende a adolescência como objeto natural, diretamente vinculada ao biológico. O adolescente é considerado enquanto objeto tendo em vista que o momento histórico em que vive e a influência do ambiente sociocultural do qual faz parte na sociedade não são considerados.

Entretanto, após a Segunda Guerra Mundial, nos anos sessenta, de acordo com César (1998, p. 83), os discursos sobre a adolescência vão se modificando através de um deslocamento em que expressões negativas tais como “delinquência”, vão deixando de surgir e, em seu lugar, passa a ser mencionada a “cultura de jovens”.

A Idade Moderna é regida pelo dispositivo da sexualidade, período caracterizado pela curiosidade sobre o sexo interligada por um discurso da verdade sobre o tema, portanto, não poderia ser diferente em relação à adolescência, período de desenvolvimento de interesse máximo dos especialistas desde o século XIX. Dessa forma, o saber e o poder entrelaçaram-se na busca da “verdade” sobre a sexualidade do adolescente por meio de uma rede de discursos estratégicos, a falar sobre este indivíduo e sua sexualidade. Assim, tem-se como resultante a proliferação dos sujeitos por meio dos dispositivos científicos.

A forma sistemática ou até mesmo compulsiva como foi tratado o jovem e os problemas associados a ele, desde o início do século XX, possibilitaram que no momento atual, assumissem vida própria, ultrapassando a fronteira dos discursos dos especialistas.

Porém, o fundamental é que este período entre a infância e a idade adulta, como é mencionado, possa ser abordado como qualquer outro período da vida. Os

conflitos e o sofrimento, tão enfatizados enquanto característicos da adolescência, podem ocorrer em todas as outras fases da vida, ou seja, do nascer ao morrer, vivem-se angústias, conflitos e experiências que implicam sofrimento.

Não se pretende negar os problemas que possam advir de um modo de vida, mas salientar que a concepção sobre a “adolescência” necessita reformulação. De acordo com César (1998, p. 116), apesar dos deslocamentos do qual o tema é objeto nos anos 70, observa-se que persistem antigos conceitos em meio aos textos recentes. Tal situação tem continuidade nos anos 80 e 90, porém, contraditoriamente, caracterizam a adolescência como período de “crises e tempestades”, e simultaneamente, retratam-na como um período extremamente positivo. Discursos de certa forma incoerentes marcam esse período de transição para uma nova concepção de adolescência.

A partir dos anos 70, vive-se um período de transição entre o antigo discurso que, aos poucos, cede espaço a novas formas de controle. A sua influência já se faz notar por meio de uma nova forma de literatura que busca preservar a adolescência, enquanto refere-se a esta como um período de alegria e descompromisso. Dessa forma, o discurso hegemônico, que antes dava sustentação à adolescência através da psicologia do desenvolvimento, torna-se obsoleto diante da projeção dessa nova imagem da adolescência, e as instituições que acolheram e apoiaram aquele discurso, tais como família e escola, em crise profunda, reconhecem a sua fragilidade. Tais fatores aliam-se ao desempenho de adolescentes em papéis que requerem uma certa maturidade, algo que se constitui em fato gerador de ansiedade por parte dos adultos que, nesse momento histórico, assistem à instauração desse novo modelo de adolescência.

Os anos 80 trazem em si essa nova formação discursiva em que se enfatiza a importância de viver intensamente esse momento de vida, e a adolescência é prolongada, dessa vez, para que o indivíduo possa usufruir esse período e ser feliz por mais tempo. Para César (1998), adolescência passa a significar felicidade, descompromisso e prazer. Ao final do século XX, passa a ser representada como aquela fase, e somente nela, em que se é possível ser feliz. Esta felicidade individual obtém-se por si mesmo, vivendo o presente por intermédio dos “fetiches da sociedade de consumo” que exercem importante papel no sentido de proporcionar tal felicidade e prazer.

Falar sobre este grupo etário significa abordá-lo em sua significação social, sexual e na forma como se apresenta a sua vida afetiva, considerando que tais fatores nesse período, encontram-se interligados e são constituídos pela cultura no momento histórico vivido pelo indivíduo.

O essencial deve ser a procura da compreensão do adolescente, tendo como base o momento histórico em que vive e buscar considerá-lo em sua subjetividade, portanto, único em sua forma de ser. Por meio do intercâmbio entre um mundo social e cultural, ele pode exercer a sua influência intervindo sobre este mundo, transformando-o e por ele sendo transformado. Produzindo novos modos de ser, ou seja, as subjetividades emergentes.

2.5 O ADOLESCENTE E A INFLUÊNCIA DA CULTURA

Na segunda metade do século XX, a sociedade capitalista é palco de transformações que se processam sobretudo em nível sociocultural. As instituições sociais estão em crise, sobretudo a família. Os casamentos e o número de filhos diminuem, enquanto os divórcios aumentam. Para Hobsbawm (2008, p. 317), a família nuclear parece sofrer uma retração através das rápidas mudanças no modo de vida dos indivíduos, especialmente das mulheres, a indicar novos modelos de família a se constituírem à medida que cede espaço a novos arranjos entre os sexos. Vê-se nesse momento, além dos fatores descritos acima, o aumento de famílias com apenas um dos pais, ou seja, de mães solteiras, a apontar também uma “crise na relação entre os sexos”.

Em meio a essa crise institucional, observa-se um aumento e fortalecimento de uma cultura jovem que assinala transformações na relação entre as gerações. Para o autor, esse grupo busca o distanciamento do adulto, procura manter-se como uma camada social à parte e, dessa forma, legitimada como uma nova camada social, torna-se autônoma.

A década de 60 caracteriza-se como um período de efervescência e radicalismos. Época em que ocorrem os movimentos de natureza político-culturais, entre outros, aquele conhecido como contracultura ou cultura de jovens. Essa forma nova e diferente de mobilização e de contestação, aos poucos vai ganhando espaço e se fortalecendo, surpreendendo a todos e sendo denominada pela mídia como contracultura.

O termo contracultura a que se faz referência diz respeito ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram os anos 60. Os jovens aliam-se a outros grupos de contestação e expressam por meio de uma consciência própria, através das suas atitudes, da sua imagem corporal e da forma de vestir-se, além do misticismo e de um tipo de música, entre outros hábitos, a sua insatisfação com a ordem estabelecida, com o *status quo*. Contestam de forma radical contra as normas estabelecidas, o *stablishment* e ao mesmo tempo fazem uso de um discurso libertário em que defendem a liberdade sexual.

Na busca de diferenciarse do mundo adulto, a música representada pelo rock, o cinema e as drogas são assimilados como forma de protesto, de distanciar-se de forma radical do sistema considerado por eles como doentio. Buscam transformar os valores cultivados e transmitidos pelas instituições sociais através de um contradiscurso e de um comportamento de forte oposição. Os protestos contra os regimes políticos estão entrelaçados àqueles contra o discurso e a prática hegemônica da sexualidade burguesa na forma como são exercidos tradicionalmente. Entre as instituições objeto desse contradiscurso, estão, em primeiro lugar, a família, seguida de perto pela escola.

A família seria o espaço privilegiado de conflitos, enfrenta o questionamento e a oposição aos seus valores. Os filhos e os pais estão em lados opostos, ou seja, o jovem e o adulto concebem visões diferentes de mundo. Para Hobsbawm (2008, p. 322) de fato, “um abismo separava as gerações de pais e filhos” de uma forma marcante nesse período pós-Guerra. Em decorrência do momento histórico em que viveram estas diferentes gerações, das experiências não compartilhadas, o que é valorizado pelo pai pode muito bem, pouco ou nada significar para o filho. O jovem rejeita os valores tradicionais, o sistema social no qual se encontra inserido e esse descontentamento é expresso através de uma oposição radical ao objeto da sua insatisfação. Conflito de gerações era a expressão utilizada à época. O que aparentemente iniciou-se como algo esporádico, ocasional, era na realidade um foco de contestação social desse momento.

De acordo com Pereira (1988, p. 7), “paz e amor”, ‘desrepressão’, ‘revolução individual’, ‘aqui e agora’ representaram à época, palavras de ordem, capazes de mobilizar multidões de jovens e intelectuais em diversas partes do mundo”. Traduzem a expectativa de realizar uma revolução sem violência, com o objetivo de promover uma liberação na vida sexual dos jovens e nos costumes de maneira

geral; embora de caráter grupal, as manifestações consistiam em um dos recursos de contestação utilizados por eles. A sua essência era a subjetividade, a mudança interior, a pressa de viver, de experimentar coisas novas de forma imediata, no momento em que acontece, o não postergar expressa bem o espírito jovem desse movimento. Através de uma nova postura, expressam uma forma de pensar e maneiras diversas de enfrentar e de se relacionar com os demais através de uma concepção de mundo diferente; com seus significados, suas regras próprias e os seus valores, em busca de um outro modo de vida.

A música representava para o jovem um instrumento de contestação, e o rock-’n-roll, o estilo musical com o qual o jovem se identificava, foi utilizado por ele como um canal para expressar a sua insatisfação, a ponto de não se diferenciar rock e comportamento jovem. Seriam “os rebeldes sem causa” e, no Brasil, a “juventude transviada”, jargões que trazem em si a imagem preconceituosa de uma rebeldia anteriormente associada à delinquência e que teve principalmente, nos meios de comunicação de massa, uma enorme contribuição no sentido de cristalizar uma imagem que transparecia e denotava irresponsabilidade, através da veiculação de ícones juvenis no cinema e na música.

A cultura jovem busca distanciamento do mundo adulto e rechaça o status de criança ou mesmo de adolescente. Contudo, o contradiscurso, apesar do seu radicalismo político, é apropriado pela mídia. Em meados da década de cinquenta, o mercado descobre o poder de compra do jovem.

A esse respeito, diz Hobsbawm (2008, p. 318-320):

o surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido, entusiasticamente, pelos fabricantes de bens de consumo. [...] a cultura juvenil era ou tornou-se dominante nas “economias de mercado desenvolvidas”, em parte porque representava agora uma massa concentrada de poder de compra, em parte porque cada nova geração de adulto fora socializada como integrante de uma cultura juvenil autoconsciente, e trazia as marcas dessa experiência, e não menos porque a espantosa rapidez da mudança tecnológica na verdade dava à juventude uma vantagem mensurável sobre grupos etários mais conservadores, ou pelo menos inadaptáveis.

Dessa forma, o poder amalgamou-se ao movimento da contracultura, dele se beneficiando em troca de algumas concessões. O cinema com os seus ícones, a retratar os “rebeldes sem causa” e o rock, ambos a serviço da mídia, operavam lucros vantajosos para a indústria cinematográfica e fonográfica, e a sua produção

era vendida justamente aos indivíduos na faixa etária entre os catorze e vinte e cinco anos. Também a indústria da moda foi levada a se popularizar para vender peças do vestuário jovem, obtendo grande sucesso nesta empreitada.

O mercado descobriu que além do poder de compra, o jovem adapta-se mais facilmente às inovações do mercado, aprende rápido a lidar com máquinas e programas de informática, facilidade que não se encontra da mesma forma entre os adultos. Inverte-se então os papéis entre as gerações: os pais agora podem aprender com os filhos, quando antes ocorria o contrário. Além disso, os pais também passam a adotar peças típicas do vestuário do filho e a compartilhar do seu gosto musical, ou seja, a assimilar um estilo de vida característico do jovem.

A revolução cultural definia-se pelo seu caráter informal e contraditório, sobretudo no que se refere à conduta jovem. A informalidade é expressa através da moda que por sua vez se volta para a venda de produtos populares. Em relação à música, o rock foi absorvido também pelos jovens das classes mais abastadas, o mesmo fenômeno ocorre em relação à literatura. Através de tal informalidade e popularização dos seus gostos, os jovens buscam outras formas de lidar com um mundo onde os valores não sejam aqueles das gerações dos seus pais.

Entretanto, a contradição da cultura jovem expressa-se em torno da “conduta pessoal”. O indivíduo deveria “ficar na sua”, sem admitir interferências, porém, diante da pressão dos pares ou da moda, ele cede, e, pelo menos diante desses ou das subculturas, uniformiza a sua forma de agir como antes.

Segundo Hobsbawm (2008, p. 325-326), este paradoxo pode ser melhor observado através dos slogans e cartazes das manifestações estudantis de Maio de 68, em Paris: ‘É proibido proibir’, em referência à não repressão, também, através do slogan: ‘Tomo meus desejos por realidade, pois acredito na realidade de meus desejos’. Tornando patente que o subjetivismo é essencial. E ainda, um outro slogan de Maio de 68, diz: ‘Quando penso em revolução quero fazer amor’. Tal slogan, expressa o que aparentemente parece ser contraditório nesse discurso políticosexual, reflete na realidade a condição da sua mobilização, tendo em vista que lutam principalmente pela prática sexual sem restrições, por uma sexualidade a ser exercida livremente, destituída de estigmas.

Para esses jovens, “fazer revolução” não significa renunciar à vida amorosa. O contradiscurso traz em si o objetivo de, ao protestar contra regimes políticos e contra o discurso sexual hegemônico, poder transformar a sociedade, tendo como

resultante a justiça social e um amor livre de barreiras ou preconceitos. Portanto, para eles, revolução e amor são termos que não se contradizem, ao contrário, estão interligados por um propósito. Os hippies surgiram a partir dessa expectativa desde o início dos anos sessenta, em busca do ‘amor livre’, o *love power* e com os slogans ‘paz e amor’ e ‘faça amor, não faça a guerra’, em referência à guerra do Vietnã.

Para Hobsbawm (2008), na revolução que também é sexual, liberação pessoal e social apresentam-se interligadas e buscam manifestarem-se através do sexo e das drogas como uma forma de luta, de rebelião. Entretanto, o uso de drogas consistia em uma atividade reprovável entre eles, a droga de uso mais frequente seria a maconha e a sua utilização consistia num meio de desafiar aqueles que a proibiam.

Segundo César (1998, p.107), a liberação sexual que os jovens tanto defendem significa a reivindicação do direito a ter uma vida sexual distinta, em outros moldes: mais livre, sem comprometer-se obrigatoriamente com o “ideal representado pela heterossexualidade, monogamia e reprodutividade”. Reivindicar a liberação sexual tem como propósito modificar o que há de conservador e tradicional, ou seja, o discurso e a visão sobre o sexo na sociedade burguesa desse período.

O feminismo, enquanto movimento contemporâneo inscrito nos anos 60 e 70 do século XX, também incorporou-se aos movimentos de contestação que atingiram o seu ápice com as manifestações de maio de 68, na França. No Brasil, associou-se ao movimento estudantil num momento em que o país vivia sob uma ditadura militar e os jovens estavam imbuídos do propósito de mudança daquele regime político. Porém, a preocupação fundamental do movimento feminista, a partir desse período, fundamenta-se na questão de gênero. Em tentar reverter a visão social sobre a mulher, a qual, historicamente, foi oprimida, sobretudo em sua sexualidade. Silenciada, por meio de uma invisibilidade política, após os anos 60 e 70, o feminismo se detém no estudo das questões de gênero, nas mudanças ocorridas desde o início do século XX até os dias atuais, partindo do questionamento: o que é ser mulher? O que constitui o ser humano em homem ou mulher? Qual a condição da mulher na sociedade atual?

Sabe-se que o discurso sobre sexualidade nas sociedades ocidentais é um discurso heteronormativo e, sobretudo durante o século XIX e início do século XX, a

mulher teve a sua sexualidade encarcerada. Sem direito a voz, à participação social, e a expressar desejos ou prazer em relação ao sexo.

De acordo com Rosemberg (2002), ainda na década de 90, o sexismo estende-se também a outras áreas, pois a opressão é uma realidade nas relações de trabalho e também, na educação, em que a escola e os livros didáticos buscam reforçar esse discurso hegemônico em relação ao feminino, contribuindo dessa forma para a perpetuação de uma imagem através da cristalização desse discurso.

Falar sobre gênero significa abordar a questão da desigualdade e da subordinação feminina de uma forma recorrente. As relações de poder encontram-se presentes em cada gesto ou atitude, em cada hábito ou costume. Para Meyer (2007, p. 14), “[...] as relações de poder que permeiam a vida privada e as relações afetivas e, ainda, a configuração da maternidade e do cuidado de crianças como destino natural de mulher” implica em analisar os fatos à luz da biologia (fisiologia) e do sexo anatômico, além de ater-se a desvantagens socioeconômicas, vistos de forma isolada para justificar as desigualdades de gênero. Entretanto, observa-se toda uma influência cultural a se manifestar de forma hegemônica através do exercício desse poder masculino em relação ao feminino por meio da opressão nas relações conjugais, em que o homem acha natural se comportar de forma infiel, através de relacionamentos amorosos com outras mulheres, enquanto exige, e a própria sociedade espera da esposa, que se mantenha fiel e dedicada ao lar e à família. De tão recorrente, esse discurso foi assimilado historicamente pelas próprias mulheres e parte delas ainda o transmite de geração a geração.

Entretanto, de acordo com Meyer (2007, p. 14)

para as feministas, são os modos como as características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se re-conhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico

As diferenças entre mulheres e homens, assim como as desigualdades características das suas relações, não são, portanto, ditadas pela biologia, mas sim, existem em decorrência de uma construção social e cultural. Constituído culturalmente, o gênero, tanto quanto a sexualidade, é construído no decorrer da

vida por meio de experiências e aprendizagens diversas, num processo que tende a perdurar por toda a existência do indivíduo.

Porém, ao se fazer referência a gênero, diz Louro (2008, p. 31), convém não se ater à “oposição binária masculino-feminino”, pois “cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido”, tendo em vista que homens e mulheres pertencem a classes sociais distintas, raças, religiões, além de outros fatores que devem ser considerados na constituição das suas identidades de gênero. A autora menciona a necessidade da desconstrução dessa oposição binária dos gêneros já há algum tempo, o que possibilitará incluir as diversas formas de masculinidade e feminilidade existentes no meio social e que de outra forma não seriam consideradas pelo discurso hegemônico da sexualidade.

Baseando-se na concepção foucaultiana sobre o poder, Louro (2008, p. 41) afirma que homens e mulheres com certeza não se fazem apenas através de mecanismos repressivos ou de censura, mas também “através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas. Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder”. A partir dessa reflexão da autora, pode-se compreender como resultante das relações entre os gêneros: a subordinação, as desigualdades, a diferença da mulher em relação ao homem em decorrência deste ainda significar a “norma”, além da diferença em relação às mulheres entre si. Na complexidade dessas relações, inscreve-se o poder através de suas estratégias. Louro (2008, p. 47) observa ainda que a diferença é inerente às relações de poder, sendo constituída a partir de um modelo ou “lugar que se coloca como referência”.

Os desdobramentos da revolução cultural resultou, paulatinamente, na modificação dos costumes e na extrema valorização do jovem numa sociedade que aos poucos vai se destacando pela ênfase no consumo e na individualização.

De acordo com Justo (2005, p. 66):

O trabalho, a televisão, o *shopping center* – Meca da sociedade atual – são maciçamente ocupados por jovens ou dirigidos para eles. São os principais alvos do consumo e da publicidade num mundo em que o consumo é centro organizador da vida e da sociedade, do espaço urbano, da cidadania, do sujeito (somos o que consumimos), das identidades (espelhamo-nos nas marcas e grifes) e da produção e projeção da imagem do sujeito, de seu reconhecimento, de sua autoestima e de seu poder.

No que se refere à vida sexual, a revolução cultural contribuiu para uma maior abertura e aceitação da sexualidade adolescente assim como das minorias ou das sexualidades periféricas: ou seja, dos gays, lésbicas e bissexuais, que também se mobilizaram pelo direito a viver a sua sexualidade.

O modelo de família nuclear tradicional vai se fragmentando em novos modelos em decorrência das modificações transcorridas na estrutura familiar, ou seja, nos vínculos amorosos e nos relacionamentos, que tem requerido novas composições ou arranjos familiares a partir dos divórcios e de recomposições dessas famílias através de novas uniões, além de diversas outras situações que concorreram para essa fragmentação. Com efeito, não se pode mais pensar atualmente em apenas um modelo de família, mas em vários modelos.

Passa a ocorrer uma certa liberalidade nos relacionamentos amorosos. Surgem as uniões sem vínculos legais, homem e mulher se propõem a um relacionamento amoroso sem que antes seja firmado um compromisso ou um vínculo de acordo com as convenções sociais. Este tipo de união rejeita formalidades, estereótipos e preconiza o direito ao prazer sexual. Defendem o estar junto, não importando o tempo que este relacionamento perdurar. Assim como não há um prazo determinado, também não há restrições ao número de parceiros, tal forma de relacionamento pode ocorrer com um parceiro apenas, ou com vários, o que importa é que a união permaneça livre, não institucionalizada, havendo o compromisso apenas em relação ao outro.

A “amizade colorida” é também uma outra forma de relacionamento afetivo, um desdobramento do amor livre entre os casais, surgida nos anos 70 e 80 do século XX. Nela, homens e mulheres se relacionam e podem até viverem juntos, mas não obrigatoriamente compartilham de uma convivência numa mesma casa. Assim, mais uma vez, observa-se que o fundamental é a liberdade sexual. Compromisso e fidelidade não deveriam ser observados de forma rigorosa, impostos como condição para a manutenção do relacionamento. A aparente liberação nos costumes em relação ao sexo exerce influência sobre temas antes tabu que dizem respeito à iniciação sexual entre @ adolescente, à virgindade e à manutenção de relações sexuais antes do casamento, às relações sexuais com o intuito de conhecer o outro de forma íntima, sem compromisso formal, para só depois decidir o futuro dessa relação, à luz dos valores cultivados até a década de 60.

Tais formas de relacionamento afetivo e sexual constituíram-se em uma transgressão aos valores cultivados até esse período histórico, no qual, a tradição em relação aos costumes, estabelecia como norma o namoro seguido necessariamente por noivado e casamento. Nos dias atuais, os jovens não pensam mais como antes em namorar nos moldes tradicionais, para em seguida noivar e casar. Estão mais preocupados em se conhecerem e compartilhar de intimidades em relação ao sexo. Dessa concepção a respeito do relacionamento amoroso preconizado nos anos 60 e 70, é que surgiu um novo código de relacionamento no final da década de 80, conhecido como o “ficar”. Abordado também como uma forma de relacionamento transgressora encontra aceitação social, embora, de acordo com Chaves (2001), nem todos o assimilem. Neste sentido diverge das outras formas de relacionamentos anteriormente citadas, as quais, à época, causavam grande impacto no meio social. Hoje, pessoas ainda censuram este código atual, mas não com tanta veemência como ocorria com os relacionamentos amorosos daquele período.

Este código de relacionamento para Chaves (2001), caracteriza-se pela ausência de compromisso e pela brevidade da sua duração. O “ficar” é exercido não apenas por adolescentes, mas também por adultos, porém é entre adolescentes que esta forma de relacionamento encontra representatividade, associando-se a um comportamento amoroso típico deste grupo de idade.

2.6 AS DIMENSÕES SOCIAIS, SEXUAIS E AFETIVAS DA ADOLESCÊNCIA: O “FICAR”

Até os anos 60, a socialização nesta faixa etária era vista com preocupação pelos estudiosos e pela sociedade. À época, os especialistas da adolescência atribuíam a processos internos uma forma de comportamento tida como diferente, e, por isso mesmo, analisada sob o prisma do preconceito e do estigma. De acordo com César (1998), a tendência inata à formação de grupos entre os adolescentes e a influência desempenhada pelos seus pares traziam para os especialistas todo um discurso interligado por imagens marcadas pelo receio em relação a um comportamento rebelde, transgressor, ou até mesmo analisado como delinquente. A caracterização do adolescente enquanto transgressor em seu comportamento social e sexual, é algo que ainda hoje se faz presente.

Nas palavras de Silva (2001, p. 76), “comportamentos de resistência, contestação e transgressão, promovidos por cada geração, podem servir de alicerce para que algumas transformações sociais venham a acontecer”. Ao longo da história é possível observar as mudanças nos costumes em relação à manifestação da sexualidade, sobretudo entre os jovens. As regras em relação à sexualidade são continuamente transgredidas ao longo do tempo. Se antes se pedia a permissão dos pais para se namorar uma jovem, tempos depois já não se usava esse costume; se o beijo, antes ocorria apenas depois de uns dois meses de namoro, algum tempo depois, tal norma seria vista como representativa de um passado longínquo.

Ao olhar para o Brasil rural no século XIX, em sua aceitação quanto aos relacionamentos afetivos, e, a seguir, nessa trajetória, ao se observar o nível de aceitação quanto aos relacionamentos afetivos durante os anos 50 a 60, é possível constatar as mudanças nesse sentido; concorrem para elas, fatores de ordem, sócio-político-cultural, e sobretudo econômico, determinados pelo modelo assumido pelo capital naquele momento histórico. Inseridos nesse contexto como parte integrante do meio social, à medida que é influenciado, o jovem também exerce a sua influência por meio de transgressões que atualmente já não assumem uma conotação tão forte; sobretudo as gerações do pós-Guerra contribuíram para revolucionar os costumes e exerceram a influência no sentido de tornar as regras em relação ao comportamento sexual menos rigorosas, mais maleáveis. A título de ilustração, podem ser citados, por exemplo, de acordo com Silva (2001, p. 60-62), as ‘uniões livres entre os casais’, sendo assim denominadas por acontecerem antes do casamento; a ‘amizade colorida’ muito em voga nos anos 70 e 80; o abrandamento da censura em relação aos ‘casais que se separam’; além do ‘amor livre dos hippies’, essas formas de relacionamento amoroso, à época, constituíram-se em uma forma de transgressão aos valores tradicionais.

As transgressões adolescentes da atualidade relacionam-se ao modo de vestir, de falar através de gíria, aos hábitos e à forma de vivenciar sua sexualidade. Encontra-se muito distante no tempo, a transgressão entendida como sinônimo de delinquência, associada a gangues e à marginalidade. Para César (1998), produzida sobretudo por um discurso institucionalizado, a exercer influência sobre a sociedade no que se refere ao comportamento do jovem.

De acordo com esta autora (1998), atualmente, a rebeldia e a transgressão adolescente parecem ter sido apropriadas pelos meios de comunicação de massa e

instituídas a serviço das técnicas de marketing que parecem exercer um mecanismo de controle e regulação sobre o comportamento jovem em seus vários aspectos. As transgressões adolescentes não mais retratam as imagens da rebeldia tão enfatizadas no discurso científico. Porém, apesar de tal controle manifestar-se no sentido de modelar o comportamento jovem em relação a gostos, atitudes, estilo de vida, etc., eles continuamente procuram a inovação, o diferente, sempre buscando reinventar a realidade. Assim se deixam influenciar e, ao mesmo tempo exercem influência sobre o ambiente em que vivem. Nos anos 80 e 90, esgota-se o antigo discurso sobre esse período do desenvolvimento humano que aos poucos é substituído por um outro, no qual a adolescência deve ser preservada como sinônimo de felicidade.

As transformações sociais, ocorridas a partir das décadas de 60 e 70, revolucionaram os costumes, sobretudo no que refere aos relacionamentos amorosos. A partir da segunda metade do século XX, entra em cena o capitalismo financeiro que se caracteriza por ser extraterritorial e o indivíduo é levado a se desterritorializar na busca da satisfação imediata que lhe confira um sentido para a vida. No que se refere à sexualidade, a sua prática também é essencialmente um reflexo dessa nova forma de viver. Assim, num desdobramento desse comportamento em relação ao sexo, no final dos anos 80 surge um novo código de relacionamento amoroso denominado “ficar”; embora esteja presente também entre os adultos para o objetivo deste estudo, interessa abordá-lo entre os adolescentes.

Por meio do “ficar”, os relacionamentos são transitórios, o indivíduo pode relacionar-se com várias pessoas sem a preocupação com a fidelidade, busca o seu próprio prazer. Caracteriza-se por ser um relacionamento breve em que é possível ficar juntos, porém, sem assumir compromisso. Nesse contato, poderá ocorrer ou não uma troca afetiva. Nele, ocorrem os contatos físicos, beijos e carícias; por vezes, “ficar” significa apenas estar junto. Também, nesse momento em que a prática sexual com o outro se torna possível e desejável, por meio dele, pode acontecer a relação sexual.

O “ficar” diferencia-se do namoro por ser volátil, fugaz, e, portanto, os relacionamentos que se estabelecem sob esta ótica são destituídos de continuidade e de estabilidade. Interessa sobretudo o contato físico, as sensações que possam ser experimentadas a partir desse contato e o prazer que dele é resultante.

Neste código de relacionamento amoroso, o erotismo manifesta-se de forma isolada, solta, e desempenha um importante papel neste momento atual em que se privilegia o corpo e os prazeres sexuais. A respeito do erotismo, diz Bataille (1988, p. 12-14): “[...] se é verdade que o erotismo se define pela independência do gozo erótico e da reprodução como fim, o sentido fundamental da reprodução continua a ser a chave do erotismo” e continua: “O erotismo é aprovação da vida até na própria morte”. Fundamentando-se na reprodução, o autor considera o ser humano em sua descontinuidade, pois a distinção que existe entre cada indivíduo está a demonstrar este fato. A reprodução traz em si a descontinuidade, mas também intervém na continuidade do ser, guardando assim uma relação estreita com a morte, tendo em vista que a morte significa continuidade, através dela todos se assemelham. O erotismo é encarado por Bataille (1988, p. 14), como a “nostalgia da continuidade perdida”, a qual contribui para que este se manifeste no ser humano através de três formas distintas, a saber: “o erotismo dos corpos, expresso por meio do desnudamento; o erotismo dos corações, oriundo do erotismo dos corpos é representado pela paixão dos amantes ; e o erotismo sagrado que está associado ao amor de Deus”. Difere da mera atividade sexual e do amor.

Para Bataille (1988, p. 16), o erotismo tem como finalidade “[...] atingir o ser no seu mais íntimo cerne, lá onde qualquer palavra ou sentimento são inúteis. A passagem do estado normal ao desejo erótico supõe em nós a relativa dissolução do ser contínuo na ordem descontínua”. Neste contexto, o termo “dissolução” a que faz referência o autor, diz respeito à “vida dissoluta ligada à atividade erótica”. É através da dissolução que os dois seres se tornam um só, numa fusão que possibilita o encontro de um no outro, num desnudamento que busca a continuidade do ser.

A descontinuidade que torna a cada ser humano diferente do outro, faz com que haja a busca de romper com o que se constitui em barreira intransponível no desejo de ser parte de um todo. O adolescente, através dessa forma de relacionamento amoroso conhecido como “ficar”, tenta estabelecer uma relação em que busca a aproximação física, e, ao mesmo tempo, a manutenção da sua individualidade, expresso num desejo de amalgamar-se ao outro e, ao mesmo tempo, manter-se como ser diferenciado, num relacionamento marcadamente erótico que se traduz numa variedade de experiências.

Dias (2001, p. 98) em sua tese denominada “Adolescência: entre o passado e o futuro, a experiência”, sugere que este tipo de relacionamento está associado de forma particular à construção da “identidade de gênero”. Num primeiro momento as garotas parecem assumir uma posição mais igualitária em relação aos garotos, porém, contraditoriamente, constata-se, que devido a toda uma herança patriarcal, e aos estereótipos de gênero dos quais as garotas são alvo em seu comportamento no que se refere aos relacionamentos, os garotos obtêm mais vantagens em relação ao “ficar”. A autora também faz menção aos valores sociais e morais dos garotos, sobre as garotas que costumam “ficar”. A forma como vêem aquela que “fica” é diferente de como vêem aquela a que namoram. As namoradas teriam todas as virtudes, segundo Dias (2001, p. 98), são tidas como “santas”. O “ficar”, para eles, está associado à diversão e também é utilizado para quando desejam trair suas namoradas.

Em sua dissertação de Mestrado intitulada “A relação amorosa no cotidiano do adolescente: fragmentos e tramas de sedução”, Silva (2001) relata a respeito das tramas e teias do relacionamento amoroso no cotidiano dos adolescentes, a partir da análise da sedução e da conquista amorosa nos dias atuais e constata, que com o passar do tempo, as mudanças acontecem na forma e no tipo de relacionamento, e destaca o “ficar” como base de uma nova relação amorosa surgida no século XX.

Silva analisa o sentimento amoroso nos relacionamentos através do tempo, reportando-se ao século XIX e início do século XX até os dias atuais, chegando à conclusão que alguns relacionamentos amorosos atuais ainda se estruturam no amor romântico.

Para Silva (2001, p. 78):

o indivíduo estaria ligado a um ideal de trocas, jogo de sedução e maneira de ser, baseados na perspectiva de que o amor, tanto é necessário para conceber o indivíduo em uma sociedade para a qual o seu valor decorre de uma inserção socialmente definida, quanto para a constituição individual que se define por regras impostas culturalmente no que diz respeito ao estabelecimento de uma vida a dois.

Contudo, hoje, o sentimento aliado às relações duradouras, que se mantêm por toda uma vida, constituídas pelo amor romântico, já não parecem mais satisfazer e significar o acesso tangível à possibilidade de ser feliz. Observa-se que uma nova forma de amor vem ao encontro do modo de existência da sociedade atual, aos

poucos vem se sobrepondo ao amor romântico, nela as relações se mantêm e perduram no tempo enquanto houver uma correspondência de sentimento entre os envolvidos. A experiência amorosa passa a ser expressa não por um estar apaixonado, mas pelas inúmeras experiências e parcerias afetivas, num jogo a envolver o contato físico e sensorial nos quais a sedução desempenha importante papel.

Silva (2001) conclui, afirmando que os adolescentes, objeto daquela pesquisa, “transitam em uma sociedade complexa, formada por valores que tentam contemplar todos os indivíduos, homogeneizando-os em uma pretensa igualdade”. Ou seja, os adolescentes vivem em um contexto social em que os valores constituídos tendem a aprofundar as desigualdades sociais que são fomentadas através da forma como se processam as relações de poder numa sociedade capitalista.

Quanto aos códigos de relacionamento amoroso, estes, são construídos e influenciados pela cultura num contexto histórico. Se constituem e se reconstituem e modificam-se de acordo com as estratégias de poder em ação a cada época.

A respeito de tais códigos, Azevedo (1986) realizou estudo em que aborda as suas regras. Segundo esse autor, para uma maior compreensão sobre eles é necessário que se reporte à sua forma tradicional tal como eram concebidos em épocas anteriores. Assim, procede a uma análise sociológica a partir de uma perspectiva histórica sobre o tema.

Entre o século XIX e início do século XX no Brasil, diz Azevedo, as uniões decorriam de acordo entre as famílias de forma a se preservar o patrimônio e manter relações econômicas e sociais entre elas por meio do casamento. Namoro e noivado consistiam em etapas que antecederiam aquela união formal e, muitas vezes, ocorriam sem que tivesse havido nenhum contato físico entre os jovens, os quais geralmente se casavam muito precocemente. A escolha do cônjuge geralmente era realizada pelos pais da noiva e, por vezes, recaía em um homem muito mais velho, para uma moça de 13 ou 14 anos, por exemplo. O amor poderia ocorrer ou não como consequência dessa união.

Esses códigos sofrem modificação e começam a serem substituídos ainda, no século XIX, quando a escolha de um cônjuge passa a ser realizada pelo indivíduo e a atração física e o afeto passam a desempenhar um papel fundamental nessa escolha; porém, segundo Azevedo (1986), ainda subordinando-se a critérios em que

a escolha do cônjuge deveria ser circunscrita a um indivíduo pertencente ao mesmo grupo ou classe social, assim, podendo contar com a aprovação da família. Dessa forma, surge o namoro tradicional, em seguida, o namoro romântico e o casamento por amor, ou seja, a felicidade do casal não mais se vincula apenas aos interesses familiares.

De acordo com Azevedo (1986, p.15), o namoro transforma-se com a modernização dos grandes centros urbanos e dos meios de transporte que induzem às modificações de antigos hábitos e, como resultante dessas mudanças, tais transformações repercutem e influenciam no modo e no ritmo de vida das pessoas. O “footing”⁶, ou seja, os passeios pela ruas e praças, bem como encontros em locais públicos, como cafés e teatros, favoreciam o flerte, que consistia em “troca de olhares aparentemente casuais, sorrisos e gestos significativos” entre moças e rapazes, num jogo de sedução e conquista do qual ambos participavam, expondo-se e que invariavelmente, conduzia ao namoro. Os rapazes podiam se exhibir sem que houvesse cobranças, eles podiam ousar, tomar iniciativas, piscar para as moças e fazer-lhes a corte⁷. Quanto às moças deviam apenas sorrir discretamente e olhar de soslaio, o aconselhável seria nunca sorrir e/ ou olhar de frente para o rapaz.

Num início de namoro, a moça deveria demonstrar uma certa resistência e ser cautelosa, pois convinha avaliar as intenções e as qualidades do rapaz. Assim, seria aconselhável não demonstrar muito interesse. O recato e o pudor eram qualidades essenciais num início de relacionamento. Convinha também se comportar discretamente de forma a não ser vista como “oferecida”; porém, passado esse período inicial, deveria corresponder, sob o risco de perder o namorado que podia desinteressar-se e sair em busca de uma outra moça. De acordo com Azevedo (1986, p. 33) “as moças de família” costumavam serem resguardadas pela família, os irmãos e os pais assumiam essa tarefa até se certificarem sobre os propósitos e as qualificações do rapaz. Esse relacionamento dubio se legitima apenas com o noivado.

Tal modelo de relacionamento amoroso é submetido a sucessivas mudanças. Após a Segunda Guerra Mundial, as suas regras são transgredidas e assim, aos poucos são modificadas: o rapaz passa a conversar a sós com a moça; e o beijo já

⁶ *Footing*: O passeio, a caminhada a pé sem destino, o vaivém pelas novas avenidas, pelas ruas do comércio *chic*, pelas praças das cidades que se modernizam e imitam as metrópoles europeias. (AZEVEDO, 1986).

⁷ Fazer a corte a. Procurar agradar a (alguém), ou conquistar-lhe o amor, as boas graças. *Id.*, 1986.

não precisa esperar tanto para acontecer. Tais mudanças se processam sobretudo a partir do novo modelo de sociedade constituído após a crise das instituições e dos movimentos ocorridos na década de 60, em que a família e o casamento foram as instituições mais atingidas. À medida que as transformações se processam, a igreja católica também é uma outra instituição que aos poucos vai perdendo muito do seu poder de influência no que se refere a determinar valores e comportamentos dos indivíduos, dessa forma, o prazer em relação ao sexo passa a não ser mais considerado como pecaminoso.

Os costumes aos poucos vão se modificando e especialmente no que se refere à vida sexual, os relacionamentos já não obedecem mais a regras rigorosas. A liberação em relação ao sexo conduz o homem e a mulher à manifestação da sua sexualidade, os limites, outrora rígidos em relação a essas categorias, deixam de existir, enfatiza-se agora o igualitarismo nas relações; a busca de sensações e de prazer em relação ao sexo tornou-se determinante no comportamento dos indivíduos. Entretanto, namoro, noivado e casamento continuam a subsistir, não desaparecem. Porém, o namoro dessa época, diz Azevedo (1986, p. 93), é o “namoro individualista e permissivo” e se expressa particularmente por meio da submissão da mulher aos habituais privilégios masculinos, herança de origens patriarcais e patrimoniais.

Atualmente, tais regras rigorosas que compunham os códigos tradicionais de relacionamento e até mesmo os jogos de aproximação entre os jovens são vistas como parte de um passado longínquo. Pouca coisa restou das paqueras⁸, e do “*footing*” nada restou. Não há mais passeios nas praças com o intuito de encontrar alguém que desperte atração ou desejo de namorar. Desfez-se o vínculo entre namoro e casamento, embora ainda exista relação entre ambos, porém, não mais a obrigatoriedade. Hoje a família deixa os namorados à vontade, sem vigiá-los como antes; as pessoas gozam de mais liberdade em relação às suas escolhas, e o namoro se constitui como o prazer de estar com o outro, a pessoa pode namorar várias outras antes de se decidir por alguém para casar, se assim for o seu desejo. O namoro hoje se apresenta sob várias formas, porém, na relação entre namorados persiste a existência do compromisso, herança do namoro tradicional, que desta

⁸ Paquera. Bras. Gíria 1. Tentar aproximação com (alguém), buscando namoro ou aventura amorosa. 2. Observar atentamente; vigiar, espreitar. 3. Buscar namoro ou aventura amorosa; gacionar. 4. Estar de sentinela, vigiar. (FERREIRA, 1986).

feita é assumido perante @ parceir@ em relação à fidelidade por meio da observância da estabilidade do vínculo e da monogamia. Mudanças ocorreram e os relacionamentos entre os adolescentes se transformaram.

Justo (2005, p. 70) em artigo intitulado “O ‘ficar’ na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade”, procede à análise desta forma de relacionamento na atualidade, baseando-se em dados de pesquisa realizada na cidade de Assis, em São Paulo. Fundamenta-se em Bauman quando afirma: “Na lógica de compressão de tempo e espaço da contemporaneidade, ou seja, com a aceleração do tempo e a derrubada das fronteiras geográficas e psicossociais, as relações passam a ser mais fluidas, breves, instantâneas, diversificadas e instáveis”.

Para Justo (2005, p. 71):

Dentre os diversos tipos de relacionamento afetivo o ‘ficar’, sem dúvida, é o mais expressivo da cultura adolescente na atualidade. Embora designe um tipo de relacionamento também presente em outras faixas etárias, consagrou-se como um relacionamento próprio dos jovens.

Significando um relacionamento passageiro, podendo durar alguns minutos, horas, ou uma noite no decorrer de uma festa, este relacionamento superficial é vivido apenas no presente, no momento em que ocorre e o que acontece com maior frequência no “ficar”, são beijos, abraços e carícias. Nesse relacionamento sem perspectiva de futuro, a garota e o garoto buscam um ao outro, conscientes da não existência de qualquer vínculo entre eles. Após esse momento de intimidade vivido por eles, cada um irá agir como se nada tivesse acontecido entre os dois.

Os resultados da pesquisa realizada com 264 adolescentes masculinos e femininos a qual Justo (2005) tomou como base, apontam o “ficar” como o relacionamento a que mais se referiram, sendo acompanhado de perto pelo namoro, entretanto, a maioria deles prefere o namoro ao “ficar”. As diferenças entre estes relacionamentos consistem principalmente no que se refere à durabilidade e ao grau de comprometimento. O “ficar” é apontado nesse estudo como um relacionamento ou uma aproximação despertada por uma atração ou interesse, normalmente num local de encontro de jovens na noite, que acaba resultando em contato físico (carícias, beijos e, eventualmente, relações sexuais) e que dura enquanto durar aquele encontro.

Nesta forma de relacionamento, conforme o estudo abordado por Justo (2005), há o predomínio da sensorialidade, isto é, as sensações e o prazer que delas poderão advir, observa-se também, a ausência de exclusividade, o descompromisso e a brevidade do contato, a descartabilidade do outro e a não-obrigatoriedade da presença de sentimento, entre os “ficantes”, tendo em vista que o que importa é o próprio prazer que o outro possa proporcionar. Dessa forma, após a obtenção do prazer, o outro é descartado, posto que já se atingiu o propósito desejado.

Afirma este autor (2005, p. 72), que entre os garotos e as garotas, principalmente, não há um bom nível de aceitação em relação ao “ficar” enquanto relacionamento ideal ou que gostariam de eleger por um longo período de vida. Entre “ficar” e namorar, preferem a maior estabilidade do namoro. O “ficar” estaria então, nesse caso, representando a possibilidade de viver experiências, “um modo de explorar e experimentar sentimentos, parceiros e situações para a realização de escolhas e para a tomada de decisões mais realistas”. Vistos sob esse ângulo, o “ficar” e a paquera, para Justo, guardariam algumas semelhanças, embora a paquera consista apenas em olhares, podendo chegar até mesmo a uma conversa mais íntima, enquanto o “ficar”, caracteriza-se pelo contato físico.

Garotas e garotos definiram o “ficar” como uma relação que poderia resultar em namoro; o que vem contribuir para reafirmar a hipótese a respeito do desejo de conhecer melhor @ parceir@ antes de se estabelecer um vínculo afetivo.

O “ficar” também foi visto como um “passatempo e uma simples diversão”, também como uma “busca de prazer imediato e fortuito”. Entre essas respostas porém, a que foi mencionada mais vezes refere-se à “ausência de compromisso”. Assim, os “ficantes” apenas querem estar juntos por um momento, vivendo-o sem nenhuma intenção de prolongar-se além daquele encontro ou, mesmo que se prolongue por dias, a intenção é apenas “curtir”. Para Justo (2005, p. 73), o “ficar”, tido e vivido como um primeiro contato com um parceiro tendo em vista um possível namoro, nem sempre ocorre conforme o esperado, deixando de cumprir tal intento, pois esse relacionamento, em sua forma radical, poderá apenas significar um estar junto sem maiores consequências ou desdobramentos. A experiência não mais se repetirá porque não se buscará a sua repetição.

Reportando-se ao passado, Justo (2005) afirma haver semelhanças e afinidades entre o namoro para passar o tempo e o “ficar”. O namoro que em épocas

anteriores não fosse “firme” ou “sério”, ou seja, não expressasse compromisso ou longevidade na forma como era concebido, consistia mais em um passatempo, uma diversão, embora houvesse a exigência da fidelidade e tivesse uma maior durabilidade. Assim, o namoro para passar o tempo e o “ficar”, guardam semelhanças e afinidades, diferenciando-se apenas quanto à exigência da fidelidade e à durabilidade do relacionamento, que eram condições a serem observadas nesse tipo de namoro.

Justo (2005) encontra afinidades entre a exploração antes praticada pelos garotos em relação às garotas e o “ficar”, relacionamento da atualidade. Na forma como era vivida, representava um encontro erótico passageiro em que a relação sexual acontecia. Esse encontro limitava-se apenas ao ato do sexo, sendo assim também, descompromissado; no entanto, segundo o autor, o caráter perverso da sua prática não está excluído. Entretanto, este mesmo autor reconhece que o “ficar” difere bastante da exploração sexual de outrora, pois esta forma de relacionamento encontra aceitação social e é valorizada pelos próprios adolescentes que não se inibem nem são discriminados por adotá-la, como ocorria com as ‘garotas desonradas’ do passado.

Todavia, este autor (2005, p. 74) recomenda prudência no que diz respeito à “aceitabilidade” do “ficar”, pois, alguns adolescentes, notadamente as garotas, não veem com bons olhos aqueles que costumam “ficar” com muita frequência e ainda mais, se em meio a esse relacionamento ocorrer a relação sexual. O seu comportamento em relação àqueles e aquelas que assim procedem é de censura e “recriminação”, o discurso sobre essa situação em particular utiliza tons pejorativos e preconceituosos e à semelhança do que ocorria em épocas anteriores, buscam diferenciar-se das outras garotas que têm relação sexual durante o “ficar”, pois elas são consideradas ‘galinhas’, “garotas fáceis”, “oferecidas”, e, portanto, sujeitas até mesmo à rejeição masculina.

A respeito dessa forma de relacionamento, Justo (2005, p. 74) acrescenta ainda:

Essa provável ancestralidade do ‘ficar’ atualiza os mesmos conflitos e problemas vividos pelos jovens em relação à sexualidade e a relacionamentos amorosos. Por um lado, há uma busca de liberdade, prazer, felicidade e, por outro, dilemas, freios e contradições insuperáveis. É bom ‘ficar’ mas a falta de uma perspectiva de futuro produz uma sensação de desamparo e insegurança; é bom namorar e casar, mas a vida fica muito limitada

e pesada pelos compromissos assumidos, encargos domésticos e dificuldades na convivência diária – o preço a pagar pela segurança e pela confiança.

Os jovens nos dias de hoje vivem às voltas com dilemas que não se referem mais ao aspecto moral, tendo em vista que vivem na época da liberalidade, da diversidade e da disseminação da sexualidade. Por conseguinte, o desejo sexual e a sua satisfação não encontrarão obstáculos à sua realização, portanto, os seus dilemas hoje são de caráter ‘existencial’. O indivíduo deseja ser feliz num relacionamento em que haja prazer e liberdade, porém, nenhum dos relacionamentos existentes pode lhe assegurar tal condição, considerando que o “ficar” é transitório e implica na não existência de vínculo, e o casamento parece pesar e aprisionar devido aos muitos encargos assumidos e à rotina com as possíveis dificuldades no relacionamento a dois. Dessa forma, qualquer que seja a opção que faça o indivíduo, sempre haverá por parte dele uma ponta de insatisfação, tendo em vista que não existe como solucionar satisfatoriamente tal dilema.

Justo (2005, p. 75) ressalta o fato de que assim como ocorria no passado no que se refere à sexualidade e aos relacionamentos amorosos, nos dias de hoje mais uma vez a mulher arca de forma mais intensa com os “conflitos e angústias” suscitados por estes relacionamentos. E é sobre ela que também recai com mais intensidade, “o sofrimento produzido pela sensação de desamparo, insegurança e desconfiança, relacionados aos modelos contemporâneos de relacionamento afetivo”.

De acordo com este autor, há entre os jovens “dilemas e conflitos” referentes à transição da forma do ‘amor romântico’ para o ‘amor confluyente’, este último, mais condizente com a realidade atual. Aquele amor muito em voga em épocas anteriores, envolvendo juras eternas, constituindo relacionamentos indissolúveis, não encontra mais espaço para manifestar-se na sociedade atual.

Dessa forma, Justo contrapõe-se à visão de Silva (2001, p. 78) quando ela argumenta que “alguns relacionamentos amorosos da atualidade ainda se estruturam no amor romântico”. Segundo este autor (2005, p. 75), o amor romântico vem sendo substituído por uma nova forma de amor e relacionamento amoroso com maior plasticidade “que exige correspondência, confluência de interesses e desejos e que institui relacionamentos contingentes, negociados e duráveis, não até a morte,

mas sim até a finitude dos interesses de uma ou de ambas as partes”. O amor confluyente vem ao encontro das demandas dos relacionamentos amorosos na forma como se processam na sociedade pós-moderna. Neste momento, embora já não se possa usufruir da “segurança, confiabilidade, fidelidade, durabilidade”, entre outras promessas do amor romântico, já é possível porém, amar e ao mesmo tempo conservar uma certa “independência, autonomia, realização e diversidade, entre outras coisas” oferecidas pelo amor confluyente.

Para Justo (2005, p. 75):

esta forma de amor é expressão dos avanços das conquistas de maior igualdade nas relações de gênero, da liberdade quanto às escolhas de parceiros e interrupções de relacionamentos conjugais e é também expressão da maior mobilidade espaço-temporal do sujeito na contemporaneidade.

Entre o amor romântico do passado e o modelo atual de amor e relacionamento amoroso, o adolescente vivencia a possibilidade não apenas de escolha entre duas alternativas, mas sobretudo a necessidade de apreender no plano afetivo o que surgiu de forma vigorosa no modo de vida atual da sociedade contemporânea.

Concluindo, o autor reconhece que o modelo de sociedade tal como é constituído na contemporaneidade, com a cultura do descartável, influencia sobretudo a sexualidade e os relacionamentos amorosos na forma como se manifestam.

Sobre o “ficar” Justo (2005, p. 75) reconhece que:

o ‘ficar’ não é apenas um avanço de antigas formas de paquera. É um relacionamento que tende a se tornar hegemônico ou paradigmático das formas de relacionamento na contemporaneidade, ou seja, ele expressa fundamentalmente a compressão do tempo e do espaço na atualidade. Não é um modismo ou um fenômeno superficial e isolado, mas conecta-se com outras subjetivações produzidas na sociedade contemporânea.

O “ficar” é um relacionamento representativo da sociedade atual. Reflete o modo de vida de uma sociedade consumista em que os vínculos a significar permanência e durabilidade dos relacionamentos, aos poucos perderam o sentido e deixaram de ser valorizados; em seu lugar, observa-se o aprofundamento da mobilidade e da cultura do descartável a exercer a sua influência, primordialmente, sobre a sexualidade e os relacionamentos afetivos ou amorosos.

Nos estudos realizados sobre este código de relacionamento denominado “ficar”, destaca-se aquele empreendido por Chaves (2001), pelo seu pioneirismo e abrangência. Para desenvolver o tema “ficar com: um novo código entre jovens”, a autora diz ter recorrido a disciplinas tais como: psicologia, psicanálise, além da história, sociologia e antropologia social, pois o que aparentemente parece simples e de fácil compreensão como o código de relacionamento a que denomina “ficar com”, demonstra ser na realidade um tema que não se delimita a uma única área e envolve diversos aspectos que o torna complexo em seu entendimento pleno.

O estudo foi realizado entre jovens de classe média e média alta dos grandes centros urbanos brasileiros a partir de um mapeamento de onde o “ficar com” costuma acontecer, com o objetivo de estudá-lo em seus vários aspectos: as diversas formas em que é praticado, o prazer que através dele pode ser obtido, ou, ao contrário, as decepções, frustrações, angústias que poderão advir dessa forma de relacionamento.

Chaves (2001, p. 11) aborda os códigos de relacionamentos exercidos no Brasil tais como, “casamento, noivado, namorar, cortejar, flerte, paquera, amizade e caso”. Para ela, estas são formas de relacionamento “claramente delimitadas, compreendidas, precisas e socialmente legitimadas”. A mesma situação não se aplica ao “ficar com”, o qual carece de “clareza e difusão”. Mesmo tendo um espaço no social não apresenta limites fixos ou bem demarcados, não é apreendido por todos e não é “socialmente legitimado” embora seja utilizado com frequência, mesmo em situações convencionais. Envolve uma diversidade de desejos, regras e usos e tem como objetivo fundamental a busca do prazer.

Esta autora discorre sobre o surgimento e a durabilidade desse código de relacionamento e afirma que o “ficar com” não é uma nova denominação para referir-se a “transar”, nele a relação sexual pode ocorrer ou não de acordo com a vontade dos “ficantes”. Também não deve ser confundido com namoro relâmpago, pré-namoro ou amizade colorida.” Para Chaves (2001, p. 33) este código “existe por si só; independe do namoro, da amizade ou de qualquer outra forma de vínculo. Ele é o átomo da relação.” Ressalta que o “ficar com” consiste em uma forma de relacionamento de amplo conhecimento de todos e especialmente difundida pelos meios de comunicação. Identificado com o presente e com a forma como são constituídos os vínculos nas sociedades pós-modernas, nesse momento histórico, este código de relacionamento é estimulado pelo poder que, tendo à frente o

dispositivo de sexualidade, investe como nunca na disseminação das sexualidades através dos prazeres e das sensações em nível corporal.

Na concepção de Chaves, este código de relacionamento não se vincula a nenhuma outra forma de relacionamento afetivo anterior. Existe de forma autônoma, independente, sem ligar-se a nenhum evento histórico precedente. Entretanto o “ficar” parece manter uma íntima relação, e ser originário, do que há algumas décadas atrás, mais precisamente nos anos 60 e 70 era conhecido como “amor livre”. O alheamento a regras, e normas, além do número variado de parceiros leva a essa associação.

Porém, tais formas de relacionamento diferenciam-se no que se refere à durabilidade e com relação à constituição do vínculo. No amor livre, o relacionamento pode ter uma durabilidade indefinida, fato que não ocorre em relação ao “ficar”, relacionamento breve e fugaz. Neste código de relacionamento atual não há vínculo ou qualquer tipo de compromisso em relação ao outro, o que não é o caso do amor livre que subteme compromisso em relação ao parceiro. Tal forma de relacionar-se é denominada livre, principalmente, por refutar quaisquer formalidades em relação à união entre casais. Assim, o que é institucionalizado é rejeitado pelos praticantes dessa forma de relacionamento.

Conforme Foucault (2007, p. 160-161), “[...] estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada”. Neste momento, o erotismo surge dissociado das implicações reprodutivas e do amor e manifesta-se livremente, liberando-se desses antigos vínculos, expressando-se através da busca do prazer.

Segundo Chaves (2001), a sociedade brasileira passou por rápidas mudanças rumo à modernização fazendo com que valores atuais se sobrepusessem aos antigos, numa convivência contraditória dentro do indivíduo. Como resultante, a postura do jovem em relação aos sentimentos e atitudes a respeito de sexualidade, amor, relacionamento, entre outros, se expressa de forma dúbia ou conflituosa. Vêm-se diante de um mundo que lhes apresenta uma enorme variedade de opções e em meio a tantas possibilidades, por vezes prevalece a indecisão diante de possíveis escolhas a fazer. O que o indivíduo não percebe é que as suas opções ou escolhas não são tão livres ou individualizadas como acredita, mas sim, resultantes das estratégias e relações de poder.

O “ficar com” representa a possibilidade do indivíduo se relacionar sem que haja envolvimento, desta forma obtém-se o prazer sem comprometimento. O erotismo assume um papel relevante e manifesta-se das mais diversas formas nesse código de relacionamento: nada é proibido, “tudo é permitido”, especialmente desejos antes considerados “tabus”. De acordo com Chaves (2001, p. 14) o corpo é privilegiado sob o ponto de vista estético e é concebido como “objeto de desejo e fonte de prazer”. A prática erótica considera o corpo em toda a sua totalidade e busca-se a obtenção do prazer sexual não apenas em relação à prática do sexo genital. Assim, há uma diversidade de possibilidades que o indivíduo poderá colocar em prática se assim o desejar.

Desta forma, no “ficar com” diz Chaves (2001, p. 34), há uma “variedade de práticas, usos e tipos. Pode ser usado, experimentado, com várias finalidades”. Por vezes, não intencionalmente, dois indivíduos podem estar “ficando” sem perceberem que estão expressando através do seu comportamento, um código de relacionamento já incorporado, assimilado, e portanto, constituindo-se em um “comportamento já padronizado na sociedade”.

Como os demais códigos de relacionamento amoroso, o “ficar com” também obedece a princípios estáveis. Nas palavras de Chaves (2001, p. 36), tais princípios seriam: a “falta de compromisso, a ruptura entre compromisso e prazer, a negação da alteridade, a comutatividade do objeto”.

O relacionamento descomprometido constitui-se num modo fácil de obtenção de prazer tendo em vista que nenhum compromisso retém o indivíduo; o rompimento entre compromisso e prazer os quais nos demais códigos de relacionamento encontram-se interligados, no “ficar com” apresentam-se como descontínuos e independentes um do outro e, dessa forma, não favorece a um relacionamento mais intenso, resultando na ausência de transcendência, numa ética do desejo que se constitui na base desse relacionamento e que está intimamente associada ao imediatismo das ações; à valorização da transgressão de regras e regulamentos, considerando que em relação ao comportamento, estas regras não são fixadas em limites claros ou rigorosos, mas sim, elas se caracterizam pela frouxidão e por serem fluidas; e, ainda entre estes princípios, “a negação da alteridade”, ou seja, no “ficar com” o indivíduo está voltado apenas para a obtenção do seu próprio prazer, o outro não é visto enquanto sujeito com sua maneira própria de ser, com suas expectativas

e desejos, mas apenas como alguém que está ali para cumprir uma função: ser depositário de algum desejo qualquer.

Assim, o outro passa a ser comparável a um objeto que tem funções a desempenhar. Por último, um outro princípio, “comutatividade do objeto”, que consiste num desdobramento do anterior. Ao negar ou ser indiferente ao outro nesse momento, torna-se possível substituí-lo ou trocá-lo facilmente, quando assim o quiser. Sem que tenha havido envolvimento afetivo, torna-se fácil agir dessa maneira.

Autores como Justo e Chaves são favoráveis à tese que versa sobre o “ficar com” enquanto um código de relacionamento identificado com o não envolvimento amoroso. Para Chaves (2001, p. 36), “o ‘ficar com’ nada tem de romântico e beira a antipaixão. Distante da corrente afetiva, preocupado com a quantidade e a variedade, visando aos prazeres imediatos e à satisfação de desejos, visto como passatempo”. O “ficar com”, para estes autores, se insere no campo das experimentações. Este código de relacionamento, de acordo com a autora, parece privilegiar as sensações e o prazer, e guarda uma estreita relação com o individualismo e o igualitarismo os quais são estimulados nas diversas relações, o “ficar com” constitui-se num paradigma, a representar este momento histórico.

Em artigo intitulado “Namorei não, ‘peguei’: o pegar como uma forma de relacionamento amorosa-sexual entre os jovens”, Messeder (2002) discorre sobre pesquisa realizada entre jovens de baixas renda e escolaridade, com práticas hetero, homo e bieróticas, em Salvador-BA, argumenta sobre o “ficar com” sob a perspectiva de Chaves, com destaque para os princípios que o compõem. Afirma que o “pegar” está intimamente associado ao “ficar com”, compreende os mesmos princípios e mantém com ele uma estreita relação. O “pegar” pressupõe uma ação ativa. Faz referência a quem dirige a ação, enquanto passivo é aquele que é tocado. Essa forma de relacionamento inclui desde carícias até relação sexual. Segundo a autora (2002, p. 13), “o ‘ficar com’ é uma maquiagem para o ‘pegar’, pois aquele código de relacionamento torna a experiência de gênero menos agressiva se o foco é a violência simbólica [...]”. Ainda segundo a autora, estes relacionamentos diferenciam-se com relação à linguagem do corpo, em que o “ficar com” parece se distanciar mais que o “pegar”.

Messeder (2002, p. 8) caracteriza o “pegar” também, como código de relacionamento, argumenta ainda com base em Chaves (2001) quando esta chama

atenção para os valores e ideais sobrepostos, os modernos em convivência ou apresentando resquícios daqueles arcaicos e tradicionais, assim, abrindo precedentes para que o erótico se expresse pela “[...] interpretação dos indivíduos sobre o sistema de gênero e este é pautado pelos valores hierárquicos do macho e da fêmea” associados à atividade e passividade.

Messeder (2002) indaga como rapazes que ainda se encontram ligados a valores tradicionais expressos por meio de representações de gênero mais hierárquicas, de forma simultânea, dão sinais de negociar com as mudanças que tem ocorrido no plano da sexualidade, envolvendo o “feminino e o gay”.

Finalizando, Messeder (2002, p. 22) apresenta entre os resultados da pesquisa empreendida, que:

o “pegar” atravessa um momento de não ser dito e vivenciado como uma prática naturalizada dos demarcados modelos feminino e masculino. Além disso, a inserção das mulheres no mundo masculino pelo vocabulário “pegar”, provoca uma desestabilização deste modelo hierárquico mesmo nas camadas populares, onde o “ficar com” adquire lentamente o seu papel de substituir o “pegar”.

O termo “ficar” comparável à expressão “pegar”, de alguma forma parece expressar leveza e suavidade, pois esta última está associada a estereótipos e representações hierárquicas de gênero, com as mudanças em torno das relações de gênero, aos poucos vem sendo substituído pelo “ficar”, enquanto vocábulo e forma de relacionamento mais condizente com o momento atual.

3 AS TRILHAS PERCORRIDAS

Este capítulo pretendeu discorrer sobre os meios necessários ao desenvolvimento deste estudo. O título, “Uma cartografia do ‘ficar’ entre os adolescentes”, alunos do IFPB Campus Sousa-PB, faz referência aos caminhos trilhados na busca da compreensão do código de relacionamento afetivo conhecido como o “ficar”.

Para tanto, além das referências construídas nos capítulos anteriores através de pesquisa bibliográfica, buscou-se a empiria por meio de uma pesquisa de campo cuja natureza é qualitativa, descritiva, contemplando um Estudo de Caso específico, que se caracteriza por ser intensivo, exaustivo e profundo sobre um grupo formado por adolescentes, bem delimitado e singular, o que reduz a possibilidade de generalizações. A realização da pesquisa deu-se por meio da utilização de observação, questionário e grupos focais ou de discussão.

A escolha do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Sousa para a realização da pesquisa foi motivada pelo exercício da atividade profissional da pesquisadora neste local, o que proporciona um maior entrosamento e familiaridade com as questões institucionais, bem como com as características de seu alunado.

A respeito do corpo discente, ele é constituído por alunos do gênero masculino e feminino cuja idade se situa na faixa entre 14 a 25 anos. Para este trabalho considerou-se a faixa inicial dos 15 anos porque é neste período que o comportamento em relação ao “ficar” passa a ocorrer com maior frequência entre adolescentes e segue até os 17 anos. Após esse período, acredita-se que o indivíduo busque uma maior estabilidade em seus relacionamentos. Embora possa adotar este comportamento, já não o faz com a mesma intensidade do início e da média adolescência.

3.1 O TERRITÓRIO DO “FICAR”

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPB Campus Sousa é o campo da pesquisa que ora se apresenta. Antes denominado Escola Agrotécnica, transformou-se em Instituto por meio da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008.

O IFPB Campus Sousa está estruturado em três Unidades. A primeira está situada na cidade de Sousa e nela funcionam os cursos de nível superior de graduação e pós-graduação, além do Curso Técnico em Informática; a segunda unidade está localizada no Perímetro Irrigado de São Gonçalo em que são ministrados os cursos técnicos de nível médio; e a terceira, nas Várzeas de Sousa, a 17 km da Sede do município no sentido oeste da BR 230, também com o Curso Técnico em Agropecuária. Conhecido tradicionalmente pelos cursos voltados para a área agrícola, oferece os cursos técnicos em Agropecuária, em Agroindústria e, recentemente, o Técnico em Informática e o Curso Tecnológico de Graduação em Agroecologia.

No cômputo geral, o IFPB Campus Sousa conta com 486 (quatrocentos e oitenta e seis) alunos nos cursos técnicos de nível médio; vale ressaltar que, neste cálculo, foi considerada apenas uma matrícula por aluno, desprezando-se a segunda matrícula da modalidade, concomitante ou da subsequente, nos casos em que a matrícula se repetia a cada disciplina.

O Curso Técnico em Agropecuária e o Ensino Médio articulam-se de forma: integrada, concomitante (interno ou externo) e subsequente; o Curso Técnico em Agroindústria compreende também o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, o qual funciona na forma concomitante ao Ensino Médio. O Curso Técnico em Informática é oferecido apenas na modalidade subsequente.

A forma Integrada de articulação entre a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e o Ensino Médio é oferecida ao indivíduo que tenha concluído o Ensino Fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno.

A forma concomitante de ensino requer do indivíduo a conclusão do Ensino Fundamental, ou que esteja cursando o Ensino Médio; pelo seu caráter de complementaridade, pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso, podendo o aluno matricular-se na mesma instituição de ensino ou em instituições de ensino distintas.

A forma subsequente é oferecida apenas a quem já tenha concluído o Ensino Médio.

Apenas os alunos que cursam Agropecuária é que realizam o Curso Técnico integrado ao Ensino Médio. Como está demonstrado acima, os demais cursos são oferecidos apenas nas formas concomitante ou subsequente. Em decorrência do exposto, os alunos do Curso Integrado permanecem na instituição ao longo de todo o dia. Durante um turno, assistem às aulas referentes ao ensino propedêutico e no outro, às do curso profissionalizante. Permanecem durante mais tempo na instituição, constituindo um vínculo mais duradouro entre aluno e escola; o que não ocorre da mesma forma nas demais modalidades, as quais caracterizam-se por um fluxo intenso devido também serem realizadas em módulos.

Devido ao elevado fluxo de alunos nas modalidades concomitante e subsequente, fez-se a opção por trabalhar com o Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio.

As turmas do Integrado são em número de seis: três turmas da 1ª série e três turmas da 2ª série, contando com um número de 123 (cento e vinte e três) alunos. No que se refere à faixa etária, foi possível constatar, através de dados fornecidos pela Seção de Registros Escolares, que as turmas são bastante heterogêneas. Na 1ª série, pode-se encontrar alunos na faixa que se estende dos 14 aos 20 anos de idade. Na 2ª série, os alunos têm entre 15 a 25 anos. De acordo com os dados coletados pela Seção de Registros Escolares, verificou-se que havia uma maior concentração de alunos com idade entre 15 a 17 anos, correspondendo a um número de 91 (noventa e um) alunos. Desse número de alunos correspondente à faixa etária que se pretendia pesquisar, 50 (cinquenta) pertenciam ao gênero masculino e 41 (quarenta e um) eram do gênero feminino.

A intenção consistiu em trabalhar com alunos de ambos os gêneros, na faixa etária de 15 a 17 anos, da zona urbana ou rural, pertencentes a qualquer credo religioso e que cursem o Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio.

3.2 O ACOLHIMENTO DAS INFORMAÇÕES

Inicialmente foi aplicado um questionário semi-estruturado, com questões fechadas e mistas com cerca de 15% do total de alunos. Em cada uma das seis turmas que compõe o Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, realizou-se uma seleção aleatória através de sorteio, de três alunos e/ ou alunas, representando ao todo, um número de 18 alunos selecionados, sendo 10 do gênero masculino e 08 do

gênero feminino, número esse representativo dessa população a ser estudada. A coleta dos dados foi realizada com a finalidade de se privilegiar sobretudo a qualidade da informação. O questionário aplicado consta de questões referentes à sexualidade do adolescente (conforme apêndice A).

A seguir, considerou-se de grande utilidade trabalhar com grupos focais ou de discussão, de modo a identificar aspectos subjetivos dos discursos dos adolescentes. Esta técnica foi realizada com o mesmo grupo que se submeteu ao questionário e decorreu da preocupação em aprofundar e ter uma abrangência maior de informações sobre os sujeitos pesquisados.

De acordo com Gatti (2005, p. 7), alguns critérios para a seleção ou composição dos grupos devem ser observados: primeiro, é necessário considerar a natureza do problema em estudo; depois, é importante que os seus “participantes possuam algumas características em comum que os qualifiquem para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo”. Também se faz necessário “alguma vivência com o tema a ser discutido”, de forma que a sua “participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

Esses grupos, em número de dois, foram compostos da seguinte forma: um deles, formado por 06 alunos e o outro, por 06 alunas, totalizando um número de 12 (doze) adolescentes participantes, sendo o grupo masculino constituído por 03 (três) jovens com a idade de 15 anos, 01 com 16 anos e 02 (dois) com 17 anos. O grupo feminino consta com 02 (duas) jovens com 15 anos, 02 (duas) com 16 anos e 02 (duas) com 17 anos. Os grupos focais ou de discussão debateram questões relacionadas ao “ficar”. Para esta atividade foram elaborados previamente um tema e dois subtemas (ver apêndice B) a serem debatidos com os jovens selecionados, considerando a finalidade a que se propunha este estudo.

A opção pela composição de grupos por gênero decorreu dos resultados dos outros instrumentos apontarem para uma diferenciação na postura de cada gênero em relação a este código de relacionamento. Assim, buscou-se a homogeneidade na composição dos grupos na intenção de se obter uma maior produtividade e rendimento dos seus membros quanto à expressão de crenças, experiências, atitudes, sentimentos, reações, que pudessem advir do intercâmbio de informações entre os seus integrantes. Gatti (2005) concorda com Morgan e Krueger (1993) quando afirmam que através de uma pesquisa os grupos focais captam com

agudeza e intensidade aspectos que envolvem a subjetividade do indivíduo à medida que interage com os demais membros do grupo.

O procedimento adotado foi convidar cada um dos sujeitos que responderam ao questionário, deixando-os à vontade, dando-lhes a oportunidade de participar ou não da realização daquela atividade. Foi realizado o sorteio entre os 18 (dezoito) jovens com vista à composição dos dois grupos, um masculino com 6 integrantes e um outro feminino com o mesmo número de participantes. Todos os alunos convidados se dispuseram espontaneamente a participarem. A finalidade consistia na composição de dois grupos: um grupo feminino e o outro masculino. A opção por esta técnica deveu-se ao fato de que a sua aplicação resulta em um rico material para a análise desta pesquisa, que versa sobre sexualidade e, além disso, oportuniza acompanhar em sua dinâmica, as relações que envolvem os adolescentes no que se refere ao “ficar” enquanto forma de relacionamento afetivo e sexual.

Houve uma maior dificuldade para a sua realização, devido os alunos estarem já em período de provas, prestes a concluir o 4º bimestre e do início das férias escolares. Mesmo assim, se dispuseram a participar nos horários livres entre as provas. Os grupos homogêneos possibilitaram que a discussão entre os seus membros fluísse e todos tivessem oportunidade de participar e expressar a sua forma de pensar livremente, sem conflitos ou grandes divergências.

O local onde ocorreram os encontros foi numa sala de aula disponível, confortável, com boa iluminação e ar condicionado, visando ao conforto dos grupos. As cadeiras avulsas foram dispostas em torno de uma mesa e, no centro desta, o gravador de voz no qual realizou-se a gravação dos encontros mediante o consentimento dos integrantes do grupos. Com relação ao registro das informações sobre estes grupos, decidiu-se pela gravação em áudio, procedimento usualmente adotado neste tipo de atividade, tendo em vista a dinâmica do trabalho e a riqueza do material.

As informações ou conteúdo obtidos por meio das técnicas acima mencionadas foram analisados a partir do seu conteúdo e com base no pensamento dos autores que fundamentaram esta pesquisa.

O trabalho de campo iniciou-se em março, utilizando como técnica a observação e teve o seu término em novembro, com a aplicação dos demais instrumentos de coleta de dados. Como recurso utilizado inicialmente para a

obtenção de dados, o questionário foi aplicado no IFPB Campus Sousa, local onde estudam os adolescentes sujeitos desta pesquisa. A educadora responsável pela aplicação recebeu o treinamento necessário para a realização desta atividade. Foram retirados de cada turma de 1ª e 2ª séries, mediante sorteio, três alunos do sexo masculino e/ou feminino, de forma a compor um total de 18 alunos, os quais foram encaminhados a uma sala de aula disponível; neste local, realizaram esta atividade durante os turnos da manhã e da tarde.

Os adolescentes já haviam sido comunicados sobre a pesquisa e sobre a aplicação do questionário e colaboraram espontaneamente. Alguns dados sobre eles foram coletados na Seção de Registros Escolares, tais como: relação de alunos por turma, faixa etária dos alunos do Ensino Médio Integrado, profissão e nível de escolaridade do pai e da mãe, nome dos pais e mães, necessários para o envio dos termos de consentimento a serem assinados por eles, devido os seus filhos, participantes da pesquisa, serem considerados legalmente menores de idade.

O Questionário foi dividido em quatro partes:

1. Informações sócio-demográficas tais como: idade: 15 a 17 anos; gênero: masculino e feminino; religião: espaço livre para qualquer religião ou a ausência de religião; local onde reside, área urbana ou rural; a série que cursa, 1ª ou 2ª e a turma da qual faz parte.
2. Coabitação: mora com pai e mãe, com a mãe, com o pai, com os avós, com outros parentes, não mora com a família.
3. Sobre relacionamentos: aborda o relacionamento afetivo e sexual entre os adolescentes, busca saber como eles vivenciam a prática da sua sexualidade através de diversas perguntas sobre o tema.
4. A última parte consta de questões referentes à contracepção, métodos contraceptivos e à indagação sobre a atitude deles com relação à prevenção.

O instrumento foi preenchido com muita facilidade. A ordem em que foram dispostas as questões, iniciando com perguntas mais gerais e adentrando em questões mais específicas relativas à sua sexualidade, possibilitou o não constrangimento ou embaraço para os adolescentes; o que também exerceu influência no sentido de possibilitar um clima de confiança e tranquilidade, posteriormente, durante os grupos focais ou de discussão.

De acordo com os resultados obtidos através do questionário, os alunos do IFPB Campus Sousa, participantes deste estudo, encontram-se distribuídos quanto à

faixa etária da seguinte forma: em maior número, aqueles com 16 anos, seguidos pelos de 15 anos e por último, os alunos com 17 anos de idade. Quanto ao gênero, a maior parte deles pertence ao gênero masculino. No decorrer dos anos, o número de alunos deste gênero tem superado em muito o do gênero feminino. Acredita-se que os Cursos oferecidos pelo Instituto corroborem no sentido de uma maior demanda por parte dos garotos, evidenciando-se uma predominância do gênero masculino no ambiente escolar.

No que se refere à religião, a quase totalidade dos alunos são católicos, apenas um deles diz não ter religião. Quanto ao local onde residem, é representativo o número de alunos oriundos da zona rural, um outro dado que se confirma ao longo dos anos, quando se tem verificado um número predominante de alunos provenientes do campo, o que é compreensível em se tratando de uma instituição que sempre esteve voltada para o ensino agrícola.

Sobre a participação de aluno por série, metade dos sujeitos pesquisados são da 1ª série e também da 2ª série, respectivamente, o que significa que cada uma das seis turmas que representam as duas séries participaram com um número equitativo de alunos.

Sobre a coabitação, grande parte destes alunos coabita com pai e mãe, apenas um deles mora com a avó e um outro, com outros parentes.

De acordo com as informações obtidas na Seção de Registros Escolares, mantém-se o perfil já esboçado em anos anteriores sobre os pais, os quais, caracterizam-se por serem de baixa renda, a maioria, agricultores. As mães também em situação sócio-econômica idêntica aos pais, possuem baixo poder aquisitivo, cuidam do serviço doméstico ou labutam juntamente com o marido na agricultura, constituindo-se como famílias de hábitos conservadores. Apesar de grande parte dos jovens pertencerem ao meio rural, o seu comportamento em relação ao “ficar” demonstra a disseminação desta forma de relacionamento entre eles.

Este trabalho adotou procedimentos que primaram pela preservação da identidade dos indivíduos pesquisados, comprometendo-se com a não discriminação ou estigma destes adolescentes. Foi realizada a apresentação do tema e a explicação dos objetivos do estudo buscando transmitir-lhes as informações necessárias para motivar a sua participação.

Após explicar os objetivos da pesquisa, o seu conteúdo, onde seria desenvolvida e os sujeitos envolvidos, fez-se o convite aos adolescentes em

questão, para participarem da pesquisa. Foi comunicado a eles que poderiam não participar deste estudo deixando-os à vontade para agir da forma que melhor lhes conviesse se por alguma razão, não concordassem com o seu teor. Foram assegurados o compromisso com o sigilo, a privacidade e o respeito aos valores socioculturais expressos.

Devido a população do estudo ser constituída, em grande parte, por alunos considerados por lei como dependentes dos pais ou responsáveis, eles próprios levaram os termos de consentimento para os pais ou responsáveis assinarem se assim o desejassem. Os consentimentos foram obtidos com os responsáveis pelos alunos.

4 O SENTIDO DO “FICAR” PARA OS ADOLESCENTES

Neste capítulo, buscou-se apresentar os resultados da observação, do questionário e dos grupos focais ou de discussão feminino e masculino. Com relação às categorias abordadas no questionário e nos grupos focais ou de discussão, algumas delas por serem comuns a ambos, virão juntas e serão analisadas conjuntamente, visando à integração e maior profundidade dos conteúdos referentes a ambas as técnicas. As categorias foram criadas considerando os temas que se repetem, ou seja, com base naquele conteúdo que é recorrente na fala dos indivíduos. Apenas algumas delas referem-se exclusivamente ao questionário ou aos grupos e serão abordadas separadamente. Através das observações realizadas procurou-se retratar partes do dia a dia dos adolescentes a partir de algumas situações vividas por eles, à medida que ocorriam.

4.1 UM OLHAR SOBRE A ROTINA DOS ADOLESCENTES

Fragmentos do cotidiano dos adolescentes participantes desta pesquisa foram acompanhados em diversos momentos, no ambiente escolar: no pátio, nas praças, nas galerias, nas entradas dos blocos pedagógicos e administrativos. Por vezes, durante os intervalos, no espaço entre as aulas, em horários livres, e em eventos promovidos para a comunidade escolar. Ocorreram durante os períodos matutino e vespertino alternadamente, durante os meses de março a maio de 2009. Foi utilizado um diário de campo para o registro dos acontecimentos. As observações foram realizadas à distância e sem o conhecimento dos alunos, embora soubessem que iriam participar de uma pesquisa. Esse procedimento foi adotado devido à natureza do tema em questão: um trabalho sobre sexualidade.

Tornou-se difícil, porque às vezes eles se aproximavam para conversar; noutras, por curiosidade, para saberem do tema da pesquisa a ser realizada. Nesses momentos, era necessário dar uma pausa ou prosseguir de forma muito discreta. Noutras ocasiões, a presença da pesquisadora parecia ser percebida quase como um estranhamento. Os adolescentes trazem o seu modo de ser para a escola, mesmo que este ambiente olhe com reservas o relacionamento entre eles. Assim mesmo vão buscando espaços para exercerem a sua sexualidade por meio do “ficar”. Não existe um território ou local específico para que esta forma de relacionamento aconteça. O que faz o “ficar” é a oportunidade, o momento,

sobretudo. Diante da realidade de vida dos adolescentes desse estudo, tentou-se mapear os territórios possíveis onde o “ficar” possa acontecer. Esses locais foram a escola onde vive grande parte deles, o acampamento federal de São Gonçalo, e um clube social da cidade de Sousa.

Os adolescentes, em número de 18, do gênero masculino e feminino, alunos da 1ª e 2ª séries, estudam em uma escola da rede pública de ensino voltada para o Ensino Técnico de Nível Médio, nos períodos matutino e vespertino e apresentam uma faixa etária entre 15 a 17 anos.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB) – Campus Sousa está localizado no perímetro irrigado de São Gonçalo, município de Sousa, o qual se situa na região semi-árida da Paraíba e compõe o Pólo de Desenvolvimento Integrado do Alto Piranhas que corresponde a uma área de 3.591km² e a uma população de 175.884 hab., distribuída em 12 municípios. Neste local, a escola funciona há quase três décadas em regime de residência ou internato, semi-internato e externato. Os seus alunos são provenientes do município de Sousa, de outros municípios do Estado da Paraíba e das demais regiões do Nordeste. Os pais desses adolescentes pertencem a famílias de baixa renda e em grande número são provenientes da zona rural. Alguns deles tiveram alguém da família estudando na escola e, atualmente, os seus filhos também são alunos desta instituição de ensino.

O IFPB Campus Sousa tem como objetivo promover a educação profissional, através de Cursos e Programas de Formação Inicial e Continuada dos Trabalhadores, Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Educação Profissional Tecnológica de Graduação e de Pós-Graduação, de acordo com o Decreto nº 5.154 de julho de 2004 (Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2005).

Conta com uma área de 1.280.000 m², uma boa infra-estrutura, prédios em bom estado de conservação, bloco pedagógico com salas de aula dispendo de ar condicionado, quadro de vidro e recursos vários para subsidiar as aulas. Conta também com biblioteca, laboratórios, campo de futebol, quadra poli-esportiva, ginásio de esporte e um bloco dedicado a atividades artísticas e culturais, denominado Centro de Convivência. O ensino profissional é realizado em salas ambientes, pequenas salas de aula exclusivas para as aulas teóricas do ensino técnico com capacidade para 20 (vinte) alun@s, situadas próximas ao local onde ocorrem as aulas práticas. Estas salas ficam a uma certa distância do bloco central

onde se encontra o pátio, o bloco administrativo, um auditório, um anfiteatro. Ao lado desta construção, situam-se as residências dos alunos e uma residência de apoio para as alunas ficarem durante o dia, tendo em vista que à noite e nos finais de semana elas permanecem nas residências femininas situadas na Unidade I do Campus, em Sousa.

As refeições de parte dos alunos e também de alguns professores, professoras, entre outros servidores, são realizadas num refeitório da própria Escola. Assim, estes adolescentes têm a oportunidade de um convívio mais duradouro tendo em vista que estudam nos dois turnos e que convivem ao longo de todo o dia. A maioria, inclusive, reside na escola, o que lhes propicia a troca de experiências ao tempo em que favorece uma maior aproximação entre garotas e garotos, propiciando relacionamentos amorosos ou afetivos. O sistema de residência aproxima ou distancia os adolescentes. Atração, desejo de proximidade ou de distanciamento são sensações que surgem desde os primeiros momentos de convivência.

De acordo com as informações colhidas entre elas, através do primeiro contato com alguém, o relacionamento poderá se encaminhar para o namoro. As seguidas repetições do “ficar” entre duas pessoas sempre que se encontram, podem fazer com que se pense em namoro, caso contrário, se não tiver sido bom aquele encontro, ainda há a possibilidade de surgir, como consequência, uma amizade. Nesse caso, o “ficar” traria a possibilidade de se fazer muitas amizades. Nesse contexto, apesar de ser visto como uma experiência, um momento de prazer em que se tem os primeiros contatos com alguém, por vezes tende a se repetir e a se transformar num relacionamento que pode levar a um envolvimento. Devido a essa característica, alguns adolescentes tendem a confundir o “ficar” e o namorar quando se expressam sobre o assunto.



Fotografia 1 - Entrada IFPB Campus Sousa Unidade São Gonçalo
Fonte: Arquivo IFPB - 14/04/2009



Fotografia 2 - Residência dos alunos
Fonte: Arquivo IFPB Unidade São Gonçalo - 14/04/2009

Apesar de se encontrar em meio à zona rural, a distância entre a Escola e o distrito de São Gonçalo é de 2,4 km apenas, e, essa proximidade atrai muitos jovens desta localidade que desejam ali estudar. A Banda Marcial da Escola, conhecida em toda a região com apresentações em vários locais do Brasil, exerce atração sobre alguns adolescentes que buscam lá estudar atraídos pela possibilidade de realizar o desejo de fazer parte dessa Banda e, também, ser admirado e desejado tanto quanto ela; sem contar, que estar na banda significa, inclusive, a conquista de mais um passo no sentido do status e admiração por parte das garotas. Também entre elas, as mais bonitas se inscrevem para a seleção de balizas. Assim, enquanto algumas buscam participar como balizas, outras, às vezes, fazem a opção por aprender a tocar um instrumento musical. A banda representa também a oportunidade de viajar em grupo, onde quer que haja apresentações e tendo por acompanhante o maestro e professor de música, conhecer lugares novos.

Garotas e garotos vêem no ambiente escolar a oportunidade de conhecerem pessoas de outras regiões, “caras novas”. Os novos alun@s despertam logo o interesse dos colegas, sobretudo quando apresentam um físico bonito. No caso dos garotos, tornam evidente a sua admiração e desejo e partem abertamente para a conquista amorosa.

O início de cada ano letivo é marcado por expectativas e ansiedade dos alunos iniciantes em relação ao novo ambiente que fará parte de suas vidas nos próximos três anos. Nele conviverão e passarão por experiências várias no interrelacionamento com colegas de ambos os sexos que os conduzirão rumo ao amadurecimento, de uma forma geral. Entre os acontecimentos que geram intensa

expectativa, está o contato com aqueles que estão chegando à escola pela primeira vez. Os novos alunos, novatos, ou “fobol⁹”, como são chamados pelos veteranos, recebem esse tratamento, onde o veterano busca demonstrar a sua superioridade diante daquele que chega, como a dizer: “quem sabe das coisas aqui sou eu, eu é que sei como tudo funciona, portanto, a última palavra aqui é a minha”, para aquele que ainda não conhece a rotina do funcionamento da instituição.

Os novos alunos são alvo de brincadeiras principalmente por parte dos alunos internos, até a realização da calourada, evento onde se recepciona os recém-chegados, numa confraternização entre novos e veteranos. Esta passa a significar o batismo dos novatos, a conquista de um espaço para situar-se sem constrangimento no ambiente escolar. Geralmente observa-se que os alunos ficam em volta daquelas garotas consideradas, por eles, bonitas ou atraentes. Antes mesmo da calourada pode acontecer o “ficar” entre alguns deles.

Em meio às atividades, na rotina da escola, costuma-se observar os jovens e as diversas formas de comunicação entre eles. A forma de se aproximarem uns dos outros, de se conhecerem, estabelecerem contato, a linguagem corporal muito rica e dotada de plasticidade é muito utilizada entre eles nos diferentes momentos em relação a seus pares, sobretudo. Os relacionamentos parecem se caracterizar pela espontaneidade.

Garota e garoto sentados juntinhos e a sós no pátio, durante um longo tempo; o garoto às vezes inclina-se sobre ela, toca-a sutilmente, disfarçadamente; ela fala baixinho sem olhar para os lados, ele também fala baixinho inclinando-se sobre ela. Às vezes, momentos de silêncio, de cumplicidade.

Por vezes, garotos e garotas se tocam num jogo de empurra e de abraços em meio a brincadeiras. Se a intenção é apenas conversar, no intervalo entre as aulas ou no final do turno vão para o pátio e ali se sentam e conversam, jogam cartas, damas, em tabuleiros desenhados no granito dos bancos. No pátio, ainda, grupo de adolescentes. Uma das garotas abraça um garoto que coloca o braço em volta do seu pescoço e assim permanecem por minutos; brincam se tocando – mãos nas mãos, num jogo com palavras e com os corpos através de toques corporais.

⁹ A expressão “fobol” inexistente no dicionário Aurélio que apresenta uma outra quase idêntica, chamada “fobó”. Fobó significa : 1. *Bras. Pop.* Reles, ordinário, fobado. 2. *Bras. PE. Pop.* Indivíduo sem importância, que nada possui. 3. V. arrasta-pé (1). *Id.*, 1986.

Um outro casal que se mantinha abraçado sob uma árvore, próximo ao setor de enfermagem, aproxima-se na direção do pátio. Ambos usam a farda da Escola, porém o garoto usa a calça arregaçada; na canela, uma tornozeleira de couro trabalhado, o cabelo corte tipo “moicano”; aos poucos aumenta o grupo do pátio, chegam mais alunos e entre eles sempre há alguém que busca diferenciar-se através da forma de vestir-se, imprimindo o seu jeito de ser, a sua personalidade através do tipo das roupas e adereços, de um estilo peculiar. Assim, uma boina preta, boné combinando com a cor ou detalhe da roupa, chapeuzinho de *crochet*, *piercing*, brilhos, entre outros detalhes, fazem parte de um jeito jovem de ser.



Fotografia 3 - Praça Grazielle Gomes (Praça do Tamarineiro)
Fonte: Arquivo IFPB Unidade São Gonçalo - 16/09/2008



Fotografia 4 - Pracinha da Mangueira
Fonte: IFPB Unidade São Gonçalo - 25/11/2010

Existe uma pracinha ao lado da guarita. Em torno de uma frondosa mangueira, foram construídos bancos de concreto e pequenas mesas de apoio. Ali, muitas vezes, adolescentes se reúnem em pequenos grupos, enquanto os casais “ficam” ou namoram à sua sombra. Às vezes ouvem música em meio a jogos e brincadeiras, se apóiam, se tocam, e se abraçam sempre às voltas com seus celulares ou som (MP3). Um casal a se beijar retira-se para o pátio após avistar a assistente de alunos que se aproxima. Os ficantes desejam estar a sós, à vontade para se beijarem e se abraçarem. Sobre a timidez de “ficar” na Escola, vê-se que alguns se sentem envergonhados, apesar de grande número de jovens não fazer referência a este fato.

Um outro ambiente preferido pelos alunos como mais um recanto onde podem se encontrar para conversar, “ficar” ou namorar, também é o que se chama de mais uma outra pracinha. Esta, fica próxima ao anfiteatro e ao bloco pedagógico onde se situam as salas de aula e as salas de departamento. As paredes laterais e

de fundo do anfiteatro deixa-os protegidos de olhares que possam vir do pátio ou das salas de aula; então, essa pracinha além da referida construção acima mencionada, conta com a proteção de duas grandes árvores: ao centro, um tamarineiro e, na lateral, um juazeiro. Todo o ambiente é cercado de muita vegetação. Quando querem se encontrar para “ficar”, garotas e garotos procuram especialmente esses locais aparentemente reservados ou isolados.

4.2 ESPAÇOS DO “FICAR”

Entre outros acontecimentos marcantes pelo envolvimento e estímulo ao interrelacionamento, a “Semana do Pensamento Social” e a “Semana de Arte”, realizadas por professores, técnicos e alunos, mobilizam a comunidade escolar e promovem o intercâmbio com outras instituições de ensino, através de uma coparticipação nesses eventos. Para os adolescentes, tais acontecimentos podem significar mais uma oportunidade de se conhecer outros jovens.

O sistema de parceria empreendido entre o Centro Cultural do Banco do Nordeste e a Escola, também proporciona, para as noites dos garotos e das garotas, a oportunidade de estarem juntos em contato uns com os outros através do cinema, ampliando assim as oportunidades de aquisição cultural e de convívio social na comunidade escolar.

Apesar da importância desses eventos ora mencionados, deu-se uma atenção especial à calourada, ou seja, à recepção da comunidade escolar aos novos alunos, promovida anualmente pela Escola através da Coordenação Geral de Assistência ao Educando - CGAE. Realizada em três dias, dispõe de uma parte esportiva em que os alunos interagem em competições que envolvem futebol de salão, vôlei, xadrez, futebol masculino e feminino entre outras modalidades esportivas. Nos horários dos jogos, as aulas são suspensas para que todos tenham a oportunidade de comparecer e prestigiar a programação que acontece nos dois primeiros dias do evento, entre as equipes iniciantes e veteranas. Uma outra parte, voltada também para a recepção e integração dos novos alunos e alunas, acontece através de uma festa no terceiro dia à noite, encerrando a programação. É organizada também pelos alunos das turmas da 3ª série, concluintes do Ensino Médio, e, geralmente, realizada em um clube da cidade de Sousa, no mês de abril. Os adolescentes parecem mais irrequietos com a proximidade dessa festa: grupos

de alunos vendem entradas, enquanto outros conversam, brincam, ficam em pequenos grupos pelo pátio e também por trás das salas de aula.

Na pracinha da mangueira, um grupo de mais de dez alunos estão reunidos; uns deitados nos bancos, outros, sentados, conversando, todos mobilizados pela festa que se aproxima. Alguns vão desfilar. As garotas se agitam chamando pelos garotos, outros falam sobre outra festa, “um forró” que acontecerá em uma cidade da região. À uma certa altura, um deles pergunta a uma garota: “*vai desfilar?*” A garota ao responder, provoca nele um protesto: “*homem! Podendo desfilar...*”

Um grupo de garotas está a falar em linguagem cifrada, já os garotos ficam falando sobre mulheres bonitas, arrumadinhas; citam as cidades que têm as mulheres mais bonitas e arrumadas. Uma garota se aproxima e passa a fazer parte da conversa. Dizem sobre as mulheres “cu doce” e conversam sobre esse assunto com as garotas. Elas também aproveitam para tecer comentários; fofocam, falam em dança, uma delas faz os gestos, os requebros da dança. Enquanto isso, o garoto e a garota mencionados anteriormente, conversam. Ele coloca as pernas em volta do corpo dela e ficam a conversar baixinho; outra garota em pé, faz um carinho no rosto dele. E aquela garota fala de forma sedutora e o garoto a ouve; falam baixinho sobre bandas, festas e meninas bonitas. O clima para a festa já está criado. O assunto ultimamente tem sido a festa da calourada. Como numa prévia, o comportamento dos adolescentes parece estar erotizado, voltado para a pessoa do sexo oposto, num jogo de sedução onde a conversa gira em torno do assunto sexualidade e os toques corporais exprimem o que se passa no momento.

Pela manhã, um grupo reunido mais uma vez na mangueira comenta acerca das “*meninas da escola que mais ‘ficam’*”; num tom que subtendia ou dava o sentido de vulgaridade ao referir-se àquelas garotas (galinhas). Num outro momento, uma garota estava deitada no colo de um colega. Segundo alguém que sempre se encontra próximo àquele local, “*os meninos fazem a farra com ela!*” Ainda de acordo com essa pessoa, “*na pracinha há momentos em que dá para se fazer um filme de tanta coisa que acontece*”.

Ainda pela manhã, em sala de aula, alguns alunos comentam que irão à festa da calourada para “*pegar umas meninas*”. Brincando, disseram que um deles não podia ir porque era comprometido. Bom era ir estando livre, sem ninguém.

Último dia de aula da semana, véspera de um feriadão, aquele que antecede à tão esperada festa. Grupos de adolescentes conversam e brincam – um deles

abraça uma garota, abraça outra, estão animad@s. O clima é de alegria, animação, inquietação. Grande parte se encontra concentrada sob a mangueira ou sob a tamarineira. No pátio, numa das passagens que dá para as salas de aula, diversos garotos sentam-se juntinhos e conversam sobre variados assuntos. Estão participando dos jogos, à tarde haverá as quartas de final, preparam-se para estes jogos e ao mesmo tempo se preocupam com o número de colegas que irá comparecer neste dia, ao Ginásio Esportivo. Enquanto isso, um outro grupo, formado por um garoto e quatro garotas prepara questões para uma espécie de gincana na qual diversas atividades serão solicitadas aos colegas.

Garotos e garotas conversam e brincam com as mãos, se tocando. Uma delas, fecha a mão no peito do garoto amassando-lhe a camiseta; outra, passa o braço pelo ombro do outro garoto. Chega mais uma colega e faz cócegas no garoto que se levanta e se liberta das cócegas. A primeira delas, então, lhe toca as mãos e assanha-lhe o cabelo enquanto o massageia na cabeça. Ele aproxima-se mais ainda dela e lhe toma as mãos e lhe acaricia os braços. Passa a mão por sua coxa, fingem lutar com as mãos presas um ao outro, joga-se sobre o corpo dela e, num outro instante, deita-se ou reclina-se sobre o corpo da outra. Enquanto isso, o grupo que está organizando as questões da calourada prepara-se para enviar um anúncio da festa para divulgação na rádio, num horário de maior audiência. Nesse momento, o garoto de que se falava anteriormente tira uma foto da garota e, em seguida, pede a um colega para que tire a foto dos dois com o celular. Parece que os dois estão se preparando para a festa através desse comportamento que sugere intimidade. O garoto mostra-se expansivo e brincalhão e a garota parece gostar dele, do seu jeito.

À medida que o tempo passa, as conversas giram em torno da calourada, do desfile, da expectativa de quem vai desfilar ou jogar as quartas de final, das providências a serem tomadas por eles que são também os organizadores do evento. Festa e jogos, nesta ordem, tendo em vista que o interesse maior entre os adolescentes reside na festa.

A FESTA DA CALOURADA

A festa da calourada é esperada com expectativa pelos alunos e representa o fechamento da semana, encerrando esse evento, que teve como intuito a confraternização entre estes. Para a sua realização escolheu-se um clube no centro

da cidade de Sousa, e a Cooperativa-Escola colaborou com o evento através da contratação de uma banda para animar a festa.

A 3ª série engajou-se ativamente na venda de ingressos, já numa mobilização em busca de angariar recursos para as festividades de conclusão de curso no final do ano. Momentos antes do início da festa, adolescentes foram chegando e se concentrando em frente e nos arredores do clube. Os garotos, produzidos, vestindo jeans e suas melhores camisetas; as garotas em sua maioria de vestido e com sapatos de salto alto. Alguns vieram de moto, porém não muitos. Os casais circulam. Alguns entram logo, por fazer parte da equipe que participará do desfile. Cabelos moicanos ou emaranhados com gel; as garotas em suas melhores roupas – elegantes em seus vestidos da moda, curtos e com saias balonés. Percebe-se que apesar dos garotos também desejarem apresentarem-se de forma atraente, as garotas de fato empreendem um maior esmero e evidenciam uma preocupação maior com a imagem. A produção é importante para garotos e garotas, a sensualidade está presente nas roupas, na forma de vestir-se, na impressão de um estilo pessoal, além de ser expressa também, através de pequenos gestos.

No início ocorreu o desfile para a escolha do Garoto e Garota IFPB Campus Sousa. Primeiro houve o desfile feminino e em seguida o desfile masculino em que compareceram também vários alunos da 3ª série. Para a avaliação do desfile, havia uma Comissão Julgadora formada por educadores de outras escolas. Foram classificados os três primeiros colocados. O garoto vencedor é um aluno que ingressou este ano na Escola, e a garota, também, é uma aluna que ingressou recentemente nessa instituição de ensino. Nos dias atuais, o homem tanto quanto a mulher, expõe seu corpo que é apreciado e desejado quando corresponde aos padrões estéticos do momento.

Durante a festa houve um momento em que os garotos permaneceram recostados ao alambrado ou grade de proteção. Muitos garotos, apenas eles, enfileirados, observando. Pareciam sondar o ambiente, refletindo sobre as suas perspectivas para a noite. Olham em torno, pros lados, alguns com latinhas de cerveja na mão, bebericando, enquanto outros sorriem e conversam e continuam ali no mesmo local, recostados, esperando talvez que a banda comece a tocar.

Um casal contempla abraçado o ambiente, depois, ele a abraça mais forte e a beija. Ainda abraçados ele a suspende nos braços.

A banda vai começar! Os adolescentes já se encontram no meio da pista de dança; alguns dos que estão sozinhos permanecem também no centro do salão, pois enquanto não surgem as garotas, eles permanecem lá. Alguns casais dançam coladinhos, enquanto algumas garotas também ainda sozinhas dançam em pequenos grupos formados por até cinco garotas. Quem sabe, talvez à espera de mais tarde encontrar parceiros para a dança.

Adolescentes se aglomeram no centro do salão. Por momentos ficam muito juntos, formando um bloco compacto, uma parede humana, uma muralha, não há como passar dançando entre eles, nem como adentrar aquele bloco humano. Por instantes permanecem assim, depois, se separam um pouco, para, novamente formarem esse bloco compacto homogêneo, que não permite ao olhar vislumbrar o que esteja ocorrendo lá dentro entre eles. A manifestação desse comportamento transcorreu ao longo de toda a festa. Grandes grupos unidos na dança, tão juntos que se torna difícil distinguí-los, constituindo-se em obstáculo à observação daqueles que estão à sua volta. Nesses momentos, protegidos uns pelos outros, podem se tocar à vontade.

Os adolescentes manifestam-se de várias maneiras em relação ao dançar. Um grupo de garotos dançava só entre eles, em certo momento uma garota entrou no círculo e ficou no centro, a dançar com eles. Daí a pouco já se encontrava aos beijos com um deles sem sair do círculo, alheios a outras pessoas, inclusive autoridades e servidores da Escola que se encontravam sentados a uma certa distância, porém num bom ângulo de visão.

Um garoto de 14 anos atravessa a pista de dança, indo para o canto do salão, recostando-se na grade de proteção abraçado a uma garota tão jovem quanto ele: estão “ficando”. O enorme grupo de adolescentes para de dançar, alguns continuam, mas a maioria fica parada no meio do salão enquanto a música continua a tocar. Depois de instantes, tudo recomeça. Enquanto alguns já estão acompanhados, outros ainda permanecem parados, buscando, no meio do salão. Os casais se desfazem e tudo recomeça: os garotos dançam entre si enquanto as garotas que ainda estão sós, em torno de quatro, conversam em círculo no centro do salão.

Garotas dançam, inventam seus próprios passos, sua própria dança; os garotos por sua vez, também exercitam diversas maneiras de dançar entre si, de lidar com o seu corpo durante esta atividade prazerosa. Muitos bebem cerveja;

alguns vêm cumprimentar os servidores que se encontram a uma mesa prestigiando a festa.

Os grupos se fazem e se desfazem enquanto garotos dançam entre si e as garotas também. Grupos formados por garotos e garotas dançam, movimentando o corpo de diversas formas, sem nenhuma inibição. Os vários casais de “ficantes” vão para um canto, no fundo do salão. Apesar de poderem ser vistos, se abraçam, se beijam e não desgrudam, permanecendo agarradinhos, alheios a tudo. Depois de algum tempo, dançam em seus lugares, coladinhos, praticamente sem sair do lugar. Os adolescentes demonstram um comportamento espontâneo e desinibido quanto ao relacionamento afetivo ou sexual. Não se constrangem nem se inibem aparentemente quanto à exteriorização destas manifestações.

Um garoto que se encontra no canto do salão com uma garota aproxima-se de uma mesa, retira uma das cadeiras e faz com que a garota sente-se em seu colo e ali ela permaneceu entre abraços e carícias. Um outro casal, o garoto debruça-se completamente sobre o corpo da garota enquanto mais um casal troca carícias e se beija.

No meio da noite, copos descartáveis e latas de cerveja se espalhavam pelo salão. Eles dançam, indiferentes aos copos e latas do chão. Logo no início, quando começaram a dançar, haviam colocado no centro do salão três mesas e copos plásticos com latas de cerveja que bebiam, enquanto dançavam ou observavam, dando um tempo.

Alguns garotos aparentemente ficaram sem garotas e vice-versa, apesar disso, todos participavam ativamente da festa que contou com a presença de muitos garotos e poucas garotas.

O DIA SEGUINTE

No retorno às aulas, depois do feriadão, os comentários sobre a festa estavam no centro das conversas. Como tinha sido, quem ficou com quem, quem foi o pegador da noite. Os garotos diziam: “*essa festa já deu o que falar...*” porém, havia também aquelas garotas que zombavam das outras: “*rodou a baiana ralando a tcheca no chão*”. As garotas que foram à festa sentiam-se ofendidas com os comentários e por vezes exigiam explicações, em certos casos, quando surgiam

comentários maldosos envolvendo a sua pessoa. Alguém chegou a dizer que não tinha estado lá.

Parte das alunas não compareceu à festa. De acordo com elas, evitaram ir já porque estavam prevendo, pelas conversas dos garotos, que depois iriam surgir tais comentários, talvez elas já temessem enfrentar esse tipo de situação. Aquelas que foram à festa não se deixaram intimidar pelos garotos, que aparentemente, em grande número, desejavam apenas se divertir sem compromisso algum, assim como elas. Não é o caso também de se cobrar discipulação por parte de alguns, se para eles, às vezes “ficar” bastante, seduzir e através desse relacionamento conquistar a fama de sedutor, conquistador, ou garanhão é o seu desejo. Por trás de tal atitude, encontra-se muitas vezes o anseio da auto-afirmação diante dos colegas, a necessidade de provar para si próprio também, que é capaz, que consegue quantas garotas quiser: *“Eu me senti o cara!”*. Quanto maior o número de garotas com as quais ele “fica” melhor para a sua vaidade masculina.

OUTROS ESPAÇOS DO “FICAR”

Além da experiência vivida em meio à comunidade escolar, esses adolescentes têm contato com outros jovens que fazem parte da comunidade do distrito ou acampamento federal de São Gonçalo, o qual é constituído pelo perímetro irrigado de São Gonçalo, construído em 1919 e administrado pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS).

O perímetro irrigado de São Gonçalo é também constituído por agrovilas compostas pelos Núcleos Habitacionais I, com 1200 habitantes; II, com 2300 habitantes e III, com 2100 habitantes. Esta área é abastecida pelos açudes de Engenheiros Ávidos com capacidade de 255 milhões de m³ e o de São Gonçalo, com 44,5 milhões de m³. Este último foi incorporado à comunidade que se desenvolveu e ampliou-se em torno do seu espaço físico. Além do suprimento de água, exerce uma outra função importante: favorece o turismo. Pessoas vão a São Gonçalo degustar os peixes típicos da região nos seus dois restaurantes e a beleza da paisagem proporcionada pelo relevo do local, unido ao verde das plantações e à água do açude, atrai aqueles que buscam ali passar finais de semana e banhar-se em suas águas.

A região também é famosa pela qualidade da sua água de coco, a qual é conhecida como a mais doce do Brasil, sendo exportada para diversas regiões do País. Nesse distrito, que conta com 1800 habitantes, assim como também nos Núcleos Habitacionais, há jovens que são alunos da Escola. São Gonçalo dispõe de escolas, sendo uma delas estadual, uma praça, um clube, uma agência de correios, uma igreja católica, templos evangélicos, um estádio de futebol, restaurantes, um hotel, lanchonetes e bares, um mercadinho, entre outros pontos de venda. A praça ao lado da igreja ainda representa um local em que os jovens costumam se encontrar, (no centro da praça há uma lanchonete) para fazer um lanche e se distraírem um pouco conversando com/ ou sobre garotas. Os alunos e a comunidade de São Gonçalo vivem em constante intercâmbio motivado seja por colegas que ali também residem ou pelas idas e vindas àquela localidade no sentido de ali se distraírem. Entre os eventos tradicionais do local, destaca-se o “Carnaval Molhado”. Durante todo o dia se brinca carnaval e se toma banho em duchas instaladas na praça da cidade, esse é um evento que atrai jovens e turistas de toda a região.

Um outro evento de grande repercussão, sobretudo entre os jovens, é o “Festival do Coco”, também realizado nessa localidade e promovido pelo município de Sousa, do qual faz parte. Tem a duração de três dias e noites e nele ocorre, desde a venda de produtos artesanais, feitos a partir (da matéria-prima) do coco, até comidas típicas à base desse fruto. A Escola também participa expondo produtos fabricados por alunos e professores. O ponto alto da festa é a realização de shows em que cantores ou grupos musicais famosos marcam presença. Esses eventos contam com a presença maciça dos jovens que veem neles mais uma oportunidade de se conhecer outros jovens e relacionar-se amorosamente através do “ficar”. Às vezes as garotas se envaidecem ao conseguir “ficar” com um garoto bonito, porém este sentimento por vezes cede lugar à frustração ao virem este mesmo garoto mais tarde com suas amigas como “ficantes”.

Embora pudesse haver inicialmente um certo orgulho por haver ficado com um dos “caras” mais bonitos da festa, o que poderia ser pretexto para exibição, vaidade e auto-afirmação diante das amigas, ao final termina prevalecendo a frustração ao perceber que se está sendo usada por alguém, nesse caso, por esse garoto para fazer ou acumular número e quantificar a sua relação de ficantes da noite. Aí, sim, no caso dele, sentir-se autoconfiante, buscando exibir-se diante dos

outros garotos na disputa de quem "ficou" com mais garotas, na busca da popularidade ou da conquista da fama de "pegador".

A competição entre garotos se faz presente de forma intensa nessa forma de relacionamento amoroso. Enumerar, quantificar o número dos "fica" ocorridos em uma ocasião poderá impressionar ou até mesmo intimidar os colegas, prováveis concorrentes. Em relação às garotas, esta conduta masculina poderá repercutir e, de forma negativa, levar à desconfiança e ao descrédito delas em relação a eles.

Embora algumas delas também costumem "ficar" intensamente, elas disfarçam, não exibem o número de "ficantes". Ao contrário, ocultam, dissimulando o seu comportamento perante outras pessoas, apenas compartilhando as suas conquistas com as amigas do seu grupo.

Observa-se que estes jovens, apesar de sempre terem vivido distantes dos grandes centros urbanos e, neste momento, se encontrarem vivendo em uma comunidade escolar localizada na zona rural, usufruem de uma vida social dentro da própria comunidade onde vivem e na circunvizinhança. A distância entre Sousa e São Gonçalo é de apenas 15 km, e assim como ocorre na Escola e em São Gonçalo, em Sousa, @s alun@s também costumam resolver assuntos pessoais e ir à casa de colegas nos finais de semana, a festas às vezes, entre outros eventos. Portanto, relacionamentos afetivos e/ ou sexuais acontecem de acordo com as oportunidades que surgem.

O "ficar" pode se caracterizar como uma experiência, um momento, quando surge a oportunidade de estar com alguém a quem se acha atraente, considerando sobretudo o seu aspecto físico, a sua beleza. Isto parece ser válido tanto para os garotos quanto para as garotas.

4.3 SOBRE RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Sobre os relacionamentos de sua preferência, com relação ao questionário, muitos responderam dizendo que costumam "ficar". Inclusive uma parcela significativa desses adolescentes preferem apenas este tipo de relacionamento. Aqueles que dão preferência apenas ao namoro representam a minoria, sendo apenas duas alunas. Há quem não goste de "ficar" nem de namorar, representando apenas a opinião de um adolescente entre este contingente pesquisado. Nos grupos, também se evidencia a preferência por essa forma de relacionamento, o que

se constata quando espontaneamente ao se reportarem ao sexual e/ ou afetivo, durante todo o tempo mencionam o “ficar”.

Sobre os grupos de discussão, a respeito do relacionamento sexual e afetivo, posicionam-se da seguinte forma:

Grupo masculino: “A,15 *Prá mim, isso é uma coisa muito séria, R,16 mas tem gente aí que não tá nem aí, H,17 não liga, não se previne... A,15 É, ninguém se previne H,17 fica rolando muitas doenças aí... D,17 neste mundo atual, os jovens hoje em dia quando vão namorar passa dos cinco, seis meses... primeiramente as coisas que eles gosta... ele pensa logo em fazer sexo, aí é onde acontece muitas coisas... H,17 Na maioria das vezes começa a partir do terceiro mês, D,17 ou antes! vai depender da pessoa. H,17 E também, tem gente que vai pras festas aí R,15 “fica” com cinco, seis, não tá nem aí... A,15 Pensa que é só o cara ir e “pega” qualquer uma... R,15 Você começa no meio de muitos amigos, aí começa: “pega” uma, aí um outro “pega”, um espírito de competitividade... é cada um querendo ser melhor que o outro D,17 caso de doença com sexo, essas coisas... caso de festa mesmo: o cara “fica” e não conhece a pessoa, rola aquele sexo, não se previne, não conhece a pessoa direito, pra fazer isso tem que ter primeiramente o conhecimento da pessoa, né? saber a saúde... A,15 Acontece um imprevisto né? J,15 a gravidez... R,16 Também, tem a AIDS aí... que é uma doença muito séria”...*

Grupo feminino: “C,15 *“Só de curtição (risos), só de curtição...(risos) A,17 Poucas pessoas querem relacionamento sério A,16 É! Uns menino veio safado, sem-vergonha! É?! São sem-vergonha! **A culpa é dos meninos?** C,15 e A,16 É! Todinha! C,15 Todinha deles! (risos) a menor parte é da gente! A,16 Não, mas eles são mais sem-vergonha. **E V., o que acha disso?** V,16 Concordo com tudo. **Gente, o objetivo é todo mundo participar.** V,16 Concordo com elas também; hoje não tá existindo mais o namoro sério, só o “ficar”, só curtição mesmo. A,17 É... bom, eu concordo com elas, assim: tem tipo de namoro que são sérios, outros só querem brincar... só querem “pegar”; é, tem vários tipos de namoro. **Como é isso de vários tipos de namoro?** C,15 Assim: tem um que “fica” aqui e quando sai já “pega” outra e aí tem aquele certinho e pronto; tem um que “fica” hoje, amanhã, depois... tem outro... aqui, tem outros que o que faz, diz...”*

A respeito dos grupos de discussão, as opiniões dos adolescentes masculinos enfatizam a sexualidade em detrimento da afetividade neste código de relacionamento ou seja, no relacionamento amoroso. Suas opiniões refletem uma aparente preocupação com a prevenção sexual, é evidente o seu esforço no sentido de demonstrar uma atitude correta em relação à forma como entendem e praticam o sexo durante o “ficar”. A preocupação com as DSTs, sobretudo a AIDS, é uma constante em seu discurso. Com relação a esta forma de relacionamento, assumem de forma contraditória uma atitude no sentido de julgar o comportamento dos jovens, de uma maneira geral, em relação ao sexo, muitas vezes esforçando-se por manter um distanciamento através de uma verbalização que expressa a busca de não se colocar entre esse contingente, quando eles próprios adotam também, tais formas de comportamento, ou seja, eles próprios representam esses jovens que empreendem a rotatividade de parceiras e competem entre si com o propósito de “ficar” com o maior número possível de garotas. A competitividade também está entre eles.

Quanto ao grupo feminino, em contraste com o masculino, pouco se refere às questões sexuais abertamente, aparentemente está mais interessado no relacionamento breve, no qual a garota não se sinta presa e possa partir em busca de novos parceiros. Apesar de conceberem a existência do namoro sério, para elas, o namoro atual é o “ficar”; não existe mais o namoro sério, o que há atualmente, de acordo com elas, é apenas “curtição”. Assim, enquanto os garotos se prendem a questões que envolvem a sexualidade, as garotas se atêm a questões que envolvem os relacionamentos com os garotos.

Elas admitem que o relacionamento afetivo atualmente não busca vínculos, em suas palavras, “consiste apenas em curtição”. Por vezes, referem-se ao “ficar” confundindo-o com namoro; associando formas diversas de agir em relação àquele código de relacionamento e o namoro. Referem-se ao fato de que poucas pessoas querem um relacionamento sério e o ônus dessa realidade elas atribuem ao gênero masculino que, segundo elas, não trata com seriedade as relações afetivas e sexuais ou amorosas. Interessante perceber que, se por um lado os garotos não se referem ao afetivo, por outro, as garotas não fazem referência ao sexual diretamente. Importa para elas os relacionamentos, sejam eles fugazes ou sérios, como dizem e, ao mesmo tempo, o julgamento do outro a seu respeito, o comprometimento da sua reputação.

Observa-se que tanto os garotos quanto as garotas fazem uso da expressão “pegar”. Entendido por Messeder (2002, p. 14) como um tipo de relacionamento amoroso/ sexual, tem uma relação estreita com o “ficar”, “carrega a relação entre o ativo, aquele que ‘pega’ e o passivo, aquele que é tocado”. A sua prática inclui carinhos, carícias e relação sexual. Modelo hierárquico de relacionamento que está se tornando obsoleto e tende a ser substituído pelo “ficar”, que é aceito socialmente.

O “ficar” é definido por Chaves (2001, p. 12) como:

um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer. É um encontro de um dia e/ou uma noite que pode ir de uma troca de beijos a uma relação sexual. [...] É a menor forma possível de relacionamento amoroso entre duas pessoas, é um código organizado por princípios, que existe (com maior ou menor intensidade) de forma estável.

O “ficar” caracteriza-se por ser efêmero, passageiro, fugaz, um relacionamento breve e sem compromisso que poderá apenas ter a duração de um beijo. Predomina nessa forma de relacionamento, a sensorialidade, a descartabilidade do outro e a não obrigatoriedade do sentimento. Além disso, o “ficar” não ocorre apenas como manifestação de comportamento dos jovens das cidades de grande e médio porte. Com a globalização, não há como o jovem deixar de estar sintonizado com os seus pares onde quer que viva; seja nos grandes centros urbanos ou na zona rural, o indivíduo como parte da sociedade nela está inserido e, em decorrência disso, como ser social, é influenciado pela cultura em que vive, sobretudo o adolescente, grupo etário que nos dias atuais, representando o novo, à semelhança do que foi interpretado por Ariès (2006) sobre o adolescente do início do século XX, atualmente também, é extremamente valorizado. Por ser facilmente influenciável, é principalmente sobre ele que a mídia investe maciçamente, até porque é quem assimila mais facilmente os produtos ofertados pelo mercado, lançando modismos.

Sobre relacionamentos na atualidade, diz Bauman (2004, p. 111):

O “relacionamento puro” tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual se entra ‘pelo que cada um pode ganhar’ e se ‘continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação.

O compromisso, em especial o amoroso, em caráter incondicional e por toda uma vida, passa a ser sentido como uma forma de prisão, uma armadilha a qual o indivíduo deve evitar. Atualmente são apreciados os relacionamentos breves cuja durabilidade é condicionada ao prazer e à satisfação, enquanto estiverem presentes.

A sociedade contemporânea identificada com o individualismo proporciona a esse código de relacionamento, condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Este, de acordo com vários autores, entre eles, Justo (2005); Chaves (2001), encontra na cultura brasileira sempre receptiva ao novo, às influências externas, uma plena aceitação dos seus mais recentes valores. Através do “jeitinho brasileiro” busca-se conciliar a coexistência do hierárquico, referente aos valores tradicionais, ao novo, representando o moderno, aliado aos novos valores emergentes da sociedade de consumo. Dessa forma, favorece a uma sobreposição de valores numa complementaridade ou convivência por vezes contraditória, em que os valores dominantes são os atuais. Prestigiar o novo, porém, não representa apenas uma característica da cultura brasileira exclusivamente, mas da época atual, representada pela pós-modernidade.

Os valores conservadores ainda existentes na sociedade brasileira encontram-se subjacentes ou até mesmo entrelaçados aos valores atuais. Dessa forma, os jovens assumem por vezes atitudes contraditórias no que se refere aos relacionamentos amorosos.

A cultura deste tempo leva o indivíduo a buscar distinguir-se do outro. Ao mesmo tempo em que se estimula e se intensifica as diferenças individuais, contraditoriamente, também se massifica, homogeneíza, numa atitude de negação dessas diferenças. De acordo com Chaves (2001), o “ficar com” demonstra de forma clara esse paradoxo em situações várias. A título de ilustração pode-se, numa referência, citar em relação ao “ficar” a discriminação que ocorre em relação ao que se constitui como diferente aos padrões estabelecidos. O jovem age por vezes indistintamente ou de forma seletiva em relação à escolha do parceiro, por exemplo, de forma que a busca da liberdade e da igualdade, num relacionamento afetivo e/ ou sexual como o “ficar”, demonstra em sua prática que tais valores são contraditórios diante de tal processo de seleção, que ao mesmo tempo em que aprofunda a individualidade, massifica e homogeneíza a todos.

O “FICAR”: RELACIONAMENTO AMOROSO PREFERIDO POR ADOLESCENTES

No questionário, adolescentes que valorizam o “ficar” alegam, como motivo da sua preferência, que “o ‘ficar’ é mais simples que o namorar”; “ainda é muito jovem para um relacionamento mais sério”; além do mais, “o ‘ficar’ não requer uma coisa mais séria, um compromisso, ‘ficou’ hoje, amanhã tá beleza!”; “dependendo do lugar e da pessoa”; “o ‘ficar’ por não ter um envolvimento mais profundo não leva à interrupção dos estudos, por exemplo”; “por não ter compromisso”; “é mais divertido, é muito melhor”; “é um meio de não se apegar a ninguém”; “é legal ‘pegar’ garotas diferentes”; “não quero nada sério agora”; “ainda não encontrei uma pessoa que goste muito e queira namorar”; “gosto de “ficar” e namorar, depende de com quem esteja”; “pois não encontrei uma pessoa que goste muito e queira namorar”. Para algumas, o “ficar” acontecerá até o momento em que vier a encontrar alguém e deseje uma relação mais duradoura com esta pessoa. Entretanto, há quem diga: “esse negócio de ‘ficar’ é pra pessoas imaturas ou que não sabem o que querem” e aquela que diz: “o ‘ficar’, eu não curto muito”.

Os grupos de discussão compreendem o “ficar” a partir dos posicionamentos a seguir:

Grupo masculino: A,15 *A gente fica se divertindo, é mais como uma experiência*, H,17 *cada pessoa que você vai “ficar” é um tipo diferente, um jeito de “ficar” diferente*, R,15 *é uma emoção do momento*. H,17 *Cada pessoa que você vai “ficar” tem um jeito diferente...* D,17 *o cara diz: só prá não dizer não, pros caras não me chatear eu vou “ficar” com essa...* R,15 *o cara vai p’ruma festa e diz: eu “peguei” cinco, não sei quê, e não pegou nenhuma... e, no final dizer: peguei tantas, ei, vou pegar tantas...* R,15 *se você pegar só uma e for uma feia, vixe!*

Num outro momento, este grupo manifesta-se sobre o tema da seguinte maneira:

*“J,15 a questão do “ficar” hoje, é porque.... é, não tem muita moça... É que nem minha mãe fala, né? ela...chegou uma menina na minha casa e usou esse termo “ficar”, ela se revoltou, disse: negócio de “ficar”, não sei o quê... o povo só pensa nisso hoje, antigamente era um namoro sério, uma coisa séria... as meninas iam prá festa mas tinha que ter uma segurança, uma confiança... D,17 alguém prá cuidar... **E hoje não?** J,15 *E hoje não: hoje as moças... as moças e rapaz que...(som da campainha) as moça e rapaz que tem hoje é que nem minha mãe fala: ‘o mundo**

não presta'... tão ligado ao mundo da droga também...outros, tão na prostituição...e é isso... **Vocês concordam com ele? concorda D, com o que ele está falando?** D,17 Concordo, concordo; esse é o mundo atual, por causa que antigamente tinha aquele preconceito das filhas ir pras festas e acontecer alguma coisa...aí, antigamente os pais tinham aquele preconceito, essas coisa de soltar as filhas... e hoje, em pleno século XXI, hoje não tem isso, tá tudo largado aí, cada um que se cuide, eles confiam, tem a confiança nos filhos, são mais liberal. **O que vocês acham do que ele disse?** R,15 Ah! Eu acho que isso aí, ele falou o correto, né? porque hoje o jovem faz sexo sem camisinha porque acha mais prazeroso e tudo, mas, não imagina que pode pegar uma doença e pode até perder a vida J,15 se você pegar uma doença perigosa, você, jovem, as pessoas se revoltar contra você, com preconceito contra você, como é que você vai ficar nessa situação? R,16 Não, mais como qualquer um de nós aqui quando tá “ficando” com uma menina, qual é o objetivo? Ah, o objetivo nessa hora é sexo. J,15 Muitos pensam em sexo, outros pensam que tá bom...R,16 Não, mas também depende da menina. A,15 O objetivo é esse. J,15 Não, mas em festa...**Qual seria mesmo o objetivo?** R,16 O objetivo é só sexo; você, numa festa, você raramente achou uma menina que não pensa nisso... R,15 Não, discordo. Tá cheio de menina aí que só quer sexo, sexo, sexo, mas tem outras meninas que são certas... só querem “ficar”. A,15 Então?! falei nesse ponto. D,17 Mas em todos casos vai depender da relação, de como é que os dois vai manter essa relação. Só acontece se os dois quiser. Caso de vida... às vezes passa por dificuldade... da menina com a família, com a mãe...muitas são e outras não. **Vocês acham que tem muitas meninas que só querem sexo? Que no “ficar” as meninas procuram o sexo pelo sexo?** D,17 Em muitos casos sim, em outros... não!

Grupo feminino: A,16 É verdade. O sentido do “ficar” é... você conhecer uma nova pessoa, num momento certo, novas pessoas assim, novas personalidades... o sentido do ficar pra mim é isso: ter uma nova experiência, pra mim é assim. D,15 É, novas personalidades A,17 Eu concordo com A,16 meu namorado, eu conheci aqui. A gente ficou, eu vim lá de... (nome da cidade) e a gente namorou, continua namorando; já faz 9 meses de namoro... O namoro começa a partir do “fica”.

Para os adolescentes, em suas respostas ao questionário e entre os grupos de discussão, o “ficar” representa aquisição de experiências quanto à forma de lidar com o outro sexo; também está associado à vaidade e auto-afirmação no que se refere sobretudo à maioria dos garotos por atribuírem muita importância à quantidade de “ficas” conseguidos numa mesma ocasião, principalmente nas festas. Um outro aspecto que assume uma importância fundamental nessa forma de relacionamento, relatado por eles nesse momento, apenas nos grupos, diz respeito à beleza da garota. Para elas, essa forma de relacionamento tanto quanto para eles, parece também estar associado à possibilidade de novas experiências, porém, diferenciam-se deles quanto ao desejo de conhecer novas pessoas, e às vezes, à expectativa de a partir dessa experiência, iniciar um namoro.

Entretanto, as opiniões sobre esse código de relacionamento são contraditórias. Se por um lado o “ficar” representa a oportunidade de adquirir experiência em relação ao afetivo e/ ou sexual, no que se refere ao relacionamento com as garotas, e o valorizam por poderem usufruir dessa forma de se relacionarem sem compromisso e praticarem-no como o primeiro relacionamento que antecede qualquer vínculo amoroso ou afetivo, por outro lado, principalmente os garotos, julgam de forma negativa as garotas, utilizando-se de antigos conceitos, estereótipos em relação à imagem feminina em sua forma de conduzir-se em meio a esse relacionamento. No “ficar” elas são avaliadas por eles, em termos de não serem fáceis ou certas quando não fazem sexo, e não certas, quando praticam a relação sexual. Chegam eles a comentarem, com certa nostalgia, sobre a época em que as garotas viviam sob a vigilância dos pais. Através desse discurso afirmam que *“tá cheio de meninas que só quer sexo, mas as certas só querem ‘ficar’*”.

Assim, percebe-se uma certa discriminação em relação ao feminino. Algo que está em descompasso com o momento atual, que se pretende ser representado pelo sexo liberação. De acordo com os garotos, o “ficar”, para eles, tem como finalidade a prática do sexo, principalmente durante as festas. Afirmam que *“grande parte das meninas também procuram o sexo no ‘ficar’*”. Para eles as garotas são sexualmente liberadas. Procuram justificar o comportamento feminino em relação ao sexo, através de motivos que justifiquem tal atitude: para algumas, analisam eles, pode ser devido às dificuldades da vida ou a problemas familiares que as empurraram nessa direção.

Observa-se, através dos comentários realizados pelos adolescentes, a situação de conflito entre os valores atuais e os hierárquicos. Transcorreram-se mudanças na sociedade, e a rapidez com que se manifestaram tais mudanças, parece ter contribuído para que as pessoas tivessem de modificar inclusive a sua forma de ver e de sentir as coisas e as outras pessoas, sem que para isso tivessem podido, além de assimilar, internalizar de fato, esses novos valores. Tais conflitos manifestam-se sobretudo em torno da sexualidade e das questões que versam sobre ela. Nas relações de gênero ocorre ainda uma certa ambiguidade quanto aos papéis desempenhados pela mulher, permanecendo uma situação de desigualdade em relação ao feminino, apesar de todos os avanços já mencionados anteriormente. As estereotipias em torno dos papéis sexuais continuam a existir em meio à liberalidade do sexo. Porém, em relação à identidade de gênero, diz Louro (2008, p. 28), “as identidades de gênero [...] estão continuamente se construindo e se transformando”. Para essa autora, a construção é histórica e se faz continuamente.

Mais adiante, afirma Louro (2008, p. 39):

Afinal, homens e mulheres através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças. Talvez uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos ‘contendores’ é, por antecipação e para sempre o vencedor. Isso não significa, no entanto, desprezar o fato de que as mulheres[...] tenham, mais frequente e fortemente, sofrido manobras de poder que as constituem como o *outro*, geralmente subordinado ou submetido – mas tais manobras não as anularam como sujeitos.

Assim, homens e mulheres, através de relações marcadas pelas estratégias de poder, vão se construindo e se reconstruindo num processo contínuo a cada dia. Aquele grupo que é dominado pelo outro que exerce o poder não se anula, mas busca formas e espaços de resistência a esse poder a partir da própria opressão a que é submetido.

Os mesmos adolescentes que emitem uma opinião conservadora a respeito dos costumes sexuais concordam, através do questionário, que para grande parte deles, este código de relacionamento parece ser sinônimo de despreocupação. Nele preserva-se a liberdade, pois não há comprometimento na vivência do afetivo e do

sexual. Há o desejo de não se sentir cerceado por cobranças, regras e normas, tal como ocorre quando se está namorando alguém; querem estar livres para se relacionarem e mudarem de par no momento em que lhes convier e tudo isto realizado com espontaneidade ou descontração. A ausência de envolvimento ou a sua superficialidade permite com que não se volte afetivamente em outros momentos para o que ocorreu ou que possa interferir na realização de outras atividades, tal como o estudo. Dessa forma, não havendo o apego, deixa de haver também o risco do sofrimento. Esse parece ser um discurso hegemônico, representando o poder a partir de quem o pronuncia.

No enamoramento, há a preocupação com o outro e o investimento na relação, a sua ausência ou perda, pode acarretar diversos sentimentos dependendo da circunstância dessa perda. Tristeza, angústia, sofrimento, enfim, tudo o que os indivíduos contemporâneos desejam evitar: buscam-se atualmente relacionamentos descompromissados em que apenas vivenciem os prazeres que possam lhes proporcionar. Não há mais tempo nem espaço para se sofrer por amor.

Para Chaves (2001, p. 14), [...] “o ‘ficar com’ é também a maneira mais fácil de se obter prazer sem se comprometer. É um exercício de sedução.” O compromisso está associado a valores tradicionais e a um modo de vida que aos poucos está sendo dissociado dos relacionamentos atuais. Na sociedade de consumo pós-moderna valoriza-se o individualismo como forma de vida e através dele, o crescente processo de individualização em que os vínculos são superficiais, flexíveis, maleáveis, as relações são compreendidas pela volatilidade, fugacidade e fluidez, daí a sensação de descompromisso e liberdade. Assim, os jovens evitam o namoro porque não desejam assumir nenhum compromisso, não desejam vínculos.

Sobre o “ficar”, diz Chaves (2001, p. 12; 33-36):

Nele há um distanciamento acentuado entre o plano ideal e o plano real do sujeito. É a maneira mais fácil de chegar perto de um outro sem se comprometer. O “ficar com” adquiriu identidade própria. [...] Apesar de a sua prática mostrar uma pluralidade de desejos e de regras, ele é organizado por princípios fixos, o que o caracteriza como um código estável. [...] O “ficar com” comporta uma variedade de práticas, usos e tipos. Pode ser usado, experimentado com várias finalidades. Entretanto alguns princípios precisam estar sempre presentes nesse código de relacionamento. Um deles é a falta de compromisso, [...] um outro é a ruptura entre compromisso e prazer, [...] um outro fundamental é a negação da alteridade, [...] o que conduz à comutatividade do objeto.

O “ficar com”, apesar de ser um código de relacionamento estável, em sua prática afirma-se como instável e instantâneo, em que as sensações desempenham um papel fundamental no prazer que resulta do contato corporal. É também regido por princípios que o caracterizam, a falta de compromisso é um deles. Em decorrência do não compromisso, há um corte ou ruptura no que seria uma possível sequência tal como ocorre em outros relacionamentos, em que um prazer mais intenso está interligado a um maior compromisso, de forma que o “ficar” apresentasse descontínuo e as suas ações, autônomas e destituídas de transcendência. A ausência de transcendência é mais um aspecto que o coloca em oposição ao sentimento, ao amor, ou seja, depois do encontro amoroso, cada um continua a sua rotina sem que daquele encontro nada de sentimento tenha resultado, pois se trata de um ato puramente físico.

A negação da alteridade refere-se ao papel desempenhado pelo outro, isto é, não importa saber quem é o outro, o seu modo de ser, a sua identidade e tratá-lo como um ser diferenciado, importa apenas o prazer que ele possa proporcionar, satisfazendo-lhe um desejo. Tal como um objeto, ele está ali para desempenhar essa função.

Segundo Chaves (2001), a comutatividade do objeto resulta do princípio anterior. Se o outro representa apenas a possibilidade do prazer naquele momento, então, pode, com certeza, ser substituído por outro/ outros a qualquer momento sem que haja prejuízo para ambos. O “ficar com” estrutura-se ainda numa ética do desejo. Assim, norma social, lei e prazer, confundem-se diante da permissividade. Tudo é passível de aceitação e visto com naturalidade, mesmo que num outro instante assuma uma outra conotação.

Para Chaves (2001, p. 36), no “ficar” a transgressão não pesa tanto, ao contrário, ela é encarada com leveza, assim, “valoriza-se a transgressão de regras e regulamentos”. As regras caracterizam-se pela frouxidão e pela fluidez; “as normas, modalidades de poder e de disciplina”, são de outra ordem; não se manifestam a partir de um meio externo, mas sim, de forma invisível, numa ação que ocorre no próprio indivíduo, vindo a causar sensações desagradáveis, entre elas, a sensação de vazio interior. Transgredir para Chaves não significa mais enfrentar o horror e o ódio da punição vindo do meio externo representado pelo poder, porém atualmente a suposta liberdade existente em relação à transgressão no que concerne a esse

relacionamento amoroso implica em se deparar com uma exigência interna que conduz a sensações desagradáveis perante si mesmo.

Um outro aspecto relevante a se considerar na compreensão do “ficar” diz respeito à importância do erotismo para esse código de relacionamento. De acordo com esta autora (2001, p. 14-15), tudo é possível de se realizar, não existem limites na sua prática, desejos antes proibidos são transgredidos. O próprio desejo ocupa um lugar central e o corpo é encarado esteticamente; “é objeto de desejo”, dele se origina o prazer. Este prazer é proveniente não apenas da “prática genital”, ele estende-se a “todas as partes do corpo sensual” que, erotizadas, tornam possível uma diversidade de possibilidades sexuais que poderão, ou não, serem colocadas em prática. Dessa forma o erotismo voltado para a linguagem do corpo (e suas sensações), através da busca do prazer e da satisfação do desejo, encontra a sua expressão no “ficar”.

De acordo com Bataille (1988), o erotismo leva à dissolução do ser quando, através da atividade erótica, dois seres se fundem em um só numa busca de continuidade. Porém, se há uma busca por ser parte de um todo através da aproximação física, simultaneamente ocorre o desejo de se diferenciar, de manter-se em sua unicidade, por meio deste relacionamento erótico que possibilita a experiências várias.

4.4 AS OCASIÕES EM QUE O “FICAR” ACONTECE

Sobre em que ocasiões costumam “ficar”, muitos responderam “sempre que surge uma oportunidade”; alguns disseram que costumam ficar “em festas”; e poucos afirmaram gostar de “ficar” em “finais de semana”. Nenhum deles fez menção ao “ficar” em “viagens”. Houve quem não concordasse com nenhuma das alternativas, argumentando que “não ‘fico’, gosto de namorar, de me apegar a alguém”; e, ‘fico’ com meu namorado”. Todos concordam que o “ficar”, para acontecer, independe de lugar ou ambiente, necessitando apenas de oportunidades e estímulos para que ocorra. De acordo com os adolescentes, esse relacionamento afetivo e sexual, para que aconteça, é suficiente que os dois queiram e surja a oportunidade. Diante de uma circunstância favorável, “ficam” em festas, na escola, em finais de semana, não há locais ou horários determinados para se “ficar”. vai depender sobretudo, do momento e do desejo. A atração física, a sedução e a paquera contribuem para que essa oportunidade aconteça.

Sobre o território do “ficar” diz Chaves (2001, P. 49):

rua, calçada, casa, viagem, praia, parque, trabalho, colégio, cinema restaurante, bar, *show*, boate, festa, etc. não existe lugar determinado para “ficar com”; o que há são facilidades, estímulos, momentos, oportunidades. Para alguns é mais fácil “ficar com” em festa. É possível que já se conheça o sujeito anteriormente; que haja algum amigo para ajudar; a paquera pode ser mais clara; se houver música e dança, uma música (principalmente se for lenta) pode aproximar os dois sujeitos. [...] A dança em si pode ser um enorme estímulo, um modo de seduzir o outro. Estimulados pelo movimento, pela música, pela sedução e pelo desejo os indivíduos “ficam” com naturalidade. O importante para esses adolescentes é não perder o momento, a oportunidade de conhecer alguém diferente, de encontrar mais um “ficante” em qualquer lugar, a qualquer hora.

Dessa forma, havendo a oportunidade, o local ou ocasião não importa, o fundamental é o momento para esses “ficantes” paquerarem, seduzir alguém.

A FREQUÊNCIA DO “FICAR”

Sobre se costumam “ficar” com mais de uma pessoa, numa mesma ocasião, ou seja, em relação ao número de parceiros, metade dos adolescentes afirmaram “ficar” apenas com uma pessoa; alguns disseram “ficar com mais de duas pessoas numa mesma ocasião; poucos afirmaram “ficar” com duas pessoas e também foram poucos os que disseram que não gostam de “ficar”. Em síntese significa que prevalece a opção por apenas um parceir@ a cada ocasião. Os adolescentes que preferem variar de parceiros não representam a maioria desse contingente.

“Ficar” com vários sujeitos numa mesma ocasião, para Chaves (2001, p. 45) “[...] é totalmente possível. A maior quantidade e variedade de ‘ficadas’ num curto espaço de tempo costuma ser mais frequente nos grupos mais novos”. Nesse caso, a autora alerta no sentido de procurar locais reservados, longe de muita gente, para evitar que @ namorad@ tome conhecimento depois. Além disso, esse fato pode ser considerado de duas formas distintas: positivamente, se a ação for do garoto que adquire a fama de “garanhão” ou não dá importância ao fato, diz não ter sido nada demais, aconteceu, simplesmente; porém, no caso da garota, esse fato repercute negativamente, ela passa a ser vista de forma depreciativa, principalmente pelos garotos.

Esse episódio é ilustrativo da hierarquia nas relações de gênero, na forma como a imagem masculina e feminina são abordadas pelo meio social frente às

relações de poder. De acordo com Foucault (1998, p. 234), “durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘Vocês são apenas o seu sexo’, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. ‘Vocês são a doença do homem’”. Só há pouco tempo, afirma esse autor (1998), em pleno século XX, o movimento feminista partindo da própria sexualidade que subjugava a mulher, ultrapassou-a em busca de outras afirmações.

Porém, observa-se ainda neste tempo em que se celebra uma aparente liberalidade nas condutas em relação ao sexo e aos relacionamentos, uma postura ainda conservadora no que se refere ao relacionamento de gênero. Segundo Louro (2008, p. 21), “Hoje, tal como antes, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhes normas”. A norma provém do espaço social como um todo. Ela se traduz ou se reflete através das recomendações repetidas por reiteradas vezes, observadas rotineiramente, servindo como exemplo a ser seguido por todos. Dessa forma, ela tende a se cristalizar e, com o passar do tempo já assimilada, passa a ser vista com naturalidade.

O poder nesse momento é exercido não mais através de coerção, mas está presente em meio a relações desiguais, a partir de um discurso de verdade a respeito da condição feminina através dos tempos e, apesar de conquistas já empreendidas pelos movimentos feministas, ainda encontram-se subjacentes à imagem atual da mulher, antigas representações.

4.5 O NAMORO A PARTIR DO “FICAR”

Segundo um número significativo de adolescentes, já aconteceu “ficar” com alguém e a partir desse relacionamento surgir o namoro. Apenas alguns discordaram desta afirmativa e o “ficar” para eles não resultou em uma continuidade de relacionamento, mas sim, significou um momento, alguns minutos ou uma noite com alguém.

Observa-se pelas afirmações desses jovens, que o “ficar”, surgido inicialmente como uma forma descontraída de se relacionar, pode também ser usada por eles como uma forma de se conhecer alguém para depois iniciar um namoro. Se a experiência tiver sido boa, outras poderão ocorrer até se decidirem por

este relacionamento que se traduz pelo envolvimento afetivo e pela fidelidade, implicando na existência de vínculo a ligar os jovens numa relação que pode se caracterizar como estável. O “ficar”, mesmo continuando caracterizado pela descontração e pelo descompromisso, parece estar sendo incorporado cada vez mais pelo jovem como uma forma característica de manter os primeiros contatos, de viver experiências nesta área, enquanto o relacionamento que exige investimento afetivo e compromisso não acontece.

O namorar como consequência do “ficar” constitui-se em um dos usos desse tipo de relacionamento, neste caso, “esse código de relacionamento é usado como um espaço para os sujeitos verificarem se há identificação, simpatia e desejo suficientes entre eles para começar um namoro. Estes, podem acontecer a partir do “ficar”, garoto e garota se conhecem, sentem-se atraídos e interessam-se um pelo outro, nesse caso um pede o orkut, o MSN do outro e a partir daí pode acontecer o namoro.

Segundo Chaves (2001), o namoro atual, apesar das modificações a que foi submetido, ainda conserva nos dias de hoje um dos aspectos do namoro tradicional, o compromisso. Embora não mais vinculado necessariamente ao casamento, mas sim, à outra pessoa, através de uma relação estável, monogâmica, em que haja fidelidade. Para esta autora, o namoro é um código de relacionamento amoroso desvinculado do “ficar”. Dessa forma o indivíduo é livre para realizar a sua escolha entre o “ficar” e o namorar, pois não necessariamente precisa viver ambas as experiências. Cabe a cada um essa escolha. É sabido que o adolescente influencia e é influenciado pelo grupo de amigos, porém, se o desejo for conhecer alguém de uma forma íntima, trocar idéias e estabelecer vínculos através de uma relação marcadamente afetiva e sexual, o caminho mais provável a seguir é o namoro. Entretanto, se há o desejo por experiências passageiras em que não haja o envolvimento nem o compromisso, num jogo que envolve descobertas, um período de maior liberdade, o “ficar” implica nesta experiência.

Geralmente as garotas deixam de “ficar” quando passam a namorar e até olham para aqueles que ainda utilizam aquela forma de relacionamento com ar de censura, principalmente no que se refere aos que “ficam” constantemente ou em relação ao número de parceiros que utilizam a cada ocasião em que se relacionam, avaliando tal comportamento com discriminação.

Se boa parte destas jovens deixa de “ficar” enquanto estão namorando, com os jovens, a situação é diferente. Costuma-se namorar com uma garota enquanto se continua a “ficar” com outras. No caso do homem, a infidelidade é passível de ocorrer, essa é uma forma de comportamento já naturalizada entre eles, mesmo arriscando-se a provocar uma ruptura no relacionamento. Assim, faz-se a opção pelo namoro, mas o “ficar” continua presente, sendo praticado por eles. Às vezes tal comportamento masculino é decorrência da pressão dos amigos que, nesse momento de vida, desempenham um papel fundamental na vida do jovem. É com eles que desabafam, colhem opiniões, eles fazem a sua “cabeça”, exercem influência no sentido da sua sociabilidade e da construção da sua identidade.

Nesse código de relacionamento, a beleza física do “ficante” é essencial para que ocorra algo entre os dois.

4.6 A BELEZA FÍSICA COMO PRÉ-REQUISITO

Sobre o motivo que pode levar o indivíduo a “ficar” com alguém, muitos afirmam sentirem-se atraídos pela beleza física, sendo esta determinante na escolha de um outro para “ficar”. A seguir, a atenção para com a sua pessoa foi a resposta de alguns e por último, outros se referiram à forma de agir.

Entre os Grupos de discussão, a beleza física vinculada à aparência física também é um dos pontos fundamentais na determinação do “ficar”, concorrendo apenas com o ‘dinheiro’ ou a situação financeira e a “bossalidade”, como afirmam os garotos; ou, popularidade, presença, como denominam as garotas.

Grupo masculino: D,17 *Prá mim... R,16 pra mim na hora do ficar é dependendo da beleza física da menina, não é por afeto. D,17 na maioria das vezes, as mulheres... tem mais afeto que os homens, pra essas coisas.... H,17 é, elas tão se sentindo carente aí vão querer só “ficar”, porque “ficar” é uma coisa sem compromisso, você “fica” não tem esse negócio de se apegar, deu certo a primeira vez, pronto. A,15 continua... R,16 prá mim também é... pelo comportamento da menina... tem uma menina lá se amostrando, ninguém vai não! J,15 prá você vê, tem algumas coisas que não tá na aparência física não, mas no coração dos homens A,15 a questão também da aparência física, que o que não tem... R,15 tem uma coisa errada aí! **Você está se referindo à menina ou aos dois?** R,15 Aos dois. D,17 atualmente assim... a maioria das mulheres vão com o pelo capital,né? quem*

tem dinheiro... É, se você tá numa festa com um grupo de amigo, se tiver o luxo, quem tiver o luxo... se dá bem. **Quer dizer que o ficar é determinado pelo dinheiro?** R,16 É pela aparência física. “ficam” pelo dinheiro e pela aparência física, atualmente é assim... R,15 Na minha cidade se chegar alguém de fora lá, num carro...as meninas... **Como é que vocês veem isso?** J,15 Acho muito errado; acho errado assim porque as vezes o cara não tem condições, às vezes o menino tá ajudando o pai, as mãos cheia de calo, a menina diz: ah! Aquele não presta, não tá com nada...R,16 não quer nada, não tem futuro. A,15 É, não tem futuro! A,15 Atualmente é assim, a maioria das meninas vão pelo capital. D,17 É o luxo, quem tiver mais luxo... se dá mais bem. Quer dizer... o dinheiro a aparência física ... O luxo, a beleza física...**Você acha que as meninas só dão mais atenção àquele cara todo produzido, que se cuida...** R,15 Oxe! mas também tem a idéia da bossalidade¹⁰, tem cara que é todo... às vezes o cara é assim todo estiloso, mas, não quer nada com a vida, é besta, não sei quê, não dá atenção pra garota aí... D,17 esse negocio de estilo também eu acho que leva à aparência também, saber quem é a pessoa, se é uma pessoa boa...a aparência importa muito, a beleza, essa coisa da beleza...na hora é no olho, você olha pra ela assim...leva a beleza, agora tem que saber se é uma pessoa boa...também tem também a aparência, a aparência é que conta isso aí também... H,17por uma noite você tiver passeando dá tempo pra você saber. D,17 Numa festa não dá não, mas numa noite conversando numa praça dá pra saber.

Num outro momento, ainda sobre a beleza:

Grupo masculino: (risos) R,16 o mesmo pensamento que o homem tem a mulher tem também, só tem uma diferença: é que a mulher vai puxar mais pro lado do dinheiro, a diferença é essa. O homem vai pela beleza. D,17 Não, no meu caso não é assim não, eu discordo; às vezes tem mulher feia e bonita, a gente chega e conversa com a feia, aí vai fazendo amizade com a feia, chega uma bonita... a preferência é a bonita, mas em termos de amizade... **você vê a feia como uma ponte para chegar até a bonita.** (risos) H,17 você vê, tem uma mulher bonita e tem uma feia, não feia, mais ou menos, um meio termo assim, D,17 ficou no meio da viagem! H,17 aí, você vai falar com uma bonita aí tá ali conversando com ela, aí ela

¹⁰ Gíria para indicar atributo ou qualidade peculiar a pessoa ou coisa, que faz que elas agradem, chamem a atenção, se distingam de uma ou de outra. A bossalidade é utilizada no sentido de bossa. (FERREIRA, 1986).

tem uma conversa chatinha e aí você vai “ficar” com a outra e não com ela que tá falando só água, aí você vai “ficar” com a outra.

Grupo feminino: A,16 *É o olho... bateu o olho... eita! aquele menino é bonito, vou “ficar” com ele! Aí, pronto: se agarra com ele.* C,15 *Não tem essa coisa de afeto, não.* A,16 *Se ele não falar muita besteira aí “fica” com ele...* C,15 *não adianta ser bonito e ser um ‘pai-d’égua’!*¹¹ *...você vai... e se agarra com ele.* A,16 *Aquele menino é ‘presença’*¹² *na escola...* D,15 *não é assim também não, vai também pela fama, né?* C,15 *Lá onde eu moro tem gente que se derrete só porque tem moto. O que é isso de presença? Quer dizer que é a beleza e...* C,15 *a popularidade*¹³. **A beleza, a popularidade e o dinheiro.** A,16 *Com certeza. Mas não é todas meninas que é assim... As meninas são muito influenciadas pela beleza.* A,16 *É, verdade! se ele é bonito e não fala muita besteira, ai vai e “fica”. “fica” só porque ele é bonito. Quer dizer que é a beleza, a popularidade e o dinheiro.* A,16 *isso!* A,17 *Mas não é todas as meninas que são assim, não. De 100 tira 90... Como vocês se encaixariam nesse meio?* A,16 *Eu, se eu achar ele bonito primeiro vou conversar com ele: se for um ‘asilado’*¹⁴ *... O que é isso de um asilado? (risos) Não faz nada na vida, só quer curtir. Hoje tá com a menina amanhã já tá falando dela, chama isso de asilado.* A,17 *Eu, eu não sou assim, não quero uma pessoa assim. Eu não olho para um rapaz só porque tem carro, dinheiro, é popular, não! a gente tem que ser assim: não se interessar por um rapaz só porque ele tem um carro... tem dinheiro, não! a gente tem que conversar com o rapaz. Não devemos ter ...aquela coisa... de bens materiais, a gente tem que ver um rapaz pra conhecer ele de fundo a fundo...não vou namorar com esse porque tem carro, vou andar todo dia de carro... diga uma coisa: Se chega um rapaz bem humildezinho e chega um outro, todo cheio de marca e com um carro assim, e aí?* A,16 *Eu “fico” com o pobrezinho. O rico só fala besteira e o pobrezinho não. E se os dois só falarem besteira?* A,16 *Aí...(risos)* V,16 *aí, “fica” com os dois;* C,15 *o que gostar mais. E o mais bonito (riso)* D,15 *Principalmente pela personalidade dele* C,15 *tendo presença também, né?*

¹¹ Pai-d’égua. *S. m. Bras.* 1. V. garanhão. 2. Indivíduo femeeiro, garanhão. 3. *Bras. Gír* Diz-se de coisa grande, ou avultada, ou que causa espanto. *Ibid.*, p. 1247.

¹² Presença. Refere-se ao aspecto físico, à aparência, personalidade, poder de influência. Fator de sucesso de alguns garotos em relação às garotas, segundo dizem elas.

¹³ Popularidade. Diz respeito à forma do garoto extrovertido lidar com as garotas: de forma simpática, charmosa e sedutora, de acordo com a opinião das garotas.

¹⁴ Asilado. Indivíduo que não tem ocupação, nem se preocupa em assumir responsabilidades, apenas quer se divertir, segundo as adolescentes.

Sabe o que eu acho, os meninos parecem ser mais atirados mais sinceros, as meninas parecem esconder o jogo. As meninas procuram sempre ficar com os meninos bonitos... A,16 *E é! a gente vai “ficar” com um homem feio? A gente somos tudo bonitinha, aí chega uma ‘trepressa’¹⁵... um asilado vei, aí a gente vai “ficar” com um homem feio tendo um monte de ‘gatinho’ aí? eu não vou “ficar” com ele, não. **E se for bonito e tiver um carro...** A,16 *É melhor tá com um pobrezinho sem carro, sem nada, do que com um que tem as coisas e quando tá numa roda de amigo acaba com você. Uma pessoa quando gosta da out...não é gostar de amar, não! É aquela química gostosa... é sentir aquela química gostosa...você vai dar um beijo mais carinhoso...**

A beleza física, a aparência física, o corpo é algo extremamente valorizado pelo adolescente, há toda uma influência cultural nesse sentido, além do que, o físico, o corporal, está intimamente interrelacionado ao que se está vivendo neste momento: à sua imagem corporal, ao seu autoconceito, à sua auto-estima. Sendo assim, é relevante a escolha do “ficante” pela beleza física. “Ficar” com alguém que não seja belo parece se constituir na própria admissão de que também não se é fisicamente belo ou atraente. Ou acerca da capacidade para atrair alguém com estes atributos físicos.

Para Chaves (2001, p. 44), a “sensualidade no vestir, no agir, no falar, essa erotização de quase todas as partes do corpo pode ser um dos caminhos” que leva a essa escolha. Numa sociedade em que a imagem corporal é de fundamental importância, em que se emite julgamentos baseados na aparência, onde quem é bonito e apresentável é tratado de forma diferenciada, o que ocorre em relação à beleza física sendo determinante no “ficar”, é apenas mais uma confirmação sobre o poder do corpo. Aliado a uma atitude sensual em que ao outro, por vezes, é dispensado uma atenção especial; antes do “ficar”, o indivíduo bonito e produzido que seduz procura agir dizendo coisas bonitas com sensualidade, de forma charmosa, fazendo com que o outro se deixe seduzir e seja envolvido por esse clima em que sedução e atração física são a tônica.

A beleza física assume um papel fundamental no “ficar” com alguém. Construído culturalmente, o corpo é considerado belo de acordo com os padrões

¹⁵ Trepressa. Termo pejorativo em referência a pessoa irresponsável, não confiável, que não se cuida, etc. de acordo com as opiniões das adolescentes.

sociais de determinado momento histórico. Assim, nos séculos XVIII e XIX, o modelo de beleza feminino correspondia às formas arredondadas, à pele muito clara; com o século XX, após os anos sessenta, surge o corpo macérrimo como sinônimo de beleza; hoje, além de magro, o corpo feminino deve ser modelado por seios grandes e quadris salientes arredondados. Homens e mulheres devem ter também seus corpos bronzeados, porque a ditadura da estética a cada época se torna mais rigorosa, exigindo de quem não tem tais atributos, sacrifícios, para corresponder ao que é considerado o ideal de beleza do momento.

A respeito da valorização do corpo, afirma Louro (2007, p. 15):

[...] investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.

Através da relação que o indivíduo estabelece com o seu corpo, os hábitos, os cuidados corpóreos dizem algo sobre ele, sobre o seu modo de ser, e, ao mesmo tempo o diferenciam dos demais. Entretanto, a cultura é quem imprime uma significação ao corpo e sob a sua influência ele sofre alterações com relação aos padrões estéticos. Assim, o conceito de beleza corporal varia em relação à cultura e ao período histórico em que se vive.

Na época atual, numa cultura em que os indivíduos vivem obcecados por atingir o ideal em termos de padrões estéticos, nunca se valorizou tanto o físico, o corporal; o consumo desenfreado de produtos estéticos é estimulado; práticas corporais, como ginásticas, são incentivadas, a cirurgia plástica nunca foi tão solicitada e tida como tão necessária. Repudia-se a velhice, já não se quer mais envelhecer, deseja-se permanecer eternamente jovem e, para retardar o processo do envelhecer, recorre-se aos mais avançados recursos da medicina. O corpo, nessa perspectiva, é também utilizado como recurso para a indução do consumo a partir de produtos que embelezem, tais como: produtos para maquiagem, roupas,

adereços, perfumes, entre outros. Entretanto, cultivar o corpo não é prerrogativa feminina, exclusivamente. Homens são vistos em “spa” cuidando da forma física, da estética; atualmente, uma boa parte deles se preocupa em estar elegante e apresentável. Submetem-se a cirurgias estéticas para corrigir algumas imperfeições corporais e também a dietas alimentares rigorosas, o que denota a preocupação deles hoje em relação à manutenção de um corpo atlético e saudável, um corpo “sarado”, como assim é chamado por muitos, assemelham-se aos cuidados femininos com relação ao corpo e à prevenção do envelhecimento.

A respeito de como se forma uma imagem do indivíduo, retratando-o a partir da sua aparência, isto é, do modo como ele se apresenta fisicamente, por seus gestos, etc., afirma Louro (2007, p. 15):

É fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do ‘outro’, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos.

Entre adolescentes, aqueles que não estão de acordo com as normas vigentes em relação ao padrão estético, deixando de fazer jus ao que se supõe como desejável em relação à beleza e a aparência física, são postos à margem e sofrem discriminação. No que se refere ao “ficar”, são preteridos, pois não há o desejo de ter como “ficante” alguém que não seja bonito ou que não possua uma boa aparência, um corpo admirável, que seja limpo, perfumado e use boas roupas, de preferência, de grifes conhecidas.

As marcas que os identificam e os diferenciam são aquelas que caracterizam seu grupo. Dessa forma, preocupam-se em andar vestidos de acordo com a moda, usando adereços, cabelos e maquiagem de acordo com o que é utilizado pelo seu grupo que, por sua vez, reproduz o que é propagandeado pela mídia. Assim, os garotos, hoje, são mais vaidosos com a aparência: frequentam salões de beleza, fazem sobrancelhas, pintam os cabelos e estão atentos à moda de uma maneira geral. A rebeldia antes alegada pela sociedade, neste momento é assimilada e apropriada pelo marketing que através da mídia a utiliza na forma de objetos a serem consumidos por este grupo.

A valorização social do corpóreo na sociedade de consumo conduz a uma preocupação excessiva com a apresentação física do indivíduo. Se por um lado há um corpo que consome, por outro, costuma-se utilizar, através das técnicas de marketing veiculadas pela mídia, uma imagem corporal que induz ao consumo de produtos os mais diversos: desde o alimento até o automóvel, símbolo de status.

Sobre sexualidade, corpo e poder, diz Foucault (2007, p. 160-161):

[...] estamos em uma sociedade do “sexo”, ou melhor, “de sexualidade”: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo.

O poder investe no corpo. E é dessa forma que através do consumo os objetos passam a ser erotizados. O erotismo se expressa agora, através de produtos de consumo alçados à condição de objetos do desejo. Trata-se de uma forma de controle que é exercida através da estimulação. Diz Foucault (1998, p. 147), “[...] encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’”. Dessa forma, vive-se uma época em que as sensações, o prazer, tudo que está interligado ao corpo é estimulado e valorizado.

4.7 “FICAR” COM UM CONHECIDO OU COM UM DESCONHECIDO

Entre “ficar” com alguém que já conhece ou que acabou de conhecer, metade deles responderam: “não importa se o ‘ficante’ é ou não conhecido”. Justificam a resposta, afirmando: “porque na verdade é só uma vez ou outra, não faz importância se é conhecido ou não”; “porque acontece apenas uma vez”; “porque às vezes conhecemos pessoas interessantes ou já éramos conhecidos”; “no ‘fica’ a gente se conhece melhor”; “quando conhecemos alguém, se a gente gosta da aparência, sempre tem aquela vontade de conhecê-la melhor”; “na verdade é isso, pode ser conhecido ou não, ‘ficar’ é só uns beijos aqui e outros ali”; “eu não ficaria só com amigas ou só com pessoas desconhecidas, eu diversificaria”; “pois não interfere em nada”.

Com base nestas afirmações, surge com bastante clareza o caráter superficial deste tipo de relacionamento, além de um outro aspecto também a ser considerado, o da fugacidade da relação.

De acordo com Chaves (2001, p. 37):

Trata-se de um jogo, uma brincadeira, um exercício de sedução estimulante e sem responsabilidades, já que há maior permissividade. [...] conhecer é superficial, “ficar com” é superficial. Não é preciso um conhecimento profundo; ‘circular’ no mesmo ambiente pode ser suficiente. Amigo do amigo é amigo. Ser apresentado, conversar por algum tempo, trocar algumas idéias e/ou informações a respeito de si próprio, tomar uma cerveja juntos, isso é conhecer. Nome, idade, em que ano está no colégio, onde estuda, o que gosta de fazer, ‘Vem sempre aqui?’, isso é conhecer; conhecer pouco, mas já é alguma coisa. Conhecer de vista, é ‘conhecido’, frequenta os mesmos lugares, mora perto, estuda no mesmo colégio ou faculdade. Todos são ex ou futuros possíveis “ficantes”.

Nesse caso, o “ficar” também pode ser visto como um passatempo, um divertimento. Outras vezes, pode ser vivido com a expectativa de se conhecer pessoas, fazer, a partir daí, novas amizades, ampliando dessa forma a sua socialização através da integração com outros indivíduos. No campo das experimentações, o “ficar” poderá resultar em algo bom ou em algo arriscado que poderá ter como consequência alguma perda ou distanciamento no que se refere a ‘ficar’ com alguém conhecido. Porém, também pode ser um momento de prazer ou um momento em que poderá fortalecer uma amizade, ou ainda, se tiver sido bom, quem sabe, pode-se até pensar em namoro.

“FICAR” COM UM DESCONHECIDO

Alguns acham melhor “ficar” com alguém que acabou de conhecer, dizem eles: “porque amigo é amigo e, se por acaso rolar alguma coisa com um desconhecido, nós ‘ficamos’”; “porque é mais interessante”. “Ficar” com quem não se conhece, para estes adolescentes, parece significar uma oportunidade de não se preocupar com a imagem que o outro tenha de si, é o estímulo à descontração e à liberdade de poder se comportar em relação ao outro da forma como melhor lhe convier. Neste tipo de escolha em relação ao “ficar”, o encontro é puramente físico, torna-se mais fácil, pois não se corre o risco de perder uma amizade, alguns se sentem encorajados a fazer coisas que, se em lugar do desconhecido estivesse um

amigo, não tentaria fazer. Por ser superficial, não há uma atmosfera de cumplicidade, caracterizando-se como absolutamente físico, sexual .

O “ficar” favorece a intimidade sem envolvimento, a qual é denominada por Chaves (2001, p. 37) como “intimidade não íntima”; ou seja, os “ficantes” podem se tocar intensamente, compartilharem carinhos e até trocarem confidências num certo clima de cumplicidade, porém, não há no “ficar” o vínculo em relação ao afeto e à confiança que leva à “entrega interior”, pois nessa forma de relacionamento não há espaço para sentimentos profundos; apenas os relacionamentos marcados pelo amor usufruem desse status e, por isso mesmo, por significar algo mais profundo e requerer investimento, não faz parte dos relacionamentos breves da atualidade, não o amor romântico.

No momento atual, o amor romântico está se tornando obsoleto; representando o que é durável, perene, está sendo substituído por uma forma de amor mais plástica, identificada com o modo de vida atual. Os relacionamentos hoje são eternos enquanto duram, quando não há mais prazer na relação, desfaz-se o vínculo. A forma de amor identificada com esta época é o amor confluyente, o qual se baseia no igualitarismo entre homem e mulher e na mútua satisfação de ambas as partes.

“FICAR” COM UM AMIGO OU AMIGA OU COM QUEM JÁ VIVEU UM ROMANCE

Há também quem prefira “ficar” com um amig@: “porque me dou melhor com uma amiga do que com uma pessoa que acabo de conhecer”; “porque com um amigo é mais fácil de ficar, pois com ele você tem mais segurança”; “prefiro ‘ficar’ com pessoas que já conheço que podem ser apenas amigos ou ex-namorado”; “porque o meu namorado era um dos meus amigos”; “porque aproveita o que não aproveitou das outras vezes”; “com o ‘ex’ é melhor, já sabemos o jeito dele e não corremos o risco de nos decepcionarmos, fica melhor se ainda gostamos dele”.

“Ficar” com amig@ ou com quem já viveu um romance pode transmitir a sensação de segurança principalmente entre aqueles que são tímidos e receiam serem rejeitados; também pode significar uma oportunidade de estar mais uma vez com alguém a quem se está ainda ligado afetivamente, no caso do “ficante” ser um ex-namorado. Amigo ou ex-namorado pode representar a chance de iniciar ou até mesmo reiniciar um namoro, no caso do ‘ex’. Se um dos dois ou ambos, estiverem

interessados ou apaixonados, o “ficar” terá como finalidade o acesso ao objeto desejado. Os casais que hoje namoram, boa parte deles iniciou este relacionamento a partir do “ficar” e tendo anteriormente uma relação de amizade.

Para Chaves (2001), o “ficar” entre amigos pode ocorrer e ser uma experiência boa ou não, às vezes surge a partir do interesse de um pelo outro ou dos dois. Nesse caso, esse relacionamento vai aproximá-los para que através do contato físico eles possam avaliar se vale a pena somente enquanto experiência ou se a partir daí, poderão se buscar para outros “ficas”. Segundo a autora, caso se tenha “ficado com” amigo, depois a amizade pode se tornar mais intensa, tornar-se mais estreita, mas também é possível que procurem se relacionar em seguida como se não tivesse havido nada entre eles, por se sentirem constrangidos. Às vezes, por não conseguirem voltar ao comportamento espontâneo de antes, acabam se afastando por um tempo.

O “ficar” para os adolescentes hoje, caracteriza-se como a experiência considerada por eles como a primeira etapa necessária que antecede o namoro. Marca o início da relação afetiva e/ ou sexual num período em que buscam esta experiência através da afetividade e do contato corporal. Essa forma de pensar acerca do “ficar” corrobora com a visão desse relacionamento enquanto a etapa necessária ou a experiência anterior ao relacionamento mais duradouro que envolve e requer uma maior maturidade do jovem.

Tal como ocorre quando se “fica” com amigo, no “ficar” com um ex-namorado, há uma confiança maior com relação à troca de carícias, principalmente no caso da garota, ela geralmente espera que em se tratando de um amigo ou de um ex-namorado, eles não saiam por aí comentando o que houve durante o “fica”. Para a maioria das garotas, esse é um ponto de fundamental importância, pois têm muito receio de comprometerem a sua reputação e ficarem “faladas”, tidas como “garotas fáceis”. Por isso, às vezes procuram evitar ter como “ficantes” aqueles que saem falando de outras garotas e contando vantagem, “se achando”. E também aqueles com quem não tenham tido nenhum vínculo. Em se tratando de um ex-namorado, pode também representar a chance para um recomeço do antigo relacionamento, se ainda sentir algo por ele, esta é uma oportunidade para uma reaproximação.

De acordo com Rieth, (2002), uma outra vantagem considerada por elas em relação a “ficar com ex-namorados”, consiste mais uma vez na crença por parte delas de que esses jovens se protegem, usam preservativos quando fazem sexo

com outras garotas, e, portanto, “ficando” com eles não há risco de se contrair DST ou AIDS. “Ficar” com quem se conhece e ainda mais sendo um ex-namorado implica na revivescência do afeto, do desejo, aliados ao sentimento de se estar em segurança, ou seja, a confiança que depositam nos parceiros faz com que os “ficantes” sintam-se em segurança no que se refere à prática do sexo.

4.8 RESTRIÇÕES DE ALGUMAS GAROTAS EM RELAÇÃO AO “FICAR”

As garotas que estão namorando já há algum tempo, às vezes até um namoro estável, de longo tempo, assumem por vezes uma atitude crítica, principalmente, em relação às demais que praticam o “ficar” com frequência, as quais, são vistas como vulgares e, comentários são tecidos sobre elas. Além de beijos e abraços, dizem aquelas que estão a namorar: rolam outras coisas, isto é, praticam a relação sexual, não são mais virgens. De acordo com a visão destas adolescentes, aquelas garotas não se valorizam e não têm respeito aos outros, pois saem com qualquer homem sem se importar que eles sejam casados ou não.

A esse respeito Justo (2005, p. 73) busca estabelecer uma relação entre o “ficar”, devido ao seu caráter breve e descomprometido, e as antigas relações do passado que, à semelhança desse relacionamento amoroso, também se expressavam através da brevidade e do descompromisso. Assim, nessa ótica, o “ficar” favorece a que certas relações estabelecidas antigamente sejam reeditadas na atualidade, assim como as garotas antigamente cediam aos avanços dos rapazes, hoje também algumas garotas cedem e praticam relação sexual durante o “ficar”, apesar da discriminação existente ainda, inclusive por parte dos próprios rapazes, o que revela as desigualdades nas relações de gênero, através da opressão, dominação e submissão da mulher na sua condição feminina. Entretanto, apesar do reconhecimento da discriminação em relação à mulher no que se refere à sua sexualidade, ainda existente no momento presente, Justo (2005, p. 74) reconhece a diferença entre as práticas do passado e as atuais:

A grande diferença é que o “ficar” é aceito socialmente, e até valorizado entre os adolescentes, não acarretando, portanto, a vergonha, a busca do anonimato e a discriminação social, pelo menos no grau em que ocorria com as meninas desonradas de outrora.

Hoje o jovem convive com a abertura em relação às questões que se referem ao sexual. Formas de pensar e de se comportar em relação ao tema, atualmente, seria inconcebível num passado já distante. Da mesma maneira, tentar transpor por analogia formas arcaicas de comportamento sexual para o momento atual, seria incorrer em um contrassenso, ou, não considerar a historicidade de cada situação. Em relação a este código de relacionamento observa-se neste momento histórico uma aceitação social e uma valorização por parte dos jovens, que em grande número utiliza este código de relacionamento como uma primeira forma de aproximação e contato com o outro sexo.

De acordo com Louro (2008, p. 20-21):

[...] O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social. É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Desde sempre buscou-se justificar as relações de poder entre homem e mulher estruturando-se na naturalização que explica as distinções exclusivamente a partir do biológico. Sem desconsiderar o sexo anatômico, o fisiológico, as desigualdades nas relações de gênero acentuam as diferenças entre homens e mulheres cultivadas historicamente. Atualmente, apesar de todas as conquistas empreendidas, persistem algumas estereotipias de gênero, a mulher ainda necessita lutar continuamente para vencer os preconceitos e o estigma de que ainda é vítima sobretudo nos relacionamentos de ordem afetiva e sexual. As diferenças existem e, como diz Louro, elas ocorrem não apenas em relação aos homens mas, no que diz respeito às mulheres entre si, em decorrência da posição social, da etnia, e de outros fatores que favorecem o seu surgimento. A autora (2008) ainda faz referência às diferenças e às desigualdades no sentido de que estas são instituídas e

nomeadas por meio das estratégias de poder. Estas diferenças implicam em que existe uma referência, ou seja, os homens que devem ser tomados como norma em relação aos demais gêneros.

4.9 A RELAÇÃO SEXUAL NO “FICAR”

A respeito da relação sexual durante o “ficar”, no questionário alguns responderam afirmativamente sobre já terem vivido essa situação no que diz respeito a este código de relacionamento, enquanto muitos afirmaram que não. Alguns adolescentes admitem praticar relação sexual durante o “ficar”, porém mesmo sendo uma realidade entre eles, há aqueles que o dizem pelo desejo de impressionar, de causar impacto e se auto-afirmarem perante as pessoas com as quais convive, pois apesar da relação sexual não deixar de estar presente no “ficar”, o que ocorre, em alguns casos, é a inexperiência aliada ao desejo e à expectativa em relação à prática do sexo. Isto no caso dos garotos; com relação às garotas, verifica-se um comportamento no sentido de dissimular ou negar este tipo de prática sexual.

Com relação aos grupos de discussão, sobre relações sexuais a maioria dos garotos afirmou já haver praticado sexo através das seguintes respostas:

Grupo masculino: R,16 *já. J,15 já. D,17 já, só não J. não minta, não! J,15 não, eu sou realista, não vou dizer que eu fiz sem ter feito só pra me exhibir. D,17 De todas as relações, de casamento, noivado, namoro, primeiro tem de vir o “fica” H,17 você ficando você vai ver se aquela pessoa realmente é interessante pra você [...].*

Mais adiante, acrescentam:

R,16 *Tem mulher que não tão nem querendo nada; vai aprendendo uma coisa aqui outra ali, no final a gente já tá com um bocado de experiência. Procura se informar assim, como se prevenir. H,17 você vai ver revistas, esse tipo de revista pornográfica e aí você vai assistir um filme e aí quando chega lá, você já tá sabendo de tudo (um dos garotos fica encabulado). Com os filmes, você vai mais confiante, né? você tem amigos com idade mais elevada que tem mais experiência, você vai conversando com ele, D,17 na família mesmo: um pai, uma mãe, um irmão... ele vai dizendo as coisas...*

Grupo feminino: *Não...* (grupo).

Nos grupos, ocorre a repetição do que houve no questionário: os garotos afirmam já praticarem relação sexual na tentativa de se autoafirmarem perante os colegas, porém, no caso do grupo, um deles passou por constrangimento ao ser questionado por um colega. Afirmam também as fontes de informação através das quais adquirem conhecimento sobre a forma de realizarem o ato sexual. Quanto ao grupo feminino, o processo também se repete, negando, usando de subterfúgios ou silenciando.

Observa-se mais uma vez de forma contraditória no que se refere a esta forma de relacionamento, a reprodução de antigos papéis de gênero, em que no passado, cabia ao homem, através de uma relação de poder, envaidecer-se com relação à prática do sexo, e à mulher, dissimular o seu comportamento em relação à sexualidade, muitas vezes por receio de discriminação ou preconceitos. Entretanto, em uma de suas proposições sobre o poder, afirma Foucault (2007, p. 105-106): “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Segundo este autor, “as resistências existem no campo estratégico das relações de poder através de uma multiplicidade de pontos”. É por meio da resistência ao poder que os grupos subordinados ou oprimidos, como o que é representado pela mulher, vai conquistando seus espaços à medida que empreende as suas reivindicações e se esforça por vencer os obstáculos; é através das estratégias de poder que essas relações se reforçam ou são negociadas.

As relações de poder entre homem e mulher suscitam a questão da desigualdade. Nas palavras de Louro (2007, p. 15), “Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana, e, cristão, e, essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada”. Dessa forma, tomando como base essa norma, a mulher é “representada” segundo Louro (2007, p. 16), “como o segundo sexo”. Porém, se a resistência feminina é exercida de diversas formas, observam-se também as perdas masculinas em relação ao papel que o homem exerce na sociedade frente a outros sujeitos sociais, entre as relações de poder.

4.10 A IMPORTÂNCIA DO AMIGO OU DO GRUPO DE AMIGOS

Sobre a quem procura para fazer confidências, mais da metade desses adolescentes afirmaram através do questionário que procuram os amigos para confidenciar sobre os seus problemas mais íntimos e afetivos. O amigo ou a amiga são os seus confidentes, conselheiros, orientadores, aqueles a quem procuram nos momentos difíceis, às vezes em busca da resolução para algo que nenhum dos dois tem conhecimento ou está preparado para resolver.

Ratificando mais uma vez a influência do amigo ou do grupo de amigos, alguns desses adolescentes disseram que procuram o grupo de amig@s para conversar sobre assuntos que envolvem a sua intimidade. Num outro momento, revelaram, que muitos deles costumam adotar esta atitude. O pai e a mãe são procurados por apenas um número reduzido; são poucos os que procuram apenas o pai, e aqueles que procuram apenas a mãe, são ainda também, um número reduzido de adolescentes.

Indagados sobre o porquê desta atitude, disseram: “O grupo de amigos desenrola o que falo e diz para o ‘ficante’ depois”; “porque elas são da mesma idade e me sinto mais à vontade para desabafar”; “porque me sinto mais seguro e não tenho vergonha”; “porque eles vão me dar conselhos”; “ele conta os problemas dele e eu conto os meus”; “sinto-me mais à vontade com ela”; “porque não vai contar para ninguém”; “porque eu confio nela e tenho vergonha dos outros”; “É mais confiável”; “porque ela sempre me entende”; “tenho confiança, é uma pessoa com quem já tenho uma convivência muito grande”; “porque eles sabem também o que é isso e me entendem melhor”; “confio na minha amiga assim como ela confia em mim, é muito melhor do que desabafar com pai ou mãe”; “porque assim tenho mais coragem de desabafar” “pois sinto-me mais à vontade com minhas amigas”; “me sinto bem conversando com a minha melhor amiga”.

Por tudo o que expressaram através dos seus posicionamentos, percebe-se que se sentem compreendidos e mais à vontade para desabafar ou trocar confidências com alguém da sua faixa etária por compartilharem dos mesmos tipos de experiências e por isso mesmo se sentirem confiantes e em segurança, o que os deixa desinibidos, sem constrangimentos diante do outro quando desejam desabafar, colher opiniões ou revelar as suas ansiedades e/ ou angústias. Além do mais, entre seus pares, compartilham das inseguranças, dúvidas e expectativas decorrentes das suas vivências em comum. O amig@ transmite a convicção de que necessita para revelar o que @ aflige ou lhe causa apreensão, principalmente

quando o assunto se refere à área amorosa ou sexual. Os amigos fazem a sua “cabeça”: aconselham, orientam, ficam do seu lado incondicionalmente, nesses momentos. Dividem os problemas desabafando um com o outro e dessa forma o amigo representa o apoio, a sustentação, aquele que não julga, não recrimina, não exige nada em troca a não ser correspondência de amizade. É fiel e discreto, preservando para si o que para o outro é considerado digno de sigilo. Devido a uma convivência intensa os amigos se conhecem e entendem melhor um ao outro.

O pai ou a mãe representam também aquele adulto que vive num mundo diferente do seu e que poderá não lhe compreender tão bem. Além do mais, representam figuras de autoridade e, enquanto tal, poderão censurá-los e diante do seu modo de agir, confrontá-los e tornar possível a colocação de limites diante de certas atitudes suas. Em síntese, parece que o adolescente, além de não se sentir compreendido como gostaria pelos pais, ainda teme a punição.

De acordo com Palácios (2004), existe uma reciprocidade nestas relações de amizade, as quais, se caracterizam pelo apoio e ajuda mútua; a intimidade entre amigos aumenta consideravelmente, de tal forma que as “amizades íntimas” passarão a serem abordadas como algo peculiar a esse período de vida.

Nas palavras de Palácios (2004, p. 357-358):

Os amigos íntimos compartilham pensamentos, sentimentos, expectativas de futuro, conhecem as preocupações do outro e se apóiam mutuamente. Essas relações costumam ser estabelecidas com pessoas do mesmo sexo, e ainda que ocorram tanto entre meninos como entre meninas, no geral, as amizades íntimas das meninas são mais precoces e mais intensas do que as dos meninos, que são um pouco mais relutantes em dividir seus sentimentos e mais voltados para a realização ou planejamento de atividades conjuntas.

As amizades com os iguais consistem em uma experiência rica que lhes propiciam ganhos e vários benefícios. Dentre eles, poder-se-ia citar, por exemplo, o apoio emocional nas dificuldades ou situações difíceis, além de poder trocar informações sobre si mesmos, sobre determinados assuntos, tais como: sexualidade, relacionamentos afetivos, além de outros. Assim, sentem-se compreendidos e buscam conforto entre os seus pares, pois compartilham de idéias, de experiências comuns, ajudam-se mutuamente num momento em que família e escola, apenas, são insuficientes para atender ou satisfazer os seus questionamentos e indagações. O grupo de iguais assume um papel tão importante

quanto a família, ajudando-os a diferenciarem-se do adulto e das normas estabelecidas por eles.

No “ficar”, a figura do amigo é de fundamental importância. Ele assume, muitas vezes, o papel de intermediário ou alcoviteiro¹⁶. Assim, se o outro é tímido, tem dificuldade em se aproximar e tomar a iniciativa, ele leva os recados, fala pelo outro; da mesma forma, segundo os garotos, a menina que não se aproxima para não ser julgada como “fácil ou oferecida” (grifo meu), também manda recado por uma amiga. Sempre existe alguma amiga ou amigo querendo ajeitar¹⁷. Mas, se o amigo assume esse papel facilitador no relacionamento amoroso, costuma ocorrer com frequência, especialmente entre os garotos, a competição sobre a quantidade de garotas com as quais conseguiram “ficar” a cada ocasião. Tal competição poderia constituir-se em algo que poderia enfraquecer a amizade entre eles; mas, depois daquele momento, tudo volta a ser como antes, a amizade permanece a mesma. Juntos, irão comentar descontraidamente sobre os acontecimentos daquela ocasião.

Por vezes, o grupo também pressiona e chantageia, quando tenta impor ao amigo um “fica” com uma garota que ele não deseja “ficar”, por ela ser feia, por não sentir atração por ela, ou simplesmente por não estar ‘a fim’. Se não fizer o que querem com relação a “ficar” com uma garota feia, para que depois seja objeto de brincadeiras e zombarias, sofrerá ameaças, que geralmente são no sentido de deixar o jovem em situação difícil, que possa vir a provocar-lhe constrangimento, tipo, divulgar na Internet através de orkut, notícias falsas sobre a sua orientação sexual, de modo a envergonhá-lo e a desacreditá-lo junto às garotas do seu meio social. Esse fato acontece com frequência entre grupos masculinos. Alguns dos jovens pressionados não se deixam intimidar e agem de acordo com o seu desejo, resolvendo assumir o risco.

A respeito da pressão dos amigos, diz Palácios (2004, p. 359):

Quando se fala em pressão dos companheiros, há uma tendência a considerá-la negativa e voltada para buscar o comprometimento dos adolescentes em condutas anti-sociais; no entanto, são muitas as ocasiões em que a pressão é neutra e inclusive positiva; pensemos,

¹⁶ Alcovitar: 1. servir a (alguém) de intermediário em relações amorosas. 2. intrigar; mexericar. *T. d. e i* 3. Inculcar, servindo de alcoviteiro. *Int.* 4. Servir de alcoviteiro. 5. Fazer intriga; intrigar, enredar, mexericar. (FERREIRA, 1986).

¹⁷ Ajeitar no que se refere a relacionamentos amorosos significa fazer as vezes de alcoviteiro, intermediário, de leva-e-traz.

por exemplo, naquelas situações em que os companheiros procuram evitar condutas indesejáveis por parte de algum amigo.

Apesar da pressão exercida por vezes entre eles, no geral o que se observa é uma forte ligação que une o jovem ao amigo ou ao grupo de amigos com o qual se identifica melhor. O grupo de amigos desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento do adolescente. Exerce influência no sentido da sua sociabilidade e da construção da sua identidade. Estando em grupo sente-se mais forte e em segurança. De acordo com Palácios (2004), o grupo contribui para tornar a vida do jovem mais rica, através do apoio emocional e também de outras formas de companheirismo nas questões de ordem prática. A título de ilustração, por exemplo, nas questões que envolvem o comportamento em relação ao sexo e à sua prevenção.

4.11 OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E A PREVENÇÃO

Sobre métodos contraceptivos, muitos confirmaram que ainda há entre os adolescentes quem desconheça o que significa métodos contraceptivos enquanto poucos apenas discordaram. Porém, ao se falar a respeito de prevenção, estes adolescentes demonstram familiaridade com o assunto e dizem inclusive terem acesso e fazerem uso habitual de preservativos como a camisinha. Já as garotas dizem conhecer tais métodos de ouvir falar através da mídia, das informações obtidas através dos conteúdos de aulas e também através de conversas com as amigas ou colegas. Entre elas, menciona-se essencialmente a pílula anticoncepcional e a camisinha. Onde conclui-se que o que ocorre é o desconhecimento em relação à expressão “métodos contraceptivos”.

Sobre a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) ou à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que também está incluída entre as (DST), foi quase unânime a confirmação de que é importante a sua prevenção.

Justificaram as suas respostas, afirmando: “Outros colegas falam que incomoda, mas a vacina ainda não foi desenvolvida, então, o melhor é se prevenir”; “porque ninguém quer pegar uma doença grave e temos a consciência que prevenção é o melhor remédio”; “para nos alertar e para que diminuam o número de pessoas doentes”; “pois a prevenção evitará alguma contaminação”; “se não houver prevenção todos pegarão doenças”; “para não contrair doenças”; “para não perder a

vida por causa de uma transa”; “as pessoas tem que se prevenir, né? vai ficar contaminado só por causa de um “fica?” E ainda: “para não ter complicações no futuro”; “porque é muito importante prevenir essas doenças”; “com a prevenção, o risco de acontecer estes tipos de doenças sexuais será bem menor”; “pois temos que pensar também em nossa saúde”; “caso role sexo”; “porque as DSTs estão aumentando cada vez mais”; “claro, senão não daríamos tanta importância, é uma doença nada legal, tem que se ligar, ficar atento”; “para não ficar doente e poder praticar cada vez mais”; “é muito importante, pois evita a gravidez indesejada e várias DSTs”; “mesmo que você ame aquela pessoa é importante a prevenção”.

Sobre métodos contraceptivos e prevenção, de acordo com o Grupo de Discussão:

Grupo masculino: **Sobre as dúvidas.** R,16 *Eu acho que não, minha mãe me alerta muito, sempre quando saio de casa ela coloca no meu bolso um preservativo...* D,17 *os pais da gente se responsabilizarem, para não ter um peso na consciência.* H,17 *depois, tem a palestra, não sei quê, a TV mesmo... é muito diferente, você pode ter visto em muitos canto mas quando vai fazer é muito diferente. Já aconteceu de numa ocasião, surgir a oportunidade de vocês ficarem com uma menina e vocês estarem sem camisinha, e aí?* D,17 *Prá isso servem os amigos.* A,15 *Deixa pro outro dia.* R,15 *Tem gente que não liga não! Não tendo camisinha faz assim mesmo.* H,17 *quando o cara tá muito tempo sem relação... às vezes você tá “seco”, na linguagem popular, o cara tá “seco” e aí, faz... quando tá perto de liberar o esperma aí você tira... não é bom você fazer dessa forma porque você vai ficar fazendo uma coisa e vai ficar se preocupando de chegar aquela hora e você não conseguir tirar...* D,17 *quando eu fui fazer eu era virgem, aí, o cara doido pra ir... a primeira vez foi num “fica”, eu comecei esse negócio na... eu acho que eu fiz só isso porque a primeira vez que eu fiz, eu era virgem e aí o cara doido prá... aí eu fiz assim mesmo.*

Grupo feminino: A,16 *Eu presto atenção se ele é limpinho... agora tem aqueles favelado vei com as unhas tudo assim, ave Maria, eu tenho medo... tenho muito medo de doença; principalmente na boca, alguma doença na boca assim... Eu nunca “fiquei” com aquele menino sem eu conhecer, porque tem... a doença, eu tenho medo de doença, eu olho logo as unhas.*

Quase todos concordaram que é fundamental a prevenção, esta é compreendida em relação à doença, associada ao receio de contrair DST ou AIDS, à possibilidade da morte; é vista como um alerta para que se cuidem e este cuidado para eles é fundamental para que se possa praticar o sexo com frequência.

Entre as DST, a AIDS propaga-se em meio à ansiedade decorrente da sua significação simbólica e das mudanças na vida sexual dos indivíduos. De acordo com Viegas-Pereira (2000, p. 1):

[...] Os adolescentes apresentam-se muito vulneráveis ao vírus HIV por estarem iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo, por ser comum entre eles as relações sexuais ocasionais e por apresentarem particularidades ao processo afetivo, amoroso e sexual – “ficar”, namorar, transar – que influenciam na decisão pelo comportamento preventivo.

O número de parceir@s sexuais, o envolvimento em situações em que as relações sexuais ocorrem sem quaisquer proteção, a questão de gênero que se encontra circunscrita à cultura brasileira, e a vulnerabilidade devido à forma como se processam as relações sexuais entre eles, de forma esporádica, deixa-os em situação de risco. Vale salientar também que nos relacionamentos em que há vínculo amoroso, os adolescentes tendem a não usar preservativo. Além disso, o uso de drogas injetáveis também contribui para que o indivíduo contraia o vírus HIV. Estes são os fatores que contribuem para que este grupo etário constitua-se em um grupo de risco e sobretudo as garotas serem as mais infectadas por esse vírus.

A iniciativa do uso do preservativo é sempre masculina. O não uso tem como justificativa o fato de que os garotos não gostam de usar camisinha ou também porque não querem interromper a relação para colocar o preservativo; E ainda, por considerar que o outro é fiel na relação amorosa, nesse caso, a confiança no outro é determinante para o não uso deste preservativo.

De acordo com Rieth (2002, p. 80):

O uso da camisinha é frequente entre homens quando se trata de uma parceira eventual, em uma “ficada”, estando associado à classificação de ordem moral da jovem, considerada “perigosa”. Na relação de namoro, o não uso, entre os jovens, justifica-se pelo fato de conhecer o outro, aspecto que se coloca como método de prevenção de AIDS e DST. O uso do preservativo neste caso, é contestado “por cortar o clima”. [...] As jovens também alegam a distância que se estabelece entre o casal com o uso da camisinha. O não uso é tornado prova de fidelidade, regra a que eles observam.

Sobre as razões que poderiam levar o jovem a negligenciar a prevenção, mesmo estando informado sobre ela, muitos afirmaram que é possível assumir uma atitude de despreocupação quanto à prevenção por pensar que “nada de mal irá lhe acontecer”, alguns responderam, “por atitude de indiferença em relação à saúde”, e outros disseram: “porque os jovens são desleixados e não se lembram na hora H”.

Essas respostas refletem um tipo de postura entre eles que se baseia na concepção de que a AIDS parece ser encarada como a doença do outro, como algo que está muito distante de si. A prática do sexo desprotegido expressa uma atitude de indiferença ou até mesmo de onipotência e leva o adolescente a comportar-se com destemor pelo perigo, nada se constituindo em risco para o seu bem-estar ou a sua saúde.

Os adolescentes costumam utilizar preservativo ao manter relações sexuais com alguém que não conheça ou que seja considerada não confiável, que represente o perigo. Entre aqueles que se conhecem ou que estejam namorando, o uso da camisinha segundo eles , interfere no prazer sexual.

Sobre a percepção dos fatores de risco, Viegas-Pereira (2000, p. 6) os classifica em: “conhecimento da doença; proximidade com DST/ AIDS; perspectiva da morte e onipotência e sentimento de invulnerabilidade”. A autora parte do pressuposto de que a maioria das pessoas sabem sobre a AIDS e que uma das vias de contaminação é através da relação sexual, conhecer alguém que a tenha contraído. Esta proximidade, segundo ela, poderá levar a uma banalização da doença, resultando num descrédito às formas preventivas. A perspectiva da morte poderá levar o indivíduo a superdimensionar esta síndrome ou não lhe atribuir muita importância; finalmente, o sentimento de onipotência entre os adolescentes leva à percepção da AIDS como algo distante, podendo atingir ao outro e não à sua pessoa.

4.12 A INICIATIVA NO “FICAR”

Esta categoria foi abordada apenas com os grupos de discussão e foram discutidos os seguintes posicionamentos:

Grupo masculino: ***Vocês como rapazes bem sucedidos, como é que vocês fazem assim, para ganhar a menina?*** R,16 *vai depender...* D,17 *depende da*

conversa, tem uma que vai chegando já mete um beijo nela, já “fica”...se ela quer, tá a fim da gente... R,16 Chega um outro e vai conversar com ela e ela já vai. H,17 Tem duas meninas e aí um cara vai passando e aí uma delas diz: pergunta praquela menino ali se ele quer me conhecer? o cara pega e vai. **Como é que vocês veem isso?** D,17 Normal, depende da conversa, da relação, R,16 vai depender do papo, da conversa, da dança; D,17 se ela quer... tá a fim da gente... chega um outro vai conversar com ela e ela já sabe. Mas também tem o cara que quer “ficar” com uma mulher só prá “ficar”. Às vezes. pergunte o nome desse cara, quem ele é... H,17 É difícil um homem resistir a uma mulher quando ela tá a fim. **Quer dizer que vocês não sabem dizer não?** A,15 Manda um recado, tal. H,17 Normal, a mulher tomar a iniciativa. **Já disseram não a uma menina?** R,16 Ela não chega, manda recado. D,17 Acho que ela pensa: não, posso levar um fora. R,16 Manda recado por uma amiga, um amigo, a gente diz: não, hoje não, outro dia pra ela chegar; D,17 acho que tem medo de levar um fora. Acho que ela deve pensar: é muita cara de pau. Ela manda um recado e a pessoa diz: não, deixe prá outro dia... H,17 ei, me apresente àquela menina? Diz a ela que eu quero conversar com ela... já sabe que é pra “ficar”, não vai dizer que quer “ficar”, quando diz que quer conversar, já sabe que é pra “ficar”. Começa a conversar, dá aquela alisada... Na festa é diferente: você começa a dançar e vai cochichando no ouvido R,15 e dá um cheirinho no ouvidinho, D,17 procurando se informar mais da pessoa... rola um carinho, passa a mão nas partes íntimas da pessoa... H,17 vai baixando a mão pro corpo...

Grupo feminino: R,17 mas que existe, existe! C,15 Uma amiga minha tá ajeitando um menino.. e pergunta: você quer ficar com ele? Mesmo eu querendo, eu não digo nem sim nem não. Eu fico naquele enrolado: ah! Eu não sei não. A,16 tem aqueles meninos gabola e diz assim: eita! eu pego ela na hora que eu quiser. agora, imagine aí, você chegar: ei, quero ficar com você! me dá um beijo?! C,15 sempre tem aquela alcuviteira assim: ei, ele quer ficar contigo?! se ela fica perguntando: ei, quer ficar com aquele menino? Eu não respondo de jeito nenhum. É melhor ajeitar do que levar um fora... Ficam perguntando se o rapaz quer ficar com você. Tem aqueles meninos gabolas e diz assim: eu pego ela na hora que eu quiser, eu acho isso horrível! É muito feio pra uma mulher! Mesmo eu querendo eu digo que não sei. **Tem aquelas meninas que mandam recadinhos por uma amiga:** A,16 é, é verdade. C,15 (riso) essa é a melhor técnica. **E entre a meninas feias e as meninas bonitas**

quem tem mais sucesso? V,16 as bonitas, é claro! A,16 um menino agora, pode ser um feio, banguela, só quer meninas bonitas. Ele chega, quer ficar com você, pronto! se ela não quiser não quer nem saber de nada. C,15 as feia, eles só querem... eu acho, na minha opinião, que as meninas feia eles só querem pra... as bonita, vai mais devagar, né?

De acordo com Chaves (2001, p. 39), geralmente o homem é quem toma a iniciativa. Inicia-se com a troca de olhares, a conversa, carinhos, e então, de repente, estão “ficando”. Para a autora, “a sedução que existe antes dos sujeitos “ficarem” é estimulante. No “ficar com” os sujeitos são “bonzinhos”, falam coisas bonitas, mostram um lado mais sedutor, sensual, charmoso”. A conversa é fundamental, um papo legal, vai depender do papo, da conversa, da dança; às vezes ser ousado, chegar já beijando também pode dar certo. Na festa, o garoto é mais ousado: durante a dança procura seduzir a garota lançando mão de diversos recursos: a dança, falar baixinho ao ouvido dela enquanto estão a dançar, as carícias. Também há quem utilize um intermediário e envie recados para a garota, ou aqueles que numa festa necessitam beber um pouco para se encorajar a chegar junto dela. Quanto a elas, as mais ousadas enviam recado por uma amiga ou amigo, porque ir pessoalmente até o garoto, isso elas não fazem.

De acordo com Foucault (2007, p. 117), “para o dispositivo de sexualidade o que é pertinente são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam”.

Nessa forma de relacionamento amoroso, importa o que se refere ao corpóreo. Sempre identificada com este, no “ficar”, busca-se a satisfação do desejo por meio do prazer obtido através das sensações emanadas pelo contato corporal. Os carinhos, as carícias desempenham uma importante função no encontro entre os corpos, em que o olhar, a conversa, ou seja, a sedução, aproximam aqueles que não se amam, mas, se buscam pela atração física, pelo desejo.

Porém por meio da iniciativa no “ficar” percebe-se também de forma flagrante a discrepância existente entre o ser homem e o ser mulher: ser homem implica numa série de atitudes as quais compõem um comportamento típico daquele que é habituado a tomar as iniciativas, a estar no comando das situações sobretudo no plano amoroso ou sexual e afetivo. O garoto pode chegar até a garota e beijá-la como forma de sedução e conquista, ele também pode chegar a se aproximar de

diversas outras formas, que poderá ser aceito sem discriminação. Poderá disputá-la com outros, ser infiel, pois a sociedade ainda espera e compreende que ele assim proceda. Cabe à mulher ser fiel, ainda procurar manter-se virgem, não cometer deslizes que venham a comprometer a sua reputação. A garota “fica”, mas deve tomar cuidado quanto à forma de se conduzir em seus relacionamentos amorosos. Pois para ela, as consequências não são agradáveis, resultam no estigma. Assim, de certa maneira é justificável a dissimulação no comportamento feminino e a afirmação e desenvoltura do comportamento masculino quanto a estas questões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar a compreensão da sexualidade adolescente na contemporaneidade, por meio do código de relacionamento amoroso denominado “ficar”, propus-me abordá-la em suas diversas proposições discursivas, a partir da época medieval. O que ocorreu desde essa época até os dias de hoje sobre o sexo seria explicável apenas sob a perspectiva da sua repressão? Quais seriam os discursos marcantes sobre o tema? Qual seria o lugar destinado ao corpo desde essa época até os dias atuais?

É sabido que o sexo, através do tempo, foi motivo de culpa, de recriminação; o que é corpóreo foi posto durante muito tempo à margem, em segundo plano. Corpo e alma não podiam, em relação ao sexo, serem vistos de forma integrada e harmônica na sociedade ocidental. Estas foram questões que influenciaram o pensamento cristão. Como afirma Foucault (1988), o cristianismo antigo, através de procedimentos vários, tentou fazer com que detestássemos o corpo, porém sendo mal sucedido nesse intento.

Essa filosofia de cunho moral, ao mesmo tempo em que serviu à opressão, também exerceu enorme influência sobre os costumes, os valores e a moral que orientou o ser humano em seu viver durante séculos e, ainda nos dias de hoje, apesar de um discurso conservador, porém adaptado à realidade atual, e da enorme perda de influência junto aos católicos, a igreja ainda é ouvida e considerada, e a culpa, protagonizada por ela, ainda se encontra subjacente a seus posicionamentos sobre o tema e a posturas aparentemente liberais em relação ao sexo. A forma como a igreja, através de Agostinho, concebia a mulher, a criança e o homossexual, estende-se até o final dos séculos XVIII e início do século XIX, quando a partir de então, a visão do sexo enquanto pecado, cede, aos poucos, a uma concepção racional.

Sob a influência do positivismo, a ciência busca, sobretudo no século XIX, explicar a sexualidade em termos de saúde-doença, numa preocupação entre o normal e o anormal. Seria o período denominado por Foucault, como ciência sexual (1988). Nesse momento, o discurso sobre o sexo representa o poder e é exercido por especialistas. Através do cientificismo, controlam-se os indivíduos, disciplinando-os. Dessa forma, por meio de um deslocamento, a tecnologia da carne cede espaço à tecnologia do corpo ou do sexo. A curiosidade dos especialistas, a vontade de

saber, aliadas a um discurso de verdade sobre o sexo, acompanhados pelo controle disciplinar exercido através da vigilância, da supervisão, caracterizam esse período. A confissão mais do que nunca continua presente, desta feita, a ênfase recai sobre tudo o que envolve o sexual, a partir da utilização de um discurso racional.

Dessa forma, o saber coloca-se a serviço do poder no trato com as questões da sexualidade. O sexo admissível é representado pelo casal, encerrado no interior do quarto. Mais uma vez, os controles são exercidos de forma rigorosa em relação à sexualidade da mulher, da criança ou do adolescente e dos homossexuais.

O início do século XX viu surgir a adolescência, enquanto fase de desenvolvimento instituída pelo discurso dos especialistas. Demarcada em suas características por um discurso hegemônico representando o saber, mais uma vez, é possível constatar a curiosidade no sentido de detectar o discurso de verdade sobre a sexualidade adolescente. Ainda sob a influência do positivismo científico do século XIX, médicos, psicólogos e pedagogos descrevem-na como uma fase especial, um período crítico do desenvolvimento. Atentam para as modificações fisiológicas e psíquicas desse período, naturalizando-o. Dessa forma, tida como um período de inquietações, marcada por conflitos, a adolescência, que nem sempre existiu historicamente, foi institucionalizada através desse discurso que contribuiu no sentido de homogeneizar a imagem do adolescente favorecendo a preconceitos e a estigmas em relação ao jovem.

Nos anos 60, eclodem os movimentos sociais de conotação sexual, entre eles o da cultura jovem ou contracultura. A cultura de idade manifesta-se a cada geração, porém esse movimento da contracultura trazia em seu bojo questões como o desejo de liberdade de uma visão social que abordava o jovem como problemático, propenso a um comportamento antissocial e, por isso, tratado como indivíduo diferenciado – delinquente, infrator, transgressor, de acordo com a antiga acepção do termo, e, posteriormente, à medida que o discurso ia se atenuando, eles eram então os *playboys*, transviados, rebeldes sem causa, alienados, ou seja, desinformados. Através de um contradiscurso, os jovens demonstram toda a sua insatisfação. Chamam a atenção para si, para a sua capacidade de organização em grupos e para o poder desempenhado pela união desses grupos, a exemplo da sua participação no 8 de maio de 68, em Paris, e do engajamento político contra a ditadura militar nos anos 60 e 70 no Brasil. Os jovens buscam diferenciarem-se e transformarem os valores de então, buscam a liberdade sexual e o amor livre.

Após a década de 60, o discurso que os homogeneíza e torna a todos semelhantes, aos poucos vai se modificando, também contribui para essa mudança a crescente valorização do jovem que passa a ter voz e vez diante dos adultos. O capital agora, com ênfase no consumo, valoriza-o, e o marketing, através da mídia, investe naquele que aprecia o novo e assimila facilmente as novidades do mercado.

Além de ser o século das Guerras e das catástrofes, o século XX também será reconhecido como o período das descobertas científicas que terão o papel de revolucionar a forma de se conceber a vida e até mesmo a morte. As novas tecnologias reprodutivas, o prolongamento da vida humana ao retardar o envelhecimento, são algumas das suas conquistas. Também esse é um tempo de AIDS, a síndrome que surgiu servindo simultaneamente à discriminação e à solidariedade. Também representou o tempo em que a mulher, através de movimento social de conotação sexual, nos efervescentes anos 60, obtém para si visibilidade. Nesse momento, os controles do poder atuam com menos rigor e, assim, as mulheres buscam o reconhecimento de direitos que sempre lhes fora negado. As minorias almejam um espaço para si. Nesse momento, o dispositivo de sexualidade investe nas sexualidades, em sua diversidade.

Assim como as minorias, o movimento dos jovens também buscava uma maior abertura em relação ao sexual. Tais movimentos influenciaram os costumes em relação à sexualidade. Em decorrência de um conjunto complexo de fatores, a família já não era a mesma e o casamento já não tinha o mesmo status do início do século. Divórcios passam a acontecer com frequência, pessoas escolhem viver só, e a família em sua constituição, agora, passa a ser formada, cada vez com maior frequência, por mulher e filhos. Sobre os relacionamentos afetivos, novas composições passam a ocorrer. Novos arranjos amorosos entre os gêneros influenciaram no sentido de uma maior abertura ou flexibilidade nos relacionamentos afetivos; homem e mulher buscam novas maneiras de se relacionarem através de uniões informais, as relações sexuais já podem ocorrer antes do casamento. Passa a haver uma preocupação no sentido de se conhecer o outro melhor, intimamente. As uniões livres entre casais ou o “amor livre” e a “amizade colorida” vieram ao encontro dessa busca por liberdade sexual característica das décadas de 60 e 70 e representaram um marco para os relacionamentos amorosos da época, possibilitando condições propícias a mudanças nas manifestações amorosas. Esta

atmosfera de liberalidade no que se refere à forma de se conceber e vivenciar a sexualidade, também contribuiu para o surgimento do “ficar” nos anos 80.

Poderia se dizer que o “ficar” seria a reedição do “amor livre” no momento atual, ou seja, representaria aquela forma de relacionamento do passado, porém, devido ao tempo transcorrido, ao contexto histórico atual, se apresentaria em uma nova roupagem, condizente com o modo de vida da sociedade pós-moderna, todavia este código de relacionamento embora guarde semelhança com o “amor livre”, devido ao estar juntos sem formalidades e à variedade de parceiros, distingue-se deste devido à fugacidade da relação, à ausência de compromisso em relação ao parceiro e a não constituição do vínculo. Porém, não se pode deixar de reconhecer que as transformações nas relações amorosas, destacando-se por uma maior abertura, propiciando uma diversidade de formas de se vivenciar a sexualidade, foram em grande parte proporcionadas pelos tipos de relacionamentos amorosos daquele período mencionado anteriormente.

Observa-se que a sexualidade a cada época, em nossa cultura, é influenciada pelo poder através de suas inúmeras estratégias e, é exercida por meio de controles que a normatizam e a regulamentam. Ao buscar o que se repete a cada período, visualizamos o discurso-confissão sobre sexo que se mantém desde a Idade Média, sendo utilizado através do tempo como uma forma de encobrir, disfarçar, dissimular o que realmente está em pauta: o sexo. Vale salientar também o desempenho da ciência, a qual exerce uma função reguladora da sexualidade, fato que se manifesta desde o século XVIII e a cada dia, se mantém e se consolida.

Na sociedade contemporânea, a sexualidade é estimulada através do dispositivo de sexualidade que busca disseminar a diversidade sexual. Há um investimento intenso nos corpos, que mantém com este dispositivo uma estreita relação, evidenciam-se as sensações e os prazeres. Hoje, não existe uma única forma de se viver a sexualidade, embora ainda persista a idéia do permitido ou proibido associado à normalidade/ anormalidade, e as normas estejam constantemente a exigir posicionamentos nesse sentido. Observa-se uma maior abertura e liberalidade na vivência dos relacionamentos amorosos ou afetivos e sexuais. Um dos códigos de relacionamento tal como o “ficar” é vivido sem nenhum rigor e comprometimento.

O “ficar” é um código de relacionamento que se caracteriza essencialmente por sua ligação com o erótico, portanto tem como finalidade as sensações e os

prazeres. Nele, o sentimento inexistente, esta forma de relacionamento valoriza o que está interligado ao corpóreo. No “ficar”, o erotismo reina livre e soberano. Numa sociedade voltada para valores concretos, materiais, direcionada para o consumo, em que o corpo é explorado, erotizado, utilizado para finalidades diversas através das técnicas sofisticadas de marketing, que ganham espaços na mídia, seduzem o indivíduo, e o levam a desejar e a erotizar objetos, transformando-os em “fetiches”, é possível constatar o investimento do corpo pelo poder através da sexualidade.

Por meio desse código de relacionamento, o jovem valoriza o corpo, a beleza, a aparência física. A situação financeira também é levada em conta, principalmente pelas garotas: as roupas de marcas conhecidas, uma moto, o carro, fazem diferença no momento de “ficar” com alguém. Assim, o indivíduo além de influenciar, também é influenciado pelo ambiente numa troca constante. O que motiva essa forma de relacionamento é a atração física e o desejo em relação ao outro.

Os adolescentes têm expectativas diferentes em relação a essa forma de relacionamento. Em sua maioria, os garotos, ao “ficarem”, principalmente em festas, têm como intenção a prática do sexo. Veem o “ficar” como uma única vez, para eles, não há repetição ou sequência de encontros. Também as garotas insistem em que no “ficar” não há o afeto, trata-se de algo puramente físico, determinado pela atração de ambos os interessados. Porém, entre algumas delas, há uma expectativa de que aquele momento se transforme em namoro, o que poderá se confirmar ou não.

Verifica-se que esta forma de relacionamento afetivo independe do “ficar”, não sendo necessariamente uma decorrência do mesmo, porém, observa-se que o namoro a partir deste código de relacionamento ocorre entre a maioria deles, o que acontece por vezes, devido à atração que poderá levar ao interesse e à busca do outro; a internet poderá significar o apoio necessário para possíveis futuros encontros através de diversos recursos tais como o orkut, ou o MSN, entre outros. Ademais, a atração também poderá propiciar em outras oportunidades, a repetição dos encontros que aos poucos conduzem à expectativa e ao desejo de constituir um vínculo com @ “ficante”. A partir deste momento o indivíduo estará buscando o envolvimento, neste caso, o namoro e não mais o “ficar” irá de encontro à sua expectativa amorosa.

O “ficar” é prestigiado pelo jovem num momento de vida que não deseja o estabelecimento de vínculos, assim, constituindo um aprendizado por meio das

experiências vividas com o outro, favorecendo a maturidade do indivíduo nesse aspecto, porém, este código de relacionamento, também acentua ou aprofunda as desigualdades, favorecendo a discriminação. Especialmente, quando não se está de acordo com os padrões estéticos atuais, ou seja, entre o belo e o não belo; e também, entre o que dispõe de uma boa situação econômica e aquele que não dispõe, e, finalmente, entre o homem e a mulher.

O “ficar” é uma forma de relacionamento que faz emergir, de forma transparente, a questão do gênero: a ênfase na quantificação e variedade das “ficadas”, a frequência dos “ficas”; o discurso sobre sexualidade expresso pelos garotos em contraposição ao silêncio ou subterfúgios das garotas, numa evidente demonstração de resistência a falar sobre algo que preferem não expor. Devido aos cuidados com a sua imagem pessoal, preferem tratar essas questões de forma superficial e ambígua, de preferência, sem se colocarem.

Sendo assim, através da quantificação e da frequência das “ficadas”, os garotos competem entre si, pois estas práticas contribuem no sentido da sua auto-afirmação perante os seus pares e no meio em que vivem. Sentem-se orgulhosos e vaidosos ao exibirem o número de garotas com as quais “ficaram” durante uma festa. Para as garotas, uma revelação semelhante a esta é feita apenas a uma amiga íntima, ou, quando muito, a seu grupo de amigas. Tal fato para elas assume um outro significado. Temem por sua reputação. O receio de ser vista como fácil ou oferecida, ainda povoa a mente feminina. Assim, verifica-se que as relações de poder, as desigualdades, os estereótipos se fazem presentes em meio à liberalidade do sexo.

Observa-se entre os adolescentes um discurso em que o novo e o arcaico encontram-se presentes, revelando as contradições entre o que foi assimilado, mas, ainda não internalizado no indivíduo. Essa incoerência se reflete também por vezes, nas suas atitudes. O que está subjacente, quase na superfície, é o que muitas vezes termina prevalecendo. Durante os grupos de discussão, através de suas falas tive a oportunidade de constatar essas contradições em torno de questões que envolviam a sexualidade. Tais ambiguidades, refletem estereótipos. Atitudes, valores, já produzidos e repetidos ao longo do tempo, por um antigo discurso que de tão recorrente cristalizou-se vindo a se naturalizar, constituindo-se em norma a ser seguida.

O hierárquico e o atual se sobrepõem e conduzem a ambiguidades no discurso, na postura, e o que deveria ser um reflexo de igualdade e liberdade, acentua e aprofunda as desigualdades. O discurso liberal em desacordo com os valores hierárquicos subjacentes, no “ficar”, logo vêm à tona e se manifestam evidenciando um poder que controla, que regula, apesar de favorecer à estimulação, disseminação e à diversidade sexual. Assim, o “ficar” representa também um paradoxo devido às contradições e às ambiguidades que o compõem.

Dessa forma, conclui-se que o “ficar”, código de relacionamento entre os adolescentes, constitui-se como um relacionamento da atualidade a significar o novo, em sintonia com uma maior abertura para as questões que envolvem sexualidade, em consonância com o modo de vida da sociedade atual; porém, convive com a contradição expressa através de antigos valores que ainda fundamentam a visão da sexualidade entre garota e garoto, das diferentes apreensões sobre as questões sexuais.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- AZEVEDO, T. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Editora Ática, 1986. Ensaios 118.
- BAUER, M. W., GASKELL, G. (ED.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução João Bénard da Costa. 3. ed. Lisboa: Edições Antígona, 1988.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986. Coleção primeiros passos.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. **Educação profissional e tecnológica: legislação básica**. 6. ed. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2005.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; Teixeira, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.
- CARDOSO, F. L. **Inversões do papel de gênero: “drag queens”, travestis e transexualismo**. Psicologia: reflexão e crítica, 2005, 18(3), p. 421-430.
- CARDOSO, C. F. **Introdução: uma opinião sobre as representações sociais**. In: MALERBA, J.; CARDOSO, C. F. (Org.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. São Paulo: Papyrus, 2000.
- CASTELLO BRANCO, L. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. Coleção primeiros passos.

CATONNÉ, J-P. **A sexualidade ontem e hoje**. Tradução Michèle Íris Koralek. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Coleção Questões da Nossa Época; v. 40

CESAR, M. R. de A. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1998.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CHAVES, J. C. **“Ficar com”**: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2001.

CLAPIER-VALLADON, S. **As teorias da personalidade**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Universidade hoje)

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16)

COSTA, J. F **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992. Tradução de: Pouparlers, 1972-1990. Cap. V: Política. Controle e devir. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. p. 208-226.

DIAS, E. T. D. M. **Adolescência: entre o passado e o futuro, a experiência**. São Paulo, 2001, 199 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE SOUSA-PB. **Proposta pedagógica**. São Gonçalo, 2008.

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE SOUSA-PB. **Relatório gestor 2008**. Sousa, 2009.

ESTATUTO da criança e do adolescente. São Paulo: Atlas, 2000. 205p.

FERREIRA, A. B. de H. et all. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. 3. ed. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2008.

FREUD, S. **Fragmentos da análise de um caso de histeria; três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1972, v. VII (1901-1905).

_____. **O ego e o id; uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976, v. XIX (1923-1925).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. I.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. Série Pesquisa em Educação v. 10.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HOSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IFPB Campus Sousa. Seção de Registros Escolares: **Informações sociodemográficas**. São Gonçalo, 2009.

JUSTO, J. S. **O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso na contemporaneidade**. Revista do Departamento de Psicologia. UFF, v. 17 – n. 1, p. 61 -77, Jan/Jun. 2005.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Psicologia & Sociedade; 19(1): 15-22, jan/abr. 2007.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. –B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 7 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1983.

LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Gênero: questões para a educação.** In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. G. (org.) *Gênero, democracia e sociedade brasileira.* São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.

_____. (org) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** In: PRO-POSIÇÕES: Dossiê: educação, gênero e sexualidade. Campinas, SP Revista quadrimestral da faculdade de educação – UNICAMP. V. 19, n. 2 (56), maio /ago, 2008.

MAIA, A. C. **Sobre a analítica do poder de Foucault.** Tempo Social. São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 53-66, out., 1995.

MEYER, D. E. **Gênero e educação: teoria e política.** In: LOURO et all (org.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MESSEDER, S. A. **“Namorei não, ‘peguei’:** o ‘pegar’ como uma forma de relacionamento amorosa-sexual entre os jovens”. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/com_JUV_ST40_messeder_texto.pdf> Acesso em: 08/11/2010.

OUTEIRAL, J. **Adolescer.** 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda., 2008.

PALÁCIOS J. **O que é a adolescência.** In: COOL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (orgs). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.* Tradução Daisy Vaz de Moraes. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, v. 1, 2004.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura.** 6. ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense. Coleção primeiros passos, v. 100, 1988.

RIETH, F. **A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, junho de 2002.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 1ª reimpressão, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

ROSEMBERG, F. **Educação formal, mulheres e relações de gênero: balanço preliminar da década de 90.** In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, G. *Gênero, democracia e sociedade brasileira.* São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.

Seção de Registros Escolares: **Informações sociodemográficas.** IFPB Campus Sousa, São Gonçalo, 2009.

SILVA, S. P. da. **A relação amorosa no cotidiano do adolescente**. Campinas, SP, 2001. 190 p., Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SCHILLING, V. O estruturalismo: Lèvi-Strauss e a antropologia estrutural. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/07/05/003.htm>>. Acesso em: 01/07/2008.

SWAIN, T. N. **Quem tem medo de Foucault?: feminismo, corpo e sexualidade**. Disponível em: <<http://www.foucault.hpg.com.br>>. Acesso em: 16/04/2010.

SZYMANSKI, H. (org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2008. (Série Pesquisa, v. 4).

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Líber Livro Editora, (Série Pesquisa, v. 5), 2007.

VIEGAS-PEREIRA, A. P. F. **“AIDS? Tô fora:”** Um estudo com adolescentes em duas escolas em Belo Horizonte sobre os fatores que determinam o uso do preservativo na era da AIDS. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Posteres/AIDS_Tô_fora - Um estudo com adolescentes...pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Posteres/AIDS_Tô_fora_-_Um_estudo_com_adolescentes...pdf)>. Acesso em: 08/11/2010.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, G. (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos arquivos: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

1. DADOS PESSOAIS:

Idade: _____ Sexo: M(☐) F(☐) Religião: _____
 Local onde reside: Sítio (☐) Cidade (☐)
 Série: _____ Turma: _____

2. SITUAÇÃO FAMILIAR:

Com quem você mora?

- a) Mora com pai e mãe (☐)
- b) Com a mãe (☐)
- c) Com o pai (☐)
- c) Com os avós (☐)
- d) Com outros parentes (☐)
- e) Não mora com a família (☐)

3. SOBRE RELACIONAMENTOS:

Sobre relacionamento entre jovens, você costuma “ficar”?

- a) Sim (☐)
- b) Não (☐)

Entre “ficar” e namorar, o que prefere?

- a) Apenas “ficar” (☐)
- b) Apenas namorar (☐)
- c) Nenhum dos dois (☐)

Explique o por quê da sua resposta _____

Se apenas “fica”, em que ocasiões costuma fazê-lo?

- a) Em festas (☐)
- b) Em final de semana (☐)
- c) Em viagens (☐)
- d) Sempre que surge uma oportunidade (☐)
- e) Caso não concorde com nenhuma das alternativas, explique por quê? _____

Diz-se que o “ficar” para acontecer independe de lugar; necessitando apenas de oportunidades e estímulos para que ocorra. Concorda com esta afirmação?

- a) Sim (☐)
- b) Não (☐)

Costuma “ficar” com mais de uma pessoa numa mesma ocasião?

- a) apenas com uma (☐)
- b) Com duas (☐)
- c) Com mais de duas (☐)
- d) Não gosto de “ficar” (☐)

Já aconteceu depois de ter “ficado” com alguém, o relacionamento ter se transformado em namoro?

- a) Sim () b) Não ()

Qual o motivo que poderá levar você a “ficar” com alguém?

- a) A beleza física ()
b) A forma de vestir-se ()
c) A forma de agir ()
d) O tom da voz ()
e) A atenção para com você ()

O que prefere: “ficar” com alguém que você já conhece ou “ficar” com alguém que acabou de conhecer?

- a) Prefere ficar com um amigo/a ()
b) Prefere “ficar” com um ex-namorado ()
c) Com alguém a quem acabou de conhecer ()
d) No “ficar” não importa se o “ficante” é ou não conhecido ()

Explique o porquê da sua resposta, por favor _____

Às vezes no “ficar”, as carícias levam à relação sexual, você já viveu essa situação durante o “ficar”?

- a) Sim () Não ()

Sempre existe alguém a quem contamos nossos problemas mais íntimos e afetivos:
No seu caso, a quem você procura para conversar sobre o assunto?

- a) o pai e a mãe ()
b) o pai ()
c) a mãe ()
d) um tio/a ()
e) um/a amigo/a ()
f) o grupo de amigos/amigas ()

Por quê?

4 Na sua opinião, existem jovens que não têm conhecimento sobre métodos contraceptivos?

- a) Sim () b) Não ()

Acredita ser importante haver algum tipo de prevenção às DST/AIDS?

- a) Sim () b) Não ()

Por quê?

Alguns jovens parecem não se preocupar com a prevenção, mesmo estando informados sobre ela; que razões levariam o jovem à despreocupação sobre este assunto?

- a) Pensar que nada de mal irá lhe acontecer ()

b) Preconceito com relação aos métodos preventivos ()

c) Atitude de indiferença em relação à saúde ()

d) Para se opor aos pais ()

e) Outra razão ()

caso esteja de acordo com o último item, explique a sua opinião, por favor _____

APÊNDICE B – TEMA PARA GRUPOS DE DISCUSSÃO

Tema:

1. O relacionamento sexual e afetivo entre os adolescentes;
 - 1.1 As dúvidas e questionamentos dos adolescentes sobre sexualidade;
 - 1.2 O que sabe o adolescente sobre sexualidade e as questões que a envolvem.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa intitula-se **Uma cartografia do “ficar” entre os adolescentes** e está sendo desenvolvida por **Vandelúcia de Fátima Ferreira de Sousa**, aluna do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes.

O objetivo do estudo é cartografar o “ficar” entre os adolescentes (15 a 17 anos de idade), partindo da apreensão dos relatos dos alunos de uma escola da rede pública de ensino.

A intenção deste estudo é procurar saber sobre o adolescente em sua forma de agir e de sentir em relação ao “ficar” e às questões que envolvem a sexualidade e assim, contribuir para a realização de um trabalho sobre sexualidade na área educacional.

Para tanto a pesquisa fará uso da aplicação de questionário e de grupos de discussão sobre tema relacionado ao estudo.

Solicitamos a colaboração para responder ao questionário e aos grupos de discussão sobre o assunto, como também autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos didático-científicos. Por ocasião da publicação dos resultados, será mantido o sigilo e a integridade jurídica, física e moral dos participantes.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária, podendo portanto o seu filho/ filha desistir de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora, sem que haja prejuízo para sua pessoa.

As pesquisadoras estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Cordialmente,

Vandelúcia de Fátima Ferreira de Sousa
(Responsável pela pesquisa)

CONSENTIMENTO/ AUTORIZAÇÃO

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e como responsável por _____ dou o meu consentimento para que meu filho/ minha filha participe da pesquisa e também para a publicação dos resultados.

Sousa, outubro de 2009

Assinatura do Participante da Pesquisa e/ou responsável legal